Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 25 DE JUNHO DE 1972 — N.º 17782 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

XINGU

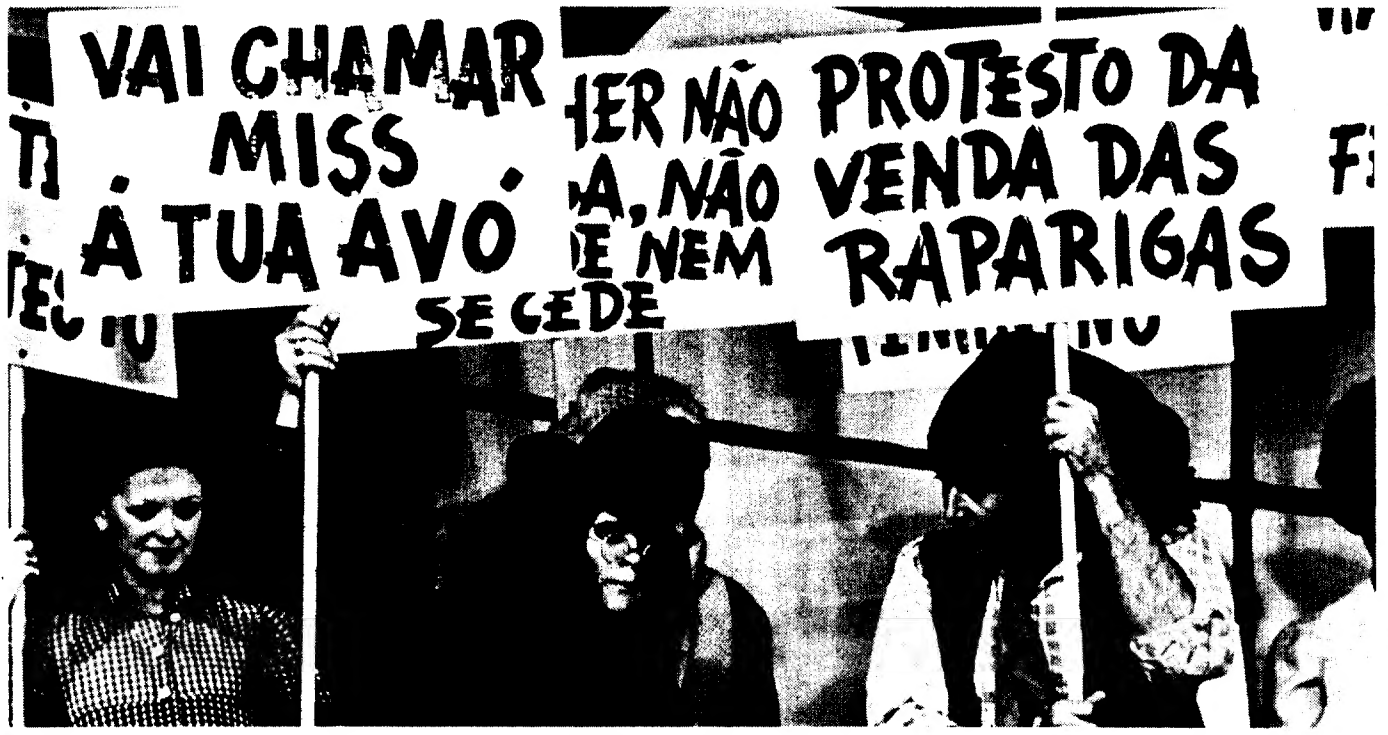
PARAÍSO PERDIDO NO BRASIL

A construção de estradas na selva ameaça o Parque do Xingu, obra dos irmãos Villas Boas e último refúgio, até agora seguro, de várias tribus de índios brasileiros. Uma antropóloga inglesa, Marika Tenison, visitou o Xingu e conta-nos o que viu no último paraíso perdido na Terra. Na foto, Claudio Villas Boas, candidato ao Nobel da Paz, com um índio Txukarramai. (Páginas centrais)

AL CAPONE

O REI DE CHICAGO

Exclusivo



Florbela Queirós está sensacional em «P'rá Frente, Lisboa» (foto) mas a presença do «grande actor» desvirtua a revista. (PÁGINA 6)

CULATRA

ILHA PERDIDA

NO

ALGARVE

Reportagem

Álcool e ciúmes arruinam o «casal feliz» da tela: Liz Taylor e Richard Burton, este «in love» (foto) com Nathalie Delon. (P. 8)

HOJE: 32 PÁGINAS

CONHEÇA A REPÚBLICA DAS MARMOTAS

DL/DOMINICAL — SETE DIAS NO MUNDO

A libra flutuante preocupa a Europa

A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

Desvalorizações, revalorizações, flutuações. São termos que com cadência cada vez maior vemos nos títulos dos jornais. A frequência com que surgem estas alterações na ordem monetária é índice de instabilidade, de desordem. Desta vez foi a libra esterlina. Outra vez. O Governo inglês resolveu pôr a sua moeda a boiar, perdão a flutuar, devido às pressões no mercado. Pôr uma moeda a flutuar significa que o seu valor fica mais ou menos sujeito à lei da oferta e da procura, tal como as costeletas de vaca. Isto é um mau princípio para a formação de uma comunidade alargada como aquela em que a Grã-Bretanha vai entrar. A instabilidade monetária inglesa preocupa legitimamente os financeiros dos «dez». E com razão, pois a Inglaterra, apesar de todas as suas instabilidades, é ainda uma grande potência industrial e os seus achaques afectarão inevitàvelmente os parceiros a quem estiver mais intimamente ligada. Mais grave ainda, devido às estreitas ligações entre Londres e Wall Street, os achaques do dólar — que tendem a tornar-se frequentes — acabarão por se propagar aos ricos europeus com uma intensidade maior do que seria de esperar, caso a Inglaterra estivesse de fora. Por outro lado, os parceiros da Inglaterra nos «dez» devem sentir-se inquietos com o progressivo deterioramento da posição do Governo de Heath face ao eleitorado britânico. É que os trabalhistas, a quem esta desvalorização de facto só pode beneficiar, não são tão partidários do Mercado Comum como os seus adversários conservadores. Não que eles possam desfazer completamente aquilo que Heath acordou com a Europa. Nem mesmo o pretendem ou podem fazer. Mas a retórica, em grande parte com fins eleitorais, de Wilson e dos seus pares levou o Partido Trabalhista a compromissos para o futuro de que muito dificilmente poderão fazer tábua rasa. Wilson prometeu, caso suba ao Poder, um referendo sobre as condições de entrada para o Mercado Comum. As presentes dificuldades económicas e financeiras de Londres só podem ajudar a reeleição do «labor» e, consequentemente, a realização de um tal referendo. Como se sabe, grande parte do público inglês é contra a entrada na comunidade europeia. E tem fortes razões para isso, pois o seu nível de vida pode vir a ser fortemente afectado, sobretudo pela subida inevitável dos preços de inúmeros artigos de primeira necessidade como os alimentares. Como de costume, quem mais sofrerá, pelo menos temporàriamente, serão aqueles com menor poder de compra, aqueles cujo orçamento familiar inclui uma maior verba (em percentagem, claro está) para as despesas de alimentação. A flutuação da libra levanta pois graves problemas para a Europa em que Heath quis incluir a Grã-Bretanha.

SEGUNDA-FEIRA

Para sublinhar a necessidade que sentem de medidas efectivas contra os desvios de aviões, pilotos de linha de todo o mundo entraram em greve por 24 horas. Houve algumas falhas derivadas de razões diversas, mas pode dizer-se que o protesto foi espectacular. Há quem diga que, ao fim e ao cabo, a greve é objectivamente reaccionária pois tende a dificultar a acção de pessoas que se têm por revolucionárias. Contudo, não se poderá esquecer que os desvios de aviões constituem de facto uma grande ameaça à livre e segura deslocação das pessoas; que não é desviando aeronaves que se vencem inimigos; e que grande parte dos assaltos destes tipo têm hoje fins puramente lucrativos.

Começou às 0 horas o período dentro do qual a França poderá, de um momento para o outro, começar uma nova série de ensaios nucleares no atol de Mururoa. Os protestos são muitos.

TERÇA-FEIRA

George McGovern, o senador democrático candidato à presidência dos EUA, venceu a última grande «primária» — a de Nova York. Passou a garantir a presença de 1339 partidários seus na Convenção de Miami. Faltam-lhe apenas 170 para atingir o número que lhe dará a nomeação. Parece quase impossível que lhe venham a tirar este direito de se bater contra Nixon na consulta de Novembro.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas, sem nunca ter reunido formalmente nem votado coisa alguma, aprovou por unanimidade uma moção onde se condenam os desvios de aviões e se pede aos governos que tomem as medidas apropriadas para os evitar.

QUARTA-FEIRA

Forças israelitas bombardearam uma aldeia libanesa aparentemente como acção de diversão para facilitar uma incursão por terra. Nessa incursão foram capturados ou raptados (conforme o ângulo porque se queira ver) cinco oficiais superiores sírios e três libaneses. Segundo a versão israelita, de que não apareceu desmentido, os sírios encontravam-se dentro do território libanês embora muito perto da fronteira. E mais um agravamento da situação naquela zona quente, mas não parece que as coisas venham a chegar ao rubro. Os países árabes ainda não estão preparados e não parecem verdadeiramente interessados.

Kenneth Kaunda, o presidente zambiano, previu que as guerras de libertação do sul da África se vão «tornar ainda mais quentes». Aqui, ao contrário do Médio Oriente, parece haver países interessados em levar os acontecimentos se não ao rubro, pelo menos a um fogo muito vivo.

A libra flutua e os «dez» inquietam-se

QUINTA-FEIRA

O novo Governo italiano está prestes a formar-se. Quatro partidos deram já a sua concordância à nova fórmula de centro-direita. São eles a inevitável democracia-cristã, o Partido Social-Democrata, o Partido Republicano e o Partido Liberal. Os republicanos, no entanto, ficam de fora do Governo embora o apoiem. Completamente de fora ficarão os socialistas o que, naturalmente, provoca a clarificadora viragem à direita. Vitória dos neo-fascistas portanto. Mas temporária. Donnat Catin, o ministro do Trabalho, e Aldo Moro, o dos Estrangeiros, manifestaram já o seu profundo desacordo com a fórmula que Andreotti pretende criar. A esquerda da DC não quer virar à direita.

SEXTA-FEIRA

Crescem por todo o lado, mas especialmente no Pacífico, os protestos contra os projectados ensaios nucleares franceses que ainda não começaram. Cinco países latino-americanos exigiram a suspensão das experiências que, segundo eles, afectariam a vida animal e vegetal na cordilheira dos Andes, além de fazerem perigar vidas humanas em toda a região. Um desses países, o Perú, já anteriormente ameaçara cortar as relações com Paris durante uma outra série de explosões atómicas. Essa série foi suspensa. Resta saber se a pressão a que o Governo francês está sujeito surtirá o efeito desejado, poupando o mundo a mais um bom bocado de poluição que nem sequer tem qualquer fim útil para a Humanidade?

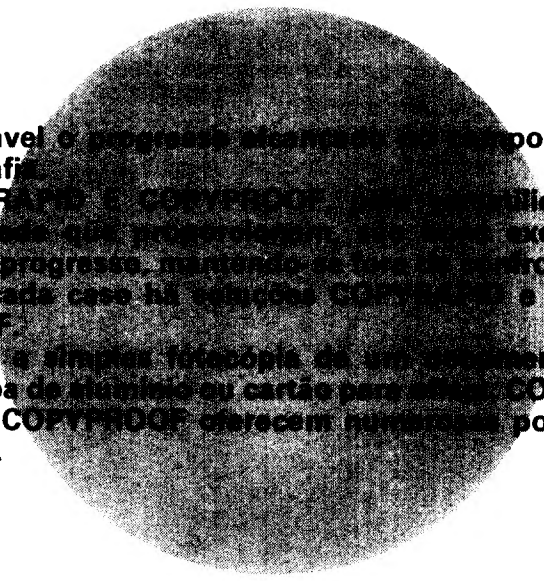
Enquanto a FNL do Vietname do Sul desencadeava um ataque em três frentes contra Hué, Henry Kissinger deixava Pequim depois de prolongadas conversações com os dirigentes chineses das quais nada transpirou.

SÁBADO

Três soldados ingleses foram mortos na Irlanda do Norte, dois dias antes do começo do anunciado cessar-fogo. Partindo do princípio que o cessar-fogo vem mesmo a entrar em vigor, ele constituirá uma substancial vitória da diplomacia de William Whitelaw sobre o extremismo protestante e, também, uma derrota dos «provisórios» do IRA face aos «oficiais». Será, em resumo, a vitória da análise política acertada sobre o «militantismo bombista» indiscriminado e quase sem ideologia. Para conseguir chegar a este cessar-fogo, Whitelaw teve de ceder em alguns pontos considerados fundamentais pelos protestantes. Os «provisórios» cedem devido ao isolamento a que se iam condenando.

COPYRAPID ✻ COPYPROOF

REPRODUÇÃO À MEDIA DAS EXIGÊNCIAS



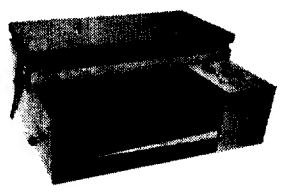
É notável o progresso alcançado no campo da reprografia.
COPYRAPID e COPYPROOF [illegible] qualidade e qualidade que proporcionam. [illegible] exemplos desse progresso, mantendo-se [illegible] ponto.
Para cada caso há soluções COPYRAPID e COPYPROOF.
Desde a simples fotocópia de um documento até à chapa de alumínio ou cartão para offset, COPYRAPID e COPYPROOF oferecem numerosas possibilidades.

CÓPIAS VULGARES

CÓPIAS DE DUPLA FACE

CÓPIAS MATE PARA DESENHO

REPRODUÇÕES COM TRAMA EM PAPEL OU FILME



CÓPIAS TRANSPARENTES PARA OFFSET E PROJECÇÃO

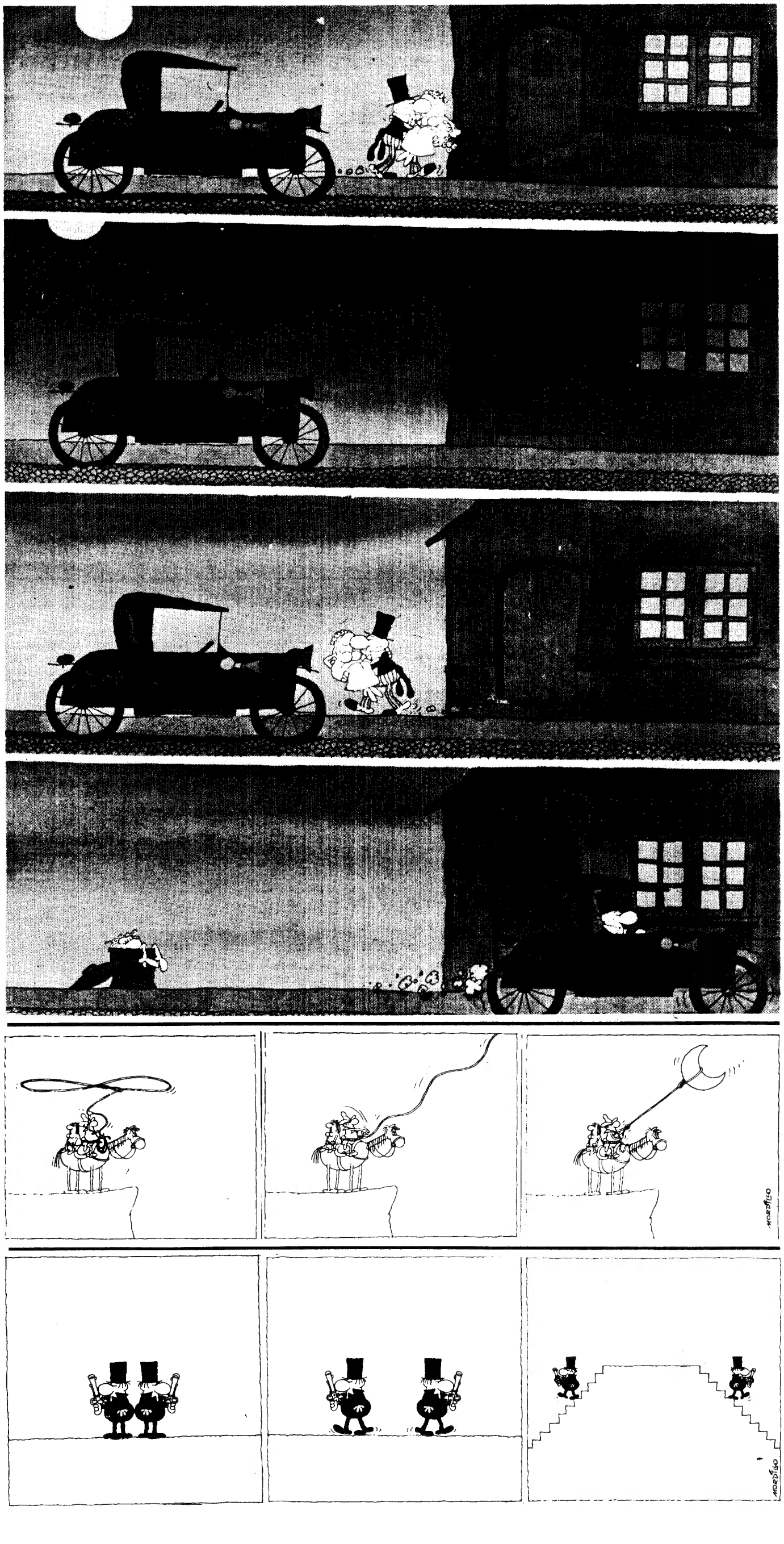
REPRODUÇÕES REDUZIDAS OU AMPLIADAS

CHAPAS DE ALUMÍNIO PARA OFFSET

CHAPAS DE CARTÃO PARA OFFSET

PEDIDOS DE FOLHETOS TÉCNICOS E DEMONSTRAÇÕES A AGFA-GEVAERT — LINDA-A-VELHA — TEL. 219 00 31 (5 LINHAS) — PORTO — TEL. 2 45 05/6 OU AOS DISTRIBUIDORES «COPYRAPID», «COPYPROOF»

Mordillo



A SEMANA

1

«Estamos perante um renovo da acção revolucionária armada que, desde sempre, constitui o ideal dos grupos da extrema esquerda em Portugal __ disse o prof. Marcello Caetano em Almada, no passado dia 18. O primeiro-ministro e presidente da C.C. da Acção Nacional Popular referia-se, evidentemente, à tradição activista que os grupos extremistas da esquerda herdaram do anarco-sindicalismo dos primeiros séculos. Opondo-se à intervenção das classes trabalhadoras na política parlamentar __ que consideravam completamente controlada pela burguesia __ os anarco-sindicalistas preconizavam acções de massas contra as instituições económicas, ideológicas e políticas das classes dominantes. As suas reivindicações (**«selvagens»**, como mais tarde se diria) puseram em perigo a República democrática-burguesa de 1910. O 28 de Maio (a Revolução Nacional) e a reestruturação do aparelho de Estado que se lhe seguiu foram os antidotos que as forças conservadoras encontraram às acções violentas da extrema-esquerda.

2

Os grupos da extrema-esquerda actuais que pretendem segundo o prof. Marcello Caetano, abrir uma **«quarta frente»** em Portugal, contra o Exército português (as outras três estão abertas em Angola, Moçambique e Guiné) nasceram por oposição ao chamado Partido Comunista Português (actualmente dominada por uma direcção pró-soviética). Enquanto socials-democratas (Mário Soares) e pró-soviéticos (Álvaro Cunhal) se dispõem a participar nas instituições constitucionais vigentes (as eleições gerais de 1969 foram exemplo) a extrema-esquerda é eleitoralmente abstencionista, sindicalmente **«selvagem»**

3

Marcello Caetano referiu expressamente a A.R.A., os Comités Marxistas-Leninistas e as Brigadas Revolucionárias. A A.R.A. terá sido um braço armado do P.C.P., responsável pelos atentados de Novembro de 1970 e pelos que imediatamente se lhes seguiram. Através dela, o Partido pró-soviético procuraria responder aos que o acusavam de **«pacifismo»** e abandono de uma política revolucionária. A ARA teria sido dissolvida nos princípios do ano corrente. De qualquer modo, não apareceu a reivindicar nenhum dos atentados deste ano.

4

O Comité Marxista-Leninista foi fundado em 1964, frutô de uma cisão minoritária, marxista-leninista (vulgo pró-Chinesa) no P.C.P. Após a prisão dos seus dirigentes (Pulido Valente, Espiney e Francisco Martins Rodrigues) pelas autoridades policiais em 1965-66, o CMLP tem vindo a atravessar uma profunda crise interna. Outros grupos que se afirmam marxistas-leninistas surgiram posteriormente por cisão no CMLP ou autónomamente. Entre os primeiros encontra-se o grupo «O Comunista», que a nota oficiosa da DGS de 30 de Maio anunciou ter sido internamente desarticulado em Março.

5

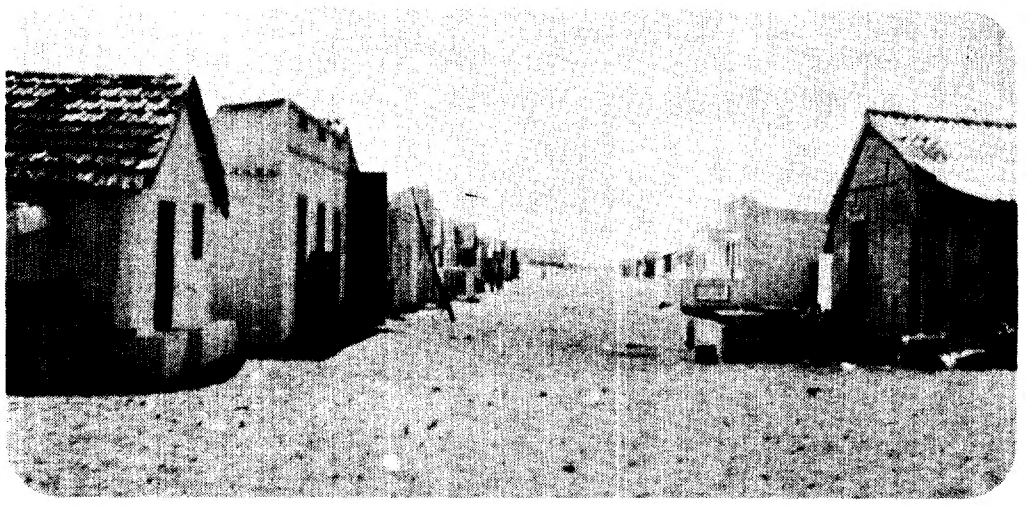
As **«brigadas revolucionárias»** constituem o braço armado da FPLN (Frente Portuguesa de Libertação Nacional) com sede em Argel e que teve até 1970 participação do PCP. No Verão desse ano, rompeu com os pró-soviéticos e tem vindo a definir uma linha activista, com profundas afinidades ideológicas com o guevarismo e o castrismo. Linha idêntica é a do LUAR (Liga de Unidade e Acção Revolucionária), fundada por Inácio Palma e responsável pelo assalto ao banco da Figueira da Foz e pela tentativa de ataque à Covilhã em 1967. Após ter atravessado uma crise interna, estaria numa fase de reorganização, ainda segundo a mesma nota da DGS.

6

A acção revolucionária da extrema-esquerda é, segundo Marcello Caetano **«preparada, ajudada e estimulada por enorme esforço de propaganda que utiliza não só o pasquim clandestino, como a literatura, o teatro, e cinema, os boletins de informação de certos organismos e todas as formas de deformação ideológica das realidades e de lenta penetração nos espíritos»**. A «Época» de 23 do corrente escrevia: **«Nem a própria revista teatral escapa. No espectáculo que é uma tradição do público lisboeta vimos já surgir o exemplo do que se pode (e não deveria) fazer nesse aspecto revolucionário»**.

GENTE NUM MUNDO DIFERENTE

DUAS MIL PESSOAS NUMA ILHA ALGARVIA



«Aquele enorme silêncio a boiar sobre a paisagem...»

. *«Ó Vila de Olhão da Restauração/Madrinha do povo madrasta é que não...»* Em pleno coração da vila, perco-me nas ruas estreitas à procura da saída para o cais. Seta preta, na parede branca, indica o caminho. Meio dia. A água suja da ria já está na minha frente. Viro à esquerda e vou ter ao Cais T, onde alguns pescadores, dentro dos barcos, arranjam os instrumentos de pesca e desembaraçam as redes dos limos. A minha chegada provoca uma certa reacção: risos, duas ou três larachas e a convicção de ser «estrangeira». Falo-lhes em português, o que traz uma nova dimensão ao acolhimento. Todos, ao mesmo tempo respondem às perguntas.

— *A pesca está pior do que nunca...*

— *Nós vivemos melhor do que dantes...*

— *Hoje ganhei noventa e quatro escudos na lota... mas ainda tenho de pagar o desgaste de material...*

— *Há dias em que se vende mil escudos e vamos ao mar ser trazer nada...*

— *A sardinha perdeu o valor de antigamente... O turismo veio estragar tudo...*

— *Vendemos um quilo de peixe por mais dinheiro mas as batatas também estão mais caras...*

Deixo-os falar. Sem intervenção. Oiço, apenas.

Olhão, um dos portos de pesca mais importantes do Algarve, emprega cerca de três mil pescadores. Em activo 201 embarcações a motor. Incluem os arrastões de pesca dos crustáceos, traineiras e respectivos acostados e ainda os barcos de pesca artesanal. Os 1025 botes em circulação na Ria estão englobados no ramo das embarcações a vela e remo.

Os homens continuam a conversar no cais, àquela hora quase deserto. Fernando Alberto Oliveira Carrada, 29 anos, dois deles vividos na Alemanha:

— *Voltei porque não arranjava casa para a minha mulher. Trabalhava numa fábrica de vidros e sempre juntei algum dinheiro...*

Os outros intervêm:

— *Mas já o gastou todo. Nas «Boites»... e outras coisas... Não tem juizo nenhum.*

— *Na Alemanha* — continua o Fernando — *fazia uma média de 16 horas diárias. Aprendi um ofício numa semana. Aqui nasce-se e morre-se pescador.*

José Jacinto não sabe ler. E tem pena. E um homem forte, vermelhusco. Fala alto e desassombradamente. O mar sempre foi a sua luta. À custa de suor e pulso conseguiu amealhar 40 contos. Empatou-os no «Seli»: um barco.

— *Andei pela Holanda, Inglaterra, Dinamarca... até estive na Rússia... Quando viajava pela Europa, dois anos após a guerra, aquilo era um dó de alma: tudo arrasado. Fui contramestre da marinha mercante enquanto, aqui, nem para moço de um barco me quiseram.*

Palavras cansadas mas não destituídas de força: *«aqui assim... aqui assado...»*

— *Aqui não temos protecção...*

CULATRA

Disseram os pescadores: *«Vá à ilha da Culatra»*. Sigo o conselho depois de vencer um problema, no momento de difícil solução. Como? Se, nesta altura do ano, só há duas carreiras de barco: uma, para lá, às onze e outra, para cá, às cinco e meia. O transporte das onze partira. E agora?

— *Arranja-se barco* — diz um velho pescador, inválido, sentado no cais.

— *Eh! Vocês aí! Vão para a Armona? Levem esta senhora à Culatra.*

Tudo se resolve em poucos minutos: saltar para o «Carmelita» e seguiu. Os pescadores da «boleia», ainda jovens, mexem no motor do barco que parece não funcionar muito bem. E deslizamos, docemente, pelas águas escuras da Ria com Olhão atrás de nós. Meus companheiros de viagem quase ignoram a minha presença entretidos em extrair irritantes roncos ao motor.

Já com vinte minutos de caminho e ainda terra à vista. A Ria Formosa (só no nome) é serpenteada; viveiros de amêjoa violam-na constantemente. Passam traineiras e os pescadores do «Carmelita» acenam aos camaradas. Quase dou um trambolhão, de tal forma as águas lisas se tornam agitadas. Atentos, emudecidos, semblantes tisnados, boinas descaidas sobre os olhos, os pescadores curvam-se, outra vez, sobre o motor. De repente o grito:

— *A Culatra, a Culatra!*

Depois da manobra de aproximação do cais piso o cimento duro. Botes abandonados na areia e uma igreja, com ares de construção recente, a primeira visão da ilha. Uns metros para a frente e não vejo viva alma. Aquele enorme silêncio a boiar sobre a paisagem desfaz-se com os estalos da areia sob os meus pés.

O Sol, até agora escondido, rompe a cortina de núvens e ilumina o primeiro rosto daquela aldeia fantasma: uma criança de três a quatro anos suja e desgrenhada. Quando me vê desaparece no labirinto de casas. De novo, sòzinha, não sei onde me dirigir. A luz do sol desenha o perfil de cobre de um velho pescador ancorado à porta de uma casa. Imóvel, qual patriarca do povoado, indica o barracão.

— *Ali dão-lhe todas as informações. Os homens, hoje, não foram à pesca...*

A VIDA DIÁRIA

Perto de dois mil habitantes na Ilha da Culatra. Espremida entre a Ria Formosa e o Oceano Atlântico, alberga uma população de brigões pela vida. Do mar lhe vem o sustento. Quatrocentas casas todas iguais. Apenas na cor se diferenciam: azuis, amarelas verdes. De platex. Poucas habitações em tijolo e pedra. Só meia dúzia de construções recentes.

Na «venda» do José Guerreiro os homens conversam. «Vendas» existem sete, mas faltam a luz e os esgotos. Estranhei as antenas de televisão nos telhados...

— *Todas as «vendas» têm televisão. A energia vem de geradores próprios. São os únicos a possuir luz eléctrica; nas outras casas a iluminação é a petróleo.*

(Explicou António Torres: dezoito anos desempoeirados e um ar, de certo modo, diferente da gente da Culatra. Filho de pescador, estuda na Escola Técnica de Faro. Com ele somam oito os estudantes da Culatra: número excessivamente baixo para uma média de duas mil pessoas).

As «vendas» servem para tudo: convívio, cavaqueira, diversão; para a compra do «Omo» e da carne do talho; para os bailes e casamentos até ao emborcar de uns «baldes» acompanhados de conquilhas.

— *A malta nova não dança. Têm vergonha* — continua António Torres — *Gostam mais de petiscos e cerveja. Por outro lado as raparigas pouco aparecem. Porquê? Noivos e irmãos no Ultramar. Não saem de casa*

Lanalgo

AGRADECIMENTO

«Lanalgo, Lda.», vem pùblicamente agradecer o precioso e inesquecível apoio oferecido por clientes, fornecedores, Companhia dos Telefones, Bancos, e a todos os seus amigos, em resultado do incêndio que recentemente destruiu parte das suas instalações.

«Lanalgo, Lda.», encontrou nesse maravilhoso acto de solidariedade um dos mais fortes incentivos para lutar e reocupar a sua posição no Comércio nacional.

A todos «Lanalgo, Lda.», manifesta a sua mais profunda gratidão.

porque as pessoas daqui acham que parece mal.

As mulheres da Culatra não têm ofício. Ajudam os maridos a coser as redes e na apanha do marisco. Novos e velhos exploram o mar. Quando rebenta um temporal — o que é raro — as mulheres, junto da capela, rezam à Senhora dos Navegantes pela protecção dos maridos.

— Como se apanha a ameijoa?

— *São tiradas da areia, onde estão enterradas, com a ajuda de uma faca apropriada* — diz o rapaz. *Quase toda a gente possui o seu viveiro: um quadrado de 50 a 60 metros... Sempre rende qualquer coisa ao fim do ano.*

João Henrique Rocha:

— *Quatro ou cinco contos por ano. Não compensa o trabalho. Muitas vezes é só lodo e então carregamos areia; cava-se; tiram-se os limos...*

— E a conquilha?

— *Isso não. Só vamos ao mar à conquilha para comer. Tomáramos nós dar conta da apanha da ameijoa quanto mais ir à conquilha... A nossa vida não é essa.*

Na Culatra apenas uma minoria sabe ler. Ou melhor: dos trinta para baixo ainda se encontram alguns entendidos nas letras e da geração mais nova (até aos vinte) todos frequentam a escola.

— *Está bonita a escola* — comenta José Bentes, um pescador de meia idade — *a cair aos bocados... e a água chega ali ao pé... Em tempos foi o posto de salva-vidas. A minha idade? Sei lá! Não tenho letras... a nossa vida é muito incerta. Uns dias ganha-se muito e outros nada. Quem manda é a pesca. Quando não se pode ir ao mar por causa do vendaval agarramo-nos ao marisco. Riquezas não temos. Nem juntamos para automóveis mas para comer sempre se arranja. A vida do pescador é assim... o que custa mais é a «redinha»...*

Perante a interrogação do nosso olhar o homem acrescenta:

— *Larga-se uma rede grande e depois puxa-se para terra...*

(José Bentes tal como os outros pescadores da Culatra, trabalha no sistema da companha: em que o pescado é dividido por todos os camaradas).

OS EMIGRANTES

A caminho do mar ainda um quilómetro distante. Penosamente, pés engolidos pela areia, transponho pequenas dunas cobertas de vegetação rasteira; ao princípio galhos secos estalam e pegam-se aos dedos mas o ruido da areia molhada denuncia a água próxima. Um ouvido bem apurado percebe fàcilmente o barulho das ondas.

Outra duna — e desemboco na praia imensa que liga o Farol à Armona com a Culatra no meio. Na solidão daquele lugar ermo apenas o «rom-rom» das traineiras, ao largo, quebra o envolvente silêncio tumular. Regresso: encurtado pela pressa de voltar.

Novamente, no centro da aldeia, agora mais movimentada. Raparigas sentadas às portas bordando o enxoval que espera na arca de pinho a hora de ser usado; mulheres catando os filhos; crianças entretidas na brincadeira dos papagaios de papel (o vento bulia forte) e dezenas de homens enconstados à umbreira das tascas.

A emigração, na Culatra, quase nem se dá por ela. Os raros emigrantes depressa regressam.

João da Cruz; um ex-emigrante:

— *Todos os que abalaram já cá estão. Não nos habituamos às terras estrangeiras... nas Áfricas ainda se fixaram alguns... mas aqui a vida é melhor: somos gente igual.*

Num percurso exaustivo por todo o Algarve descobri que a Culatra talvez seja dos poucos sítios onde não aparecem turistas. Como é possível? Linda ilha rodeada de mar...

— *No Verão, em Julho, começam os barcos de hora a hora mas os turistas não vêm... nem turistas nem ninguém.*

Por isso a minha digressão ali, foi um acontecimento.

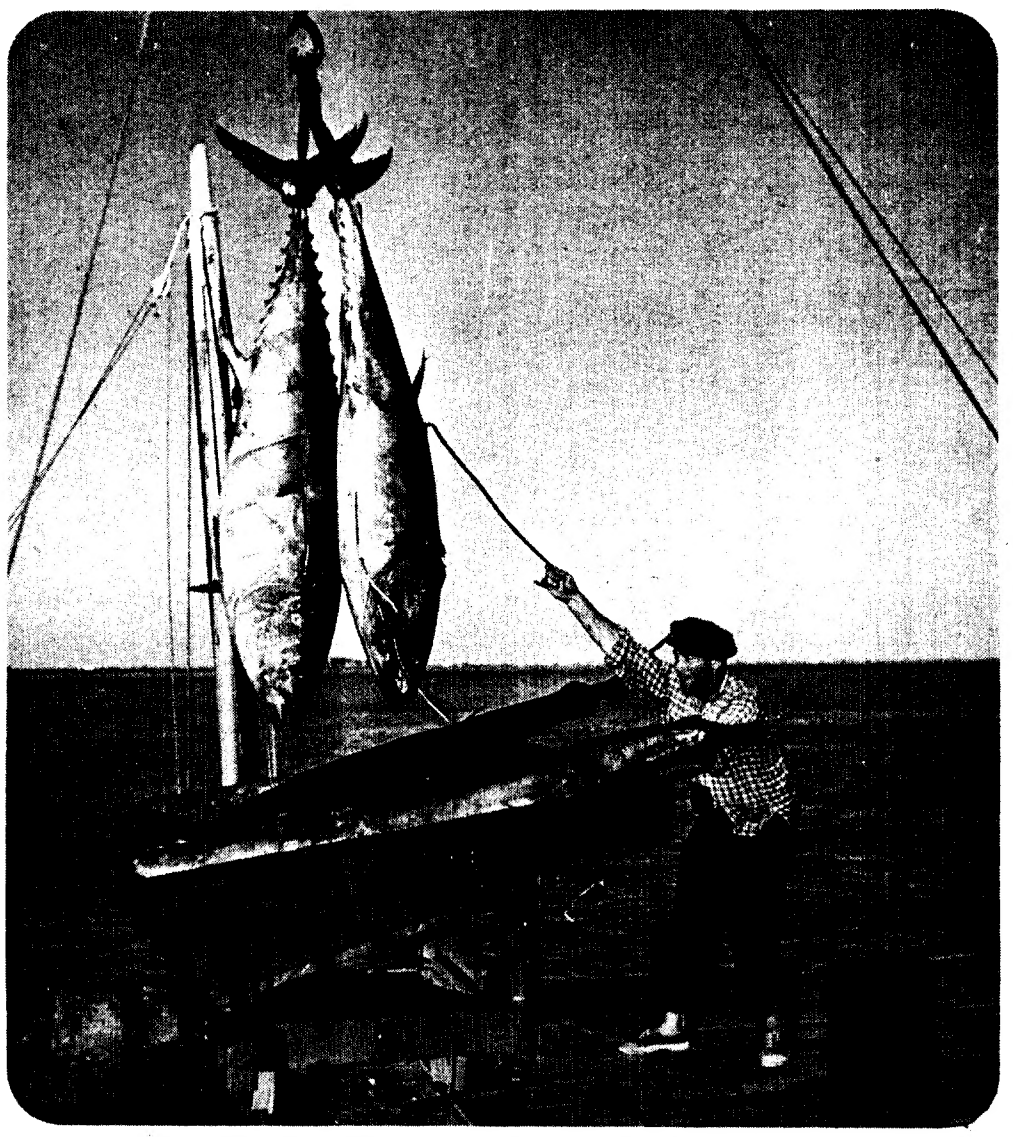
— *A nossa ilha é santa* — diz a mulher da venda — *nunca acontece nada de mal. O mar não é bravo... Quer ir para Olhão? O compadre Manuel leva-a...*

Já no «Triade», uma traineira robusta, penso naquela gente que vive na quietude da Ilha. Sem dramas. Sem ambições. Com cinquenta barcos e uma igreja funcionando só no Verão que *«é quando o padre lhe apetece dizer missa»*.

Sem sobressaltos nascem e morrem no desconhecimento total do mundo os habitantes da Culatra.

Reportagem de LURDES FÉRIA

«Os emigrantes regressam depressa»



A pesagem do atum

CASA DA COMÉDIA
Às Janelas Verdes
HOJE
e todas as noites pelas 22 horas
«DESEJA-SE MULHER»
de
ALMADA NEGREIROS
Marc. pelo Telef. 67 72 99
Maiores 18 anos
Subs. Fundo Teatro

para as suas férias, a
OLYMPUS TRIP35

A Olympus TRIP 35 não trabalha sòzinha, mas quase.
Você só tem de escolher o assunto e de carregar no botão, que a sua OLYMPUS fará o resto. Surpreenda-se a si mesmo... e aos seus amigos... Com a OLYMPUS TRIP 35 as suas fotos vão ser incomparáveis.

OLYMPUS TOKYO

DEPARTAMENTO FOTO-CINE
R. ANTÓNIO ENES, 9-C
sonipol LISBOA – PORTO

À VENDA SÓ NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE
OLYMPUS

Prémios Crédito Predial de Televisão – 2.º trimestre

Considero que o melhor programa português apresentado neste trimestre pela R. T. P. foi _____

Nome _____

Morada _____

Envie este cupão para o Campo dos Mártires da Pátria, 59-6.º, Dt.º, Lisboa, até ao dia 2 de Julho

No dia 10 realiza-se o sorteio de uma conta-depósito de Esc. 15.000$00 entre todos os cupões recebidos.

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

TANATOS CONTRA EROS

Nada mais embaraçoso do que a intromissão do chamado «grande actor» numa revista. A revista que funciona **tem** de ser o reflexo de uma certa mediocridade, aquela que leva as pessoas a repetir chavões, a simular seriedade, a queixar-se diàriamente de tudo, a passar adiante a última anedota, o último segredo político, a última indiscrição sobre a vida alheia.

O catálogo dos chavões é vasto e variado:

Camões? Grande poeta. Mas foi a minha tortura no liceu.

Tantos problemas importantes e eles impingem-nos as misses.

Fulano tem um temperamento difícil.

Isto é uma selva.

Comigo é pão-pão, queijo-quejo.

Agora os jornais só falam do futebol.

O único semanário que ainda se pode ler é «A Flama».

Amália, Eusébio, Agostinho... Pois. E o custo de vida a subir.

Essa parceria do César de Oliveira é a melhor que está aí actualmente.

E as criancinhas? Quem pensa em tantas criancinhas ao abandono?

Isto é tudo uma cambada de analfabetos e oportunistas.

Aí entra em cena o «grande actor», tipo José de Castro, e baralha o jogo. Porque os autores esmeram-se no número forte, metem cibernética e outras novidades, e a gente boceja, fica à espera que voltem logo o Solnado, a Florbela, a Linda Silva. O «grande actor» em revista é uma falsa subversão da mediocridade, um chatíssimo hiato no livre curso das piadas desinibidoras. Piadas, evidentemente, que deixam tudo no lugar, que fazem rir mas não tiram o sono de ninguém, que chamam a atenção para o que já sabemos, o turismo, os viadutos, as sinecuras, os golpes na praça; piadas que depois são reproduzidas nos cafés, que nos equiparam aos que bebem do fino, aos que não se deixam enganar, aos espertos que já chegaram ou chegarão lá onde todos querem chegar.

Revista ainda sobrevive porque tem a imaginação gráfica delirante de Pinto de Campos, os cenários que mastigam as artes plásticas tal como os filmes de Hollywood digeriam a realidade; porque tem mulheres lindas como a Linda Silva; porque nela desfilam comediantes de excepcional talento caricatural como Solnado e Florbela; porque nos fala do nosso quotidiano vulgar, sem grandeza, sem horizontes, sem participação activa. Porque nos mitiga, durante uma noite, a falta de outras coisas.

A presença do «grande actor» introduz Tanatos na corte de Eros. José de Castro é o cangalheiro, é o computador, é o suicida, é o sinistro «travesti» da mulher virgem. Vestido de luto ou nu, é a imagem da morte, da aridez e do tédio.

Rosselini, um dos meus cineastas de cabeceira, lembrava há tempos que a agitação, a violência, a angústia, a inércia espiritual e a resignação passiva são fenómenos que aparecem a todos os níveis das manifestações individuais e sociais. Acrescentava que o homem de hoje, incluindo o dos países ditos desenvolvidos, parece não ter o senso das coisas e de si mesmo. Sobre tais fenómenos propunha que as artes dessem um testemunho capaz de suster a náusea que trabalha os seres humanos, num mundo cuja face a técnica e a ciência mudam dia a dia.

José de Castro agrava a náusea, é o testemunho grandiloquente e retórico da mediocridade perturbada pelas mudanças. O seu computador inunda de trevas um palco luminoso, assume os terrores subjectivos individuais diante do avanço tecnológico e das perspectivas de uma hecatombe nuclear, avaliza a terrível premonição colectiva: o Homem está condenado desde que um moderno dr. Fausto dividiu o átomo.

A revista fica ainda mais reaccionária quando o «grande actor» está em cena.

ARMINDO BLANCO

Solnado, Linda Silva, José de Castro, Irene e Florbela: em «P'ra Frente, Lisboa», o «grande actor» introduz Tanatos na corte de Eros

CULTURA E «ROCK»

Em França segundo informa o «Nouvel Observateur», acaba de ser editado pela «Champ Libre» ao preço (pouco acessível) de 22,50 francos o livro «Pop Music/Rock».

Pelos termos abonatórios em que a notícia está redigida somos levados a crer que o livro merece ser lido com especial atenção, tanto mais que as implicações de caracter sócio-político inerentes à música «rock» continuam mergulhadas numa grave obscuridade. Entender a posição exacta desta música no processo complicado da «cultura» e «contra-cultura» e as suas relações com a juventude, é ficar com meio caminho andado no tocante à compreensão de problemas que diàriamente nos escapam.

Dentro dum processo ideolólico, a música «rock» terá um papel dinamizador quando as motivações que criar puderem ser canalizadas em sentidos determinados. O «rock», só por si não consciencializa mas amplia as condições de assimilação por parte dos seus receptores.

Dizendo isto, pensamos naturalmente no festival do Montijo e nos motivos que determinaram o não aparecimento da «música portuguesa» e a autorização dos agrupamentos contratados. Depois recordamo-nos que o verdadeiro espectáculo aconteceu não na arena, mas nas bancadas: gente a dançar, a gesticular, a mimar. E, perguntamos: para quando um estudo sociológico deste fenómeno entre nós? Haverá porventura quem o julgue irrelevante? Supomos que não.

No fundo, o espectáculo exige, cada vez mais, «leituras» que ultrapassem os relatos superficiais e falsamente objectivos dos factos em que assenta; nele se define uma (anti) cultura e através dela o espaço que envolve e responsabiliza.

JOSÉ JORGE LETRIA

O PARQUE NÃO ENGANA

Pertencendo ao elenco do teatro X há mais de dois anos, a jovem, prometedora actrizinha (enjeitara convites de chachadas sonantes para tentar nele algo de mais vertical) lamentava-se agora com abundantes amarguras e gestos pelas ilusões depressa evaporadas.

A decepção, o asco, faziam-na vibrar entre goles de bica num intervalo de café e convívio retemperador.

A pulso firme avançara num caminho que julgara certo, apesar de o sofrer no corpo, no estômago, na solidão. A vontade de querer construir-se ia-lhe, no entanto bastando na selvazinha em que mergulhara.

Mas essa esperança durou. As cores de dignidade (artística, humana) eram, porém, ilusórias e exteriores. O grupo a que aportara repetia, afinal, noutros moldes, os tradicionais, desesperantes esquemas, totalmente absorvido, (i) mobilizado por eles. Desigualdades, atropelos, prepotências, desrespeitos, explorações, despontaram e desenvolveram-se nele com a facilidade, a inevitabilidade do costume.

Doía-lhe almoçar galões com bolos enquanto as vedetas se empanturravam ao lado; amachucava-a ver os bons papeis irem parar sempre às mesmas mãos: asfixiava-a saber os pagamentos (apenas aos da sua situação) aviltantemente em atraso; angustiava-a a insegurança peça após peça, assustava-a o futuro sem prespectivas, o talente sem escape, o amor sem realização.

Quer fazer? Onde as possibilidades de avançar?

— ... Acabou-se tudo. Não estou mais para alimentar os oportunismos de certos mitos. Vou voltar atrás, vou para o teatro comercial. Nele ao menos tenho a dignidade de um ordenado de cente. Vou mesmo para o Parque Mayer dar à perna. E depois, lá, não se engana ninguém, não é?

FERNANDO DACOSTA

AS RAZÕES DO SUCESSO

Dois filmes com música de sucesso estão em exibição em Lisboa. Um é «Shaft», de que já se deu notícia. Outro menos falado é «Trinitá», o que não impede de já estar há 22 semanas ininterruptas nos cinemas lisboetas e há dez numa sala do Porto.

O primeiro deste filmes é um policial, com movimento, onde o culto do negro não é esquecido, e os problemas que lhe são inerentes numa sociedade como a americana focados ao de leve. A música é de Isaac Hayes e a edição em disco aparece no nosso país classificada entre «os dez mais vendidos» nas listas que as casas vendedoras fornecem ao «DL».

O segundo é de «cow-boys», e pelo menos um deles é insolente. Vem nos anúncios publicados nos jornais. O importante é que o tempo e o dinheiro que este filme mobiliza têm um significado. Sabe-se dos apetites do público português, e doutros países, pelo «western». Mas não queremos deixar de falar, a respeito desta película, dum outro factor de sucesso: a música.

«Trinitá» vem classificado no nosso país entre os dez mais vendidos, na lista que ontem publicámos. Annibale, o intérprete da canção, tem o seu nome espalhado por um já grande número de lares, por causa desta história da insolência.

Como acontece a popularidade? Para alguns é pela qualidade. A outros acontece exactamente o contrário: a falta de qualidade torna-os conhecidos, ou pelo menos não impede que isso aconteça.

O público gosta da insolência. O público gosta de muitas coisas. E depois de todos crermos que lhe demos o melhor, ele escolhe. E até agora permanece indiferente ao que possam as «élites» dizer.

Não sei quais as razões. Ou se sei fecho os olhos. Como fazem tantos.

ROGÉRIO VIDIGAL

MARIALVISMO EM CEGADA

O teatro Laboratório de Lisboa apresenta uma série de espectáculos nos arraiais da cidade. Ao ar livre. No meio das pessoas. Ainda há pouco tempo, no Encontro Nacional de Teatro do Fundão, um dos intervenientes salientou a necessidade de o teatro ir junto das camadas populares: proposta invertida da concepção tradicional **«vamos ao teatro»**. Isto funciona não só para o conceito de teatro instituição de classe (**«arranjo-me, vou ao teatro, sento-me numa sala confortável e consumo um espectáculo bem acabado, bem construído que me enche os olhos»**) mas também é válido para o teatro elitário apenas acessível a uma minoria intelectual.

O grupo dos «Bonecreiros» pretende agarrar um público popular, afastado do teatro por várias razões (económicas, culturais, sociais. Por isso escolhem uma linguagem acessível de festa, de comunicação directa. O grupo, tendo no gatilho a intenção de **«fazer teatro popular»**, dispara o primeiro tiro com **«A grande cegada de toiros, mulheres e fado»** (a síntese do marialvismo português). De inspiração carnavalesca as cegadas eram brincadeiras feitas no Entrudo por foliões mascarados que ao som de música tentavam comprometer os espectadores através da palavra (fortemente crítica), das canções e... até fisicamente.

A experiência dos «Bonecreiros» será, penso, mais uma ascultação ao público: até que ponto prefere as sardinhas assadas e barraca de tiro, o bailarico, em detrimento do teatro ou melhor: será capaz de aguentar uns fulanos a representar mal de propósito) «sketches» declarados do teatro de cordel do século VIII e interrompidos por comentários cantados?

LURDES FÉRIA

O "MALMEQUER" DE SOLNADO É UMA GLÓRIA: PEÇA BIS

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

A Luíz de Camões

Lá nos altos céus onde por certo escuta o canto dos poetas seus herdeiros

Se lá no assento etéreo
Onde subiste memória
Desta vida se consente...

Descei, por instantes da vossa estátua. Senão, meu Senhor, senão, nada feito...

E perdoai a ousadia a ousadia deste humilde funâmbulo que vos admira.

Para corrrespondência: Rua Fernando Mendes, 28 - Apt.º 908, Copacabana, BRASIL

Quem vos escreve estas linhas, Senhor, veio ao mundo em Lisboa, cidade onde quís o destino que na nais cruel indigência, chegasse o vosso fim. Reside há trinta e três anos no Brasil que era, no vosso tempo, segundo creio, uma colónia cheia de mistérios e fábulas, vos levaram as naus de Portugal. Hoje, o Brasil é um país independente com mais de noventa milhões de habitantes e acerca do qual disse agora um ministro, ao voltar dos Estados Unidos (o Império Romano do meu tempo) que por lá já era público o reconhecimento do imenso progresso do Brasil.

Mas não é sobre isso, Senhor, que ouso roubar-vos por alguns instantes de contacto com esse alado reino onde sois, por certo, o Princípe, entre os poetas de todas as eras num Parnaso que vos deve ter recompensado das tempestades que foram a constante da vossa vida.

Não sou ninguém, Senhor. Sou apenas um mísero funâmbulo que, por várias vezes, encenou aqui o vosso **Auto de El-Rei Seleuco** que estudantes e gente rude aplaudiam entre sorrisos, em cidades modestas e distantes. Mas há uma razão, Senhor, em dirigir-vos esta carta.

Convém que sabeis, Senhor, que mais de 60 por cento dos brasileiros não vão além dos trinta e cinco anos de idade. Isto quer dizer que o Brasil é um país de jovens. E também, Senhor, um país de poetas. Ouso afirmá-lo porque muitos deles devem estar aí, a vosso lado, todos desde sempre vossos devotos. Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Castro Alves, Raimundo Correia, Bilac e tantos outros.

Como sabeis, Senhor, hoje, o Presidente do Conselho, o prof. Marcello Caetano, é um homem ilustre, e amante da boa poesia. Meses atrás, numa entrevista concedida a um jornalista brasileiro, falou do seu entusiasmo pela poesia brasileira, tendo oportunidade de citar nomes como os de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond, João Cabral, Jorge de Lima, considerando-os, com justa razão, entre os melhores da língua portuguesa. Alguns deles já aí estão na vossa corte e já convosco, Senhor, devem ter batido papo.

Por certo estranhais esta expressão **batido papo**. Coloquei-a aqui de propósito. Faz parte desta minha meada. Porque preciso dizer-vos, Senhor, que, em quatro séculos, o Brasil foi criando a sua personalidade. A natureza, o meio, os costumes, os índios, os negros que para aqui vieram trazidos de África, tudo isso, pouco a pouco foi criando uma nova língua geral, ágil, viva, expressiva, dúctil, peculiar, que se tornou, é certo, afim do português de Portugal. Disse, e creio que o sabeis, o nosso Eça de Queiroz, no fim do século passado, que no Brasil falava-se em português com açucar. Hoje, além do açucar, na receita do idioma carrega-se também um pouco no sal, com alguns e picantes grãozinhos de pimenta. E o genuíno português da América do Sul. Porque também temos bananas.

Isto tudo, Senhor, já o sabeis com o convívio dos brasileiros. De aí eu vos ter falado em **bate papo**. Perdoai.

Já sentindo que essa separação nos ia devorando sugeri, há anos, que Portugal criasse no Brasil uma Universidade de Língua Portuguesa. Na verdade havia assuntos mais importantes, e a ideia morreu como vistes, Senhor, morrer aquelas de quem por amor fostes cativo.

TROMBA MARÍTIMA E FOGO DE SANTELMO
Ilustração de Espiga Pinto para «Os Lusíadas»

Tudo isto, mo permitis, considero justo e válido. Mas essa mágoa mantenho viva quando volta e meia a ela retorno nas páginas de um importante jornal português que se chama **«Diário de Lisboa»**.

É que, com essa diferenciação na maneira de falar e de escrever, Portugal perdeu no Brasil a sua actualidade cultural. Para vos ser franco, Senhor, desde o século XIX ninguém mais lê no Brasil o que se escreve contemporâneamente em Portugal. E muito menos os nossos poetas.

Dir-me-eis, Senhor, que estou enganado pois alguns brasileiros, aí presentes, já vos têm falado de Fernando Pessoa. É certo, Senhor, mas lembrai-vos que acrescentam sempre: — **É um génio que por lá nasceu, ou por acaso, ou por milagre**. E acrescentam: — **Houve um Camões, e chega!**

Sabeis, Senhor, que não é assim. Eu por mim tenho feito milhares de perquirições. No Brasil ninguém sabe quem é Cesário Verde, ou quem foi Teixeira de Pascoais, ou mesmo Camilo Pessanha. Quereis saber? José Régio, que aí está à vossa mão direita, livre para sempre dos seus demónios, não teve, até hoje, editado no Brasil, um só dos volumes da sua poesia.

Estive, Senhor, a falar-vos dos mortos. Foi a maneira que escolhi para começar a falar dos vivos.

Quando saí de Lisboa, Senhor, além daquele grupo de eleitos que vós sabeis, a poesia portuguesa sofria então o último cansaço na agonia do envelhecimento. À vossa sombra gigante, Senhor, a poesia estiolava. Foi aí que o desespero fez surgir a fase do renascimento, que teve os seus mártires, é certo, e onde os anseios de libertação se reflectiram no próprio processo de criar poesia.

E então, Senhor, deu-se o milagre. Onde no meu tempo subsistiam dez ou vinte fazedores de versos, — hoje, para minha satisfação e surpresa, há cem, duzentos, há mil portugueses em transe poético, presentes a estas horas amargas a que o mundo assiste, e que levaram, acredito, os jovens a buscar inspiração nestes dois versos vossos que são imensos:

Que as magoadas eras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente!

Foi assim, meu Senhor, que nasceu a poesia moderna.

Recentemente saiu do prelo, em Lisboa, um grosso volume de novecentas páginas, formando uma Antologia da Modernissima Poesia Portuguesa baseada sem esforço no que poderiam ser mais de trezentos volumes, ficando de fora por motivos que desconheço pelo menos algumas dezenas.

E se reunirmos a estes, outros, mais antigos, desde a **Presença**, até aos que, independentes, surgiram entre os anos 20 e 30, eis, Senhor, a quanto monta a importância em qualidade da poesia portuguesa contemporânea.

Ora tudo isto acontece, Senhor, no ano em que se comemora em Portugal, como no Brasil, o quarto centenário da primeira edição de **Os Lusíadas**.

Recordá-lo, eu sei, é reviver as chagas que, então, se abriram no vosso peito. Quanta luta, quanta incompreensão. Mas isso, Senhor, também estava marcado no vosso destino.

Disse-vos, Senhor, que são inúmeras as festividades em vosso louvor. Sois o padrão das duas nacionalidades.

Mas a vós, Senhor, poderia competir agora, trazer ao Brasil a moderna poesia portuguesa.

— **Milagres, não posso fazer**, dir-me-eis.

E por que não, Senhor? Já vos disse há pouco que há em Portugal um Presidente do Conselho que sabe cultivar as letras pátrias. Cumpri então, Senhor, um novo desígnio maravilhoso. Descei esta noite da vossa estátua, aí no alto Chiado, ide em sígilo, como uma sombra, descobri-lo no sossego do seu gabinete de trabalho, e então, suavemente, murmurai-lhe ao ouvido: — **Ides ao Brasil em Setembro, não é? Permiti, porém, que até ao fim do ano sigam para lá, numa nau** (não, meu Senhor, não há mais naus, pedi antes um avião da TAP) **que transporte algumas dezenas de poetas portugueses para que eles levem ao Brasil a nossa poesia contemporânea. Crêde, dir-lhe-eis, que será um acto de justiça e compreensão**.

Lembrai-lhe também, Senhor, que neste momento estará vazio e inútil o belo palácio, dentro de um imenso jardim, onde foi, no Rio de Janeiro, a embaixada de Portugal. Incitai-o a entregá-lo a esses poetas não só para que eles confraternizem com os seus camaradas do Brasil, como para que, nas várias e imensas salas da ex-embaixada, revelem aos brasileiros a sua poesia. Que permita, nos jardins, editores portugueses, pondo à venda, a preços acessíveis, todas as obras da poesia nacional. E por certo muitas noites na escadaria de mármore do palácio os brasileiros hão-de escutar, surpresos, os poetas de Portugal como há muitos anos Eça de Queiroz ouviu Antero de Quental declamando os seus sonetos nos degraus da Sé de Coimbra.

Seria a revoada da poesia portuguesa. Poetas jovens para um país de gente jovem. Eis a ideia, Senhor. Seria em conjunto um Luís de Camões redivivo.

Aqui está, Senhor, o que ousei propor-vos. Pois, meu Senhor...

NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15
AS 3 HORAS

BLUEBELL GIRLS' SHOW

SOULA MARKISI
VEDETA
GREGA DA CANÇÃO

ALLAN KEMBLE AND CHRISTINE
original equilibrista

LÍDIA RIBEIRO
COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

JIRINA'S COMBO "OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

ZSA-ZSA
[redacted] SO NO WONDER BAR [redacted]
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

Câmara Municipal de Lisboa
Casa da Comédia
APRESENTAM

Todas as noites pelas 21.45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»
de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo
JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)
Bilhetes à venda no próprio local
HOJE NÃO HÁ ESPECTÁCULO Grupo C — 14 anos

DL/DOMINICAL — ESPECTÁCULOS

ÁLCOOL E CIÚMES SEPARAM O CASAL

LIZ E BURTON CHEGAM AO FIM

Liz e Burton quando ainda sorriam. À DIREITA: Burton e Joey Hatterton, uma das suas paixões em «Barba Azul»

Liz Taylor e Richard Burton constituíam um casal que, até agora, parecia perfeitamente harmónico. É bem certo que também se dizia que para eles a vida não apresentava dificuldades e podiam satisfazer os menores prazeres. Conseguiram, talvez até por isso, conquistar as simpatias gerais. Uma certa atmosfera de irreal e de sonho envolvia o par. Basta recordar o começo do seu amor durante as rodagens de «Cleópatra». Cleópatra (Liz Taylor) imprimia o maior tom de veracidade às ardentes cenas de amor com o belo António, aliás Burton. Nesse tempo, Liz Taylor, dotada de uns olhos de invulgar tom violeta, era uma estrela no apogeu, uma «devoradora de homens» e uma das mais belas mulheres do mundo.

Ao que parece, este período glorioso da sua vida pertence irremediàvelmente ao passado. Alguns afirmam que o seu belo romance de amor com Richard Burton está prestes a tornar-se uma tragédia lamentável.

Ao contemplar-se o rosto estragado desta mulher de quarenta anos, é-se levado a temer que a doença e o álcool acabarão por completar a destruição.

A CRISE

O grande amor teve início há dez anos. A crise que agora já começa a ser do domínio publico coincidiu com a rodagem do filme «Barba Azul». A lenda caiu por terra. Torna-se necessário acrescentar que Richard Burton, no seu papel de «Barba Azul» foi submetido a todas as tentações. As sete vítimas do filme são: Raquel Welch, Nathalie Delon, Virna Lisi, Orenella Muti e Marilu Tolo bem como Joy Hatterton. Ante tantas mulheres, cada uma mais bela e cativante do que a outra, qual o homem que poderia resistir?

Por estes motivos, quando as filmagens terminavam, Richard Burton desaparecia frequentemente levando a seu lado uma das suas encantadoras **partenaires**, o que em nada facilita as suas relações com a mulher.

Há uns dias, Liz Taylor telefonou de dez em dez minutos, louca de raiva, para o estúdio, ameaçando fazer um escândalo, se não lhe mandassem imediatamente o marido. Motivo: Burton tinha desaparecido, levando a seu lado, no **Rolls**, a bela Nathalie Delon, com quem acabava de rodar uma fogosa cena de amor.

Como é possível que Liz e Richard tenham chegado a uma tal situação?

Não há dúvida que a favor de Richard Burton, se deve dizer que ficou inconsolável, após a morte do irmão, ocorrida no mês passado. As rodagens têm sido prejudicadas por esse seu estado de espírito e já estão com semanas de atraso em relação ao prazo previsto. Liz faz todo o possível por o consolar contìnuamente. Basta, aliás, olhá-la para se compreender o que leva Richard a fugir dela o mais possível e a preferir a companhia de mulheres mais alegres e belas. Liz Taylor engordou, o rosto tornou-se balofo, desfigurado mesmo pelo álcool; é apenas uma pobre mulher que tenta por todos os meios conservar o marido. Se tivesse que interpretar agora «Quem tem medo de Virginia Woolf?», a caracterização seria desnecessária.

A máscara do «Barba Azul»

O ALCOOL

As pessoas que fazem parte do seu mundo mais íntimo, comentam em voz baixa que ela faz cenas terríveis a Richard Burton e que se fecha no seu apartamento no hotel «Intercontinental», em Budapeste, para que ninguém possa estar ao corrente dos seus problemas.

O único período calmo nestes últimos tempos foi a grande festa que Richard organizou em Budapeste para comemorar os quarenta anos da mulher. Infelizmente, a bonança foi de curta duração.

Liz saíu apenas três vezes do hotel e há três meses que se encontra em Budapeste. Só uma vez apareceu num dos quatro restaurantes do hotel. Passa o dia prostrada no apartamento, despejando garrafa atrás de garrafa. De vez em quando, nas raras alturas em que sai da apatia a que se entregou, pede notícias dos filhos. Parece-lhe ser completamente indiferente que a sua filha Liza, de 14 anos, se tenha loucamente enamorado de Androse, um músico de hotel com 19 anos.

Foi pùblicamente anunciado que ela cantaria em Setembro em Munique, na abertura da tradicional «gala» da UNICEF, mas terá forças suficientes para tal? Devia também receber um disco de ouro e um cheque de 250.000 dólares entregues por Adamo e o cantor alemão Heino para a UNICEF. Os médicos tiveram que lhe fazer um tratamento à base de injecções para a desintoxicar.

Fiel aos seus caprichos de estrela, fez esperar toda a gente cinco horas. De vez em quando, enviava o seu secretário a Adamo, que se deslocara expressamente de Paris a Budapeste, e também junto do célebre cantor alemão Heino, vindo de Dusseldórfia, com um simples recado: **«A sr.ª Taylor sente-se um tanto enfraquecida. Os médicos estão a dar-lhe injecções para se poder levantar».**

Adamo impacientou-se: **«Ela é completamente louca. Se hoje não me sentisse tão bem disposto, também lhe faria uma das minhas».**

Quando, finalmente, apareceu, tinha um olhar distante e Adamo e Heino tiveram de a agarrar para a impedir de desfalecer. Durante a entrega do disco de ouro, desapareceu para beber dois whiskies duplos. Só assim conseguiu aguentar-se.

Já ninguém tem dúvidas quanto à natureza da doença que a mina. **«Ela ingere tanto álcool que me fez sentir pouco à-vontade»**, declarou Adamo. **«A pobre mulher chegou a um estado em que é obrigada a beber quando se sente doente, para recobrar forças.**

Liz Taylor tinha distribuído convites em profusão para um grande jantar. Todos estavam presentes, no entanto, menos ela e o marido Richard Burton. Este está a rodar o filme «Barba Azul» e o seu estado de saúde não lhe permitia estar presente à mesa.

Por **Michele Hardy**
«Ganna»/DL

Richard Burton, pelo menos, quando bebe cria um ambiente de alegria à sua volta.

«Quando ingere a segunda garrafa de «vodka», torna-se poeta. É ainda mais espirituoso do que Peter Ustinov», diz-se. Por vezes, o estado de embriaguez em que se encontra, prejudica-lhe o trabalho. Um destes dias, ao chegar aos estúdios Lumumbos, caíu ao descer do carro. O seu motorista Gaston, ajudado por um operador de câmara, teve de o transportar para o camarim e deixar que lhe passassem os efeitos da embriaguez.

Em tempo normal, porém, Richard refugia-se no trabalho para esquecer os problemas conjugais.

ÉDIPO

«Barba Azul» é um papel bastante diferente do que recentemente incarnou nas personagens de Trotzcky ou Tito.

Richard Burton, o actor mais bem pago do mundo, tem um «cachet» de dois milhões de dólares, mais de 50 por cento sobre os lucros. **«Você não ficará pobre por minha causa»**, lembra ao produtor quando este se queixa do atraso que ele acarreta às filmagens. Nesta super-produção de Hollywood, orçamentada em dois milhões e meio de dólares e realizada por Edward Dmytryk, Burton desempenha o papel de Barba Azul dos anos vinte. Assassina sete mulheres por processos devassos.

A segunda mulher, a actriz Joey Heatherton, descobrirá num castelo os cadáveres de várias mulheres e desmaiará de horror vezes seguidas ante o cruel espectáculo.

Quanto à actriz Marilu Tolo, cabe-lhe o desempenho da cena mais violenta e espectacular do filme: será espancada até à morte por Richard Burton. **«Nunca na minha vida tive tantas nódoas negras, tais as pancadas que recebi. E, mesmo assim, não sou das mais frágeis»**, afirma.

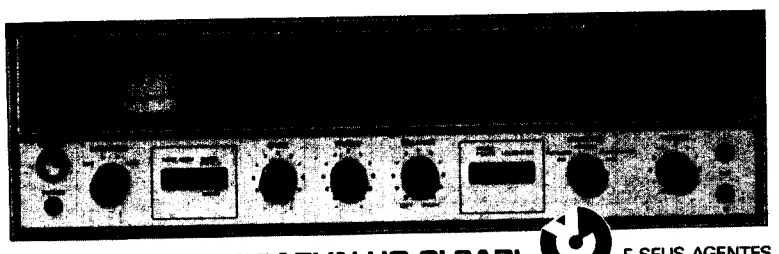
Felizmente, na vida real, Richard Burton ainda não chegou a tais cenas de violência com a mulher. Nega-se, além disso, a bater numa mulher e acusa de cobardia todos os que o fazem.

O maior atractivo que o papel tem para Richard Burton, reside em que ao mesmo tempo que tortura e assassina as mulheres, vota um amor extraordinàriamente profundo à mãe. É mesmo uma idolatria, o sentimento que lhe dedica.

«Na minha opinião, todo o homem tem dentro de si o complexo de Édipo», diz com um ar sonhador. Talvez pense que se a mulher continuar a beber, em breve poderá desempenhar o papel de sua mãe no écran.

«É infelizmente muito possível que Liz e Richard continuem a beber», afirma-se entre o seu círculo de amigos. **«As forças de Liz Taylor e Richard Burton também têm os seus limites. Ao que parece, já não se aceitam como são. Para amar, precisam de se encontrar no delírio do álcool».**

agora a alta fidelidade ao seu alcance
KENWOOD



PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS PROFISSIONAIS DO SOM VALENTIM DE CARVALHO CI SARL E SEUS AGENTES

O GRANDE SALTO DE MARIA EMÍLIA

Uma actriz revelada pelo TEP faz agora a sua primeira experiência no teatro de grande consumo. Ela falou a José Jorge Letria das suas esperanças e das suas decepções.

. *«Sou uma actrizinha acabada de chegar do Porto para ver a Ponte Salazar e o Jardim Zoológico. Como estamos em Junho aproveito também para ver as marchas populares e as obras dos Restauradores. Vim sem malas, sem pertences, sem retratos de família e sem secretos ou retorcidos anseios de uma glóriazinha pessoal para uso doméstico á vedeta decadente.»*

. Assim se define irónicamente Maria Emília Correia, ex-actriz do Teatro Experimental do Porto, que depois do êxito alcançado em Lisboa com «A Casa de Bernarda Alba», foi convidada por Vasco Morgado para integrar o elenco de «Os Contestários», de Ana Diosdado, que Ribeirinho está a encenar no palco do Teatro Villaret. Embora pouco sociável, na aparência, ela gosta de conviver.

A palavra certeira e as ideias bem assentes tornam a nossa conversa particulamente agradável e fazem com que cada uma das frases ganhe um sentido muito especial.

Um sorriso, um cigarro, algumas recordações, o gesto sereno, a palavra exacta: Maria Emília Correia, actriz por convicção, estudante de Económicas quase por acidente os olhos firmemente abertos para a vida...

EX-LAVANDARIA

«Estive durante as últimas épocas artísticas no TEP, que é a ex-lavandaria onde tudo pode acontecer; a casa de paredes lodosas e chão que se escapa; o caos como norma, mas também dos poucos circulos onde se faz teatro (?) com um certo arejamento. E, eu digo «certo» porque todos sabemos da atrofia imposta ao sector. Esse arejamento faz, no entanto com que circulem pelo meio teatral algumas pessoas de formações artísticas diversas, algumas até, de nacionalidade estrangeira que, naturalmente transmitem grande parte dos conhecimentos que possuem. Foi assim que constui o meu substrato de actriz, que pode ser débil de conteúdo, mas é com certeza de estrutura sólida.

NANCY

Com «A Casa de Bernarda Alba» na bagagem o TEP viajou timidamente até Nancy onde não chegou a exibir-se em consequência de dificuldades surgidas com o transporte do material cénico. Desta experiência fracassada, do ponto de vista artístico, Maria Emília, reteve, mesmo assim com a curiosidade de vinte cinco anos vividos no Porto, numerosos aspectos positivos.

«Para mim esta viagem foi muito útil do ponto de vista profissional. Ter tido acesso ao festival de Nancy foi uma etapa importante na minha vida como actriz. Vi espectáculos de origens diversas (mexicanos, americanos, canadianos, franceses e espanhóis) que me abriram perspectivas diferentes em relação á minha actividade profissional. O facto de se estar minimamente preparado para assistir a esses espectáculos por leituras, trocas de impressões com pessoas cotadas no meio, é importante mas não suficiente. De tudo isto, resultou um certo desajustamento de reacções frente ao que decorria no festival, no qual se integravam espectáculos de vanguarda, apoiados em experimentação técnica da arte do actor.

Maria Emília Correia

Faz uma pausa. Escolhe as palavras com cuidado e prossegue:

. *«A possibilidade de contactar com gente diferente e com países que desconhecia foi também um factor de registo. Nesse aspecto, posso até dizer que teve para mim um significado especial uma manifestação a que assisti na praça «Stanislas» contra a Guerra do Vietaname. Organizavam-na estudantes universitários de Nancy e colaboravam nela alguns dos grupos que estavam a funcionar no festival dando representações ao ar livre.»*

QUE FAZER?

A poucos minutos do ensaio da noite Maria Emília não dispõe de muito tempo para dizer tudo o que neste momento lhe interessaria que fosse dito. Prefere, por isso não falar detalhadamente da peça que está a ser montada no Villaret nem dos motivos que a levaram a aceitar o convite de Morgado. Fala, em vez disso de si própria e do que julga ser o seu lugar como actriz em termos de responsabilidade profissional e política.

«Em termos decisivos prossegue, pausadamente *cheguei ao teatro há dois ou três anos, animada por uma ideologia á qual pretendia dar feição prática pela via actor-público. Acreditava nisso por ignorância de processos por vinte anos de fogo de ingenuidade. A actividade agradava-me e o acesso ao TEP era para mim relativamente fácil. Sou de Espinho mas tinha a minha vida organizada no Porto e conhecia muita gente do meio. Cedo conclui que aquilo que me propunha fazer não era mais do que simples retórica porque me situava fora do que era a nossa realidade, ou seja, o jogo caseiro, as coisas arrumadinhas como convém. Decidi então endossar as minhas energias para outro estado do espírito mantendo-me embora no teatro. Hoje o teatro para mim traduz uma forma efectiva de vida, a alegria e muitas outras coisas que se põem ao nível do aparelho circulatório.*

Repete a última frase, sente-a pouco clara e justifica-se:

. *«O que digo pode parecer inconsequente mas não o é, pelo menos, tanto quanto possa parecer. Não fiquei no teatro por mero acaso, nem estupidez, aventureirismo ou romantismo; também não foi pelas pernas, porque as minhas são curtas de mais para exibir».*

O VELÓRIO

Ainda pouco familiarizada com as «guerras» de café que caracterizam esta triste e engarrafada Lisboa Maria Emília, que, pelo menos á partida não parece muito inclinada para grupos, para intrigas de bastidores, e para o fogo cerrado que obscurece a sua profissão, fala do teatro e das coisas que o envolvem.

«O teatro que temos define a nossa cultura e o atraso que nos separa dos outros países europeus e da própria Europa, já de si tão decadente.

Depois: o péssimismo, ou será a lucidez?

. *«Tudo isto é um velório. Tresanda a cadáver. Somos os acompanhantes conformados, de olhos baixos, gravata negra e tudo. Não adiante que nos estejamos marimbando para os estafados valores estéticos, éticos e religiosos; não adianta que conte a sensibilidade, a inteligência e a política (não confundir com esquerdismo). Se visamos o movimento não nos podemos manifestar como alegres-espectros-bem-falantes, estilo Brasileira. A contestação significa a resposta á acção (ou inacção) com a acção. É urgente que nos juntemos para que as coisas se possam agitar.*

Com os olhos bem abertos perante uma cidade que tão depressa a fascina como aterroriza Maria Emília Correia (vinte cinco anos de raiva e entusiasmo) fala-nos, a terminar da sua «esperança no teatro». Apesar de tudo talvez valha a pena as pessoas depositarem uma certa confiança naquilo a que se entreguem por mais visíveis que sejam as limitações.

«O teatro pode revalorizar muito do que respeita aos seus trabalhadores. Essa revalorização pode repercutir-se no grupo e incidir sobre o público desde que tenha componentes de índole cultural e social. O teatro pode disseminar na sociedade formas renovadas de comportamento. Assim nenhum actor pode ser um simples empregadinho que passe a vida a empinar papéis, e mais papéis».

uma boa desculpa não indemniza prejuízos

UM SEGURO NOVO!...

seguro de responsabilidade civil familiar Império

*RC FAMILIAR IMPÉRIO

o seguro que paga por si... ...indemnizações!

O chefe de família é responsável: por si e pelos seus.
Quer dizer: O Joãozinho partiu o pára-brisas do carro do Sr. Mendes? **Você paga.**
O cão dos miúdos partiu um serviço de cristal da loja do lado? **Você paga.**
A Maria deitou pela janela fora um cinzeiro pesado que estava escondido nas dobras da toalha? **Você paga.**
De repente, pode ter diante de si a indemnização para pagar. Muito grande. Cem contos, duzentos contos, talvez mais.
Por danos materiais ou corporais (que são sempre os mais graves). Que fazer?
A Império oferece-lhe um novíssimo seguro que **paga por si** os prejuízos causados. Por si ou por qualquer dos seus familiares, empregados domésticos, animais.
100S00 POR ANO — repare bem, **POR ANO** — já chegam para adquirir esta garantia.
E para pagar as indemnizações cobertas pelo RC, a esse custo anual — repare bem, **anual** — seriam precisos muito mais de 2700 anos.
Mas a Império faz mais.
Oferece-lhe uma edição especial (tiragem limitada), inteiramente grátis e sem compromisso, permitindo-lhe assim estudar e decidir sobre este seguro, em sua casa.

Envie hoje mesmo o cupão (para não se esquecer).

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

CUPÃO: Uma boa desculpa não indemniza prejuízos
Recorte, cole num postal e envie à Império
Apartado 106 — Lx. 2
Nome _____
Morada _____
Profissão _____

* RC quer apenas dizer Responsabilidade Civil. Juristas de todo o mundo medem a maturidade social através do conceito de Responsabilidade Civil. Uma sociedade em desenvolvimento é aquela em que os conceitos de RC atingem nível cada vez mais elevado

Penta

DL/DOMINICAL — ESPECTÁCULOS

DL show

Laura Alves está agora no Sul com a comédia «A Querida Mamã», que será representada terça-feira em Elvas, na quarta-feira em Vila Viçosa, na quinta em Etremoz e na sexta em Montemor-o-Novo.

★

A manhã ás 21 e 30, a professora de baile clássico espanhol Célia Neves apresentará, no Teatro Municipal de São Luis, os cursos que ministra na **Escuela de Ballet del Centro Español** de Lisboa. No programa figuram «Barbeiro de Sevilha» (Rossini); «Andaluzia» (Granados); «Sonatas» (padre Soler); danças típicas, tarantos, flamencos, o grande quadro galego «Tiempo de Muñeira» e uma sequência de danças sobre poemas de Garcia Lorca.

★

«Um inimigo do Povo», de Ibsen, na versão de Sttau Monteiro, termina hoje a sua breve carreira no Capitólio.

José Viana parece ter desistido de reaparecer na comédia de João Bastos e Félix Bermudes, «Amigos de Peniche». O empresário Vasco Morgado não se interessou pelo projecto, mas propôs a José Viana que fizesse a exploração por conta própria, para o que lhe cederia um teatro. O actor não aceitou: tem péssima recordação da sua primeira experiência empresarial.

★

É a seguinte a distribuição da peça «Os Contestatários», de Ana Diosdado, que em versão de Armindo Blanco vai ser apresentada no Villaret: Alice — Margarida Mauperrin; **Luisa** — Maria Emília Correia; **Tony** — João Perry; **Zeca** — Vasco Morgado Junior; **Lourenço** — Henrique Viana; **Chico Barbosa** — Ribeirinho. A peça, cujos ensaios prosseguem sob a direcção de Ribeinho, terá uma cena única concebida por Pinto de Campos.

RÁDIO·TELEVISÃO·ESTEREOFONIA

o signo da qualidade e avanço técnico.

NIVICO

SOC. DE REPRESENTAÇÕES
SIDA-SUECA, LDA.
R. DE S. NICOLAU, 44-48 • TEL. 369331 — LISBOA

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem **20 000$00** ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

QUEIRAM ENVIAR-ME SEM COMPROMISSO
INFORMAÇÕES DETALHADAS

Nome .....

Morada .....

Telef. .....

D L

Nas suas férias
Omega Constellation

Esc. 5.200$00

Agência Oficial JOALHARIA J.N.CUNHA, LDA
Rua Aurea, 201 - Lisboa

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ESCOLA MILITAR DE ELECTROMECÂNICA

CONCURSO PÚBLICO

Número do Concurso Público	DESIGNAÇÃO DO MATERIAL A ADQUIRIR	CAUÇÃO PROVISÓRIA	Entrega das propostas	Abertura das propostas
5/72	Aquisição de um sistema de impregnação sob vácuo	2.000$00	Até 16 horas de 5/JUL/72	15 horas do dia 6/JUL/72

O caderno de encargos encontra-se patente neste Conselho Administrativo todos os dias úteis das 9 às 12 h e das 14 às 16.30 h, excepto aos sábados.

Paço de Arcos, 22 de Junho de 1972.

O CHEFE DA CONTABILIDADE
Manuel José Magro
Cap. do SAM

Solar do Vinho do Porto

RUA S. PEDRO DE ALCÂNTARA, 45

Reabre ao público na segunda-feira, 26 de Junho

Aberto das 10 às 24 horas

LAGOTAINER LINE

SERVIÇO DIRECTO E REGULAR PARA:

SUÉCIA (Gothemburg e outros portos)
NORUEGA (Oslo e demais portos)
ANVERS

o porta-contentores «Monika Bos»
em 28 do corrente

recepção permanente de carga em contentores

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4 — LISBOA 2
TEL. 366056 362266 PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

Trespassa-se
CAFÉ
E CERVEJARIA
PC. EMÍLIO MONTEVERDE, N.º 5, R/C.
CACILHAS

Compañia Trasatlántica Española, S. A.
MADRID

PARA:
NEW YORK, PHILADELPHIA
BALTIMORE e NORFOLK

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

V A L V A N U Z

Esperado em 12 de Julho p. f.

Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 L L O X A V
LISBOA-2

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

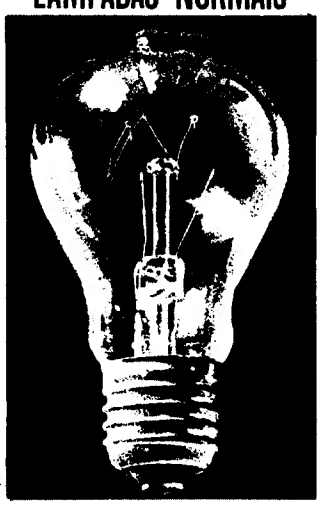
VENDA AO PÚBLICO

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE
LÂMPADAS NORMAIS



JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

OS CRISTAIS LÍQUIDOS

Óculos de sol multicolores que mudam de tonalidade com o passar das horas do dia, televisores tão grandes e delgados como um postal ilustrado, um estetoscópio para médicos surdos: eis algumas invenções que estão para se tornar, ou já se tornaram, realidade graças aos cristais líquidos, substâncias orgânicas que se encontram numa fase intermédia entre a sólida e a líquida e, imobilizadas entre duas delgadas camadas de vidro ou de plástico, são capazes de mudar de cor e de propriedades com a temperatura ou com a aplicação de campos eléctricos ou magnéticos.

«As possibilidades de aplicação prática são enormes», diz Folco Scudieri, de 30 anos, assistente do Instituto de Física da Faculdade de Engenharia de Roma, apaixonado campista e com o passatempo de construir pequenas jóias. **«Há três anos que estamos a procurar empregá-los para resolver problemas práticos»**. Com Scudieri colaboram dois investigadores muito jovens, Stefano Lagomarsino, de 23 anos, e Roberto Bartolino, de 23 anos, que se licenciaram com teses experimentais sobre os cristais líquidos.

«É um tipo de pesquisa extremamente pouco onerosa», continua Scudieri, **«tanto que nas nossas experiências empregamos ainda os 25 gramas de substância que, há dois anos, nos custaram 25 mil liras; de resto, usamos os normais instrumentos de laboratório»**. A aplicação mais espectacular diz respeito ao desfrutamento dos cristais líquidos sensíveis ao calor: um aumento de temperatura, apenas de um só décimo de grau, provoca fantasmagóricas modificações de coloração, do vermelho ao verde, ao azul.

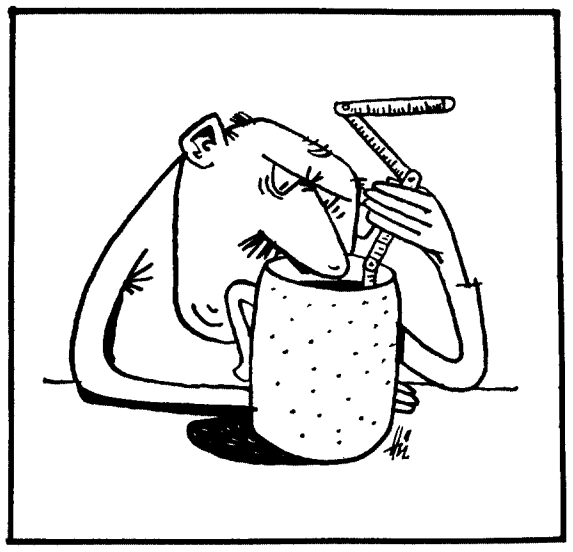
«Se se envernizar um pedaço de pele com esta substância», diz Scudieri, **«basta fumar um cigarro e nota-se a mudança de cor provocada pelo pequeno abaixamento da temperatura superficial ligada à constrição dos vasos sanguíneos»**. Os investigadores romanos construiram um par de óculos que mudam de cor quando são atingidos pelos raios solares.

Tumores. Um outro tipo de cristal, transparente em condições normais, torna-se opaco se se aplicar um campo eléctrico: **«É, então, possível»**, continua Scudieri, **«construir vidros para janelas que tornam inútil o uso das cortinas: de facto, basta premir um botão e a janela torna-se opaca»**. Alguns cristais líquidos mudam de cor ou aspecto se são submetidos a pressões ou vibrações, e eis a possibilidade de construir novos instrumentos de advertência manejáveis e a baixo custo.

A mais curiosa entre as aplicações é, porém, o estetoscópio para médicos surdos, que traduz em cores ou noutro tipo de sinais, as pulsações cardíacas ou os rumores do tórax. É também possível advertir as variações de pressão provocadas por um coágulo sanguíneo no cérebro (causador da embolia) ou as variações de temperatura em algumas zonas corporais, ligadas ao ciclo menstrual ou à existência de tumores.

Do ponto de vista teórico, e se se conseguirem resolver muitas dificuldades técnicas e económicas, é possível a construção de um painel televisivo tão grande como um postal, composto por duas lamelas de vidro entre as quais se encontram os cristais líquidos. **«Sobre os próprios vidros»**, continua Scudieri, **«se poderiam depositar os circuitos eléctricos, obtendo um televisor com uma espessura de poucos milímetros e que, além do mais, seria visível em pleno sol»**. É esta uma propriedade muito importante dos cristais líquidos: poder-se-iam aplicar aos instrumentos dos aviões, por forma a torná-los completamente visíveis com qualquer tipo de iluminação.

PARA SURDOS. O físico Folco Scudieri, examinando cristais líquidos. Entre as aplicações destes cristais, encontram-se os televisores com as dimensões de um postal e os estetoscópios para médicos surdos.



ANSIOSOS, VACINAI-VOS

É possível vacinar-se contra o estado de tensão e a ânsia, exactamente como se se tratasse de doenças infecciosas. Obter a imunização psicológica é simples: basta seguir um programa antitensão sob o controlo de um psicólogo. Se o programa for bem elaborado, escreveu em **Lancet**, o principal jornal médico inglês, o psiquiatra australiano A. S. Henderson, da Universidade de Tasmânia, é possível transformar uma pessoa à beira de uma crise de nervos num sujeito muito resistente a uma tensão emotiva, qualquer que ela seja.

Alguns desenvolvem uma resistência natural contra as adversidades da vida, afirma Henderson. Um indivíduo próximo a uma crise — por exemplo, uma dor, um desencontro com uma pessoa importante ou nascimento do primeiro filho — pode desenvolver um sistema protector que o defende contra toda a crise futura. Outros, porém, não têm esta possibilidade. Muito expostos aos distúrbios psíquicos derivados da ânsia estão, por exemplo, os estudantes, as mulheres de meia idade e os que tiveram um luto recente na família.

Auxílio. Para auxiliar os ansiosos e prevenir as crises, Henderson sugere um sistema de imunização a que ele chama **«dessensibilização sistemática»**. O princípio é simples: fazer experimentar a tensão associada a uma má experiência antes que a experiência real se verifique. Exasperando as condições que determinam a tensão, é possível afastar, e frequentemente eliminar, o perigo de uma crise.

Na prática, a «vacinação» consiste em fazer sentar, ou deitar de costas, o paciente e levá-lo, na circunstância com remédios, a um estado de profundo relaxamento muscular. O terapeuta sugere, por palavras ou através da projecção de um filme, situações extremas, procurando ao mesmo tempo conseguir que o paciente se descontraia cada vez mais. O procedimento é repetido, com estímulos cada vez mais intensos, até que a ânsia tenha pràticamente desaparecido.

Segundo o psiquiatra australiano, os sujeitos ideais para a dessensibilização sistemática são as mulheres de idade e os que estão em vias de perder o marido (ou a mulher), por exemplo, devido a uma grave doença. **«Seria inumano dessensibilizar a gente à perda do conjuge»**, diz Henderson. **«Nestes casos, o que se deve fazer, é preparar o futuro viúvo para as consequências secundárias do luto, como ficar em casa durante muito tempo sózinho, administrar os fundos, ocupar-se dos filhos e manter uma vida social»**.

O RAIO DA MORTE

Os peritos militares têm abservado que o acordo soviético-americano sobre a limitação dos armamentos estratégicos não prevê nenhum compromisso no sector das armas «especiais»; e alguém prospectou a possibilidade de que o fim da «corrida aos mísseis» assinale o início de uma outra ainda mais perigosa competição: a «corrida ao **laser**». Voltou a falar-se, assim, do «raio da morte», já não como de uma hipótese de ficção científica, mas como de uma realidade. O que há de verdade nestas previsões? E até que ponto o **laser** pode ser usado como arma? Aresposta a estas interrogações não é fácil, até porque as investigações neste campo têm sido sempre rodeadas de sigilo.

Quando, há doze anos, os americanos realizaram o primeiro **laser**, estudiosos e técnicos viram imediatamente as enormes possibilidades que ele apresentava. Os estudos haviam começado por volta de 1953. À nova fonte de energia foi dada o nome de LASER, um nome composto pelas iniciais de **Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation.** A partir de 1960, os laboratórios de pesquisa de todo o mundo interessam-se pelo **laser**. Especialmente os americanos, onde foram investidos enormes capitais e meios, e os soviéticos. Connhecidíssima uma das suas primeiras experiências: num milésimo de segundo, levando a temperatura do metal a mais de 5500 graus, o feixe **laser** perfurava uma lâmina de barba.

As aplicações desta fonte de luz criada pelo Homem estão abrindo novas perspectivas na indústria, em certos campos de investigação científica, na cirurgia, na química. Mas o campo de aplicação que suscita maior interesse é o militar: provàvelmente pelo sigilo que o rodeia e porque demasiado frequentemente se tem falado dele em termos de ficção científica. O «raio da morte» e a «arma absoluta», são expressões que excistam a fantasia. De qualquer maneira, fieis ao velho dito napoleónico de que se, na guerra, pudesse fazer uso do raio, então seria preciso fazê-lo, as grandes potências ocupam-se muitíssimo do **laser**. As suas aplicações militares são de dois tipos: aparelhagem para comunicações, medições, etc., e armas pròpriamente ditas.

Entre a primeira encontramos **laser radar** para descobrir e localizar objectivos (os chamados **Lidar**), **laser** medidor de distância campal para a artilharia, aparelhagem de direcção do tiro e de guia dos mísseis, sistemas ópticos de comunicação a pouca distância. Nestes campos, muitas são já as realizações; as aparelhagens **laser** de guia de mísseis já tiveram o seu baptismo de fogo no Vietname.

Se, pelo contrário, se entrar no sector das armas, não se pode negar que a ficção científica, tão cara a muitos, se vá realizando: O «raio da morte» existe realmente. Estamos habituados desde há séculos a pensar na arma como um corpo sólido, que atinge o alvo, impelido ou guiado por qualquer coisa: a força muscular do Homem aplicada à espada, a energia desprendida por uma explosão aplicada aos projecteis das armas de fogo. No caso do **laser**, pelo contrário, o alvo é atingido apenas por um pequeno raio de luz. E isto perturba as concepções tradicionais.

O maior problema que se põe, aos investigadores da arma **laser** é o de concentrar neste raio a maior potência possível. Mas, por aquele ponto que se sabe, não parece que até agora a arma **laser** tenha atingido ou se tenha avizinhado da terrível potência de outras armas já experimentadas. Sabe-se, todavia, de espingardas-**laser** (americanos) e de canhões-**laser** (também americanos). Estes últimos, capazes de desintegrar mísseis e aviões, estariam previstos para o novo bombardeiro estratégico B-1, um quadrimotor de geometria variável com muitos pontos de vantagem sobre o B-52, ao qual deveria, de facto, suceder.

O programa da Aeronautica dos Estados Unidos olha atentamente para este avião para poder dispor de um bombardeiro estratégico que possa ser «moderno» até ao fim do século. Se os americanos puderam verdadeiramente montar um canhão-**laser** no B-1, quer isso dizer que conseguiram superar o maior obstáculo, isto é, que conseguiram obter a altíssima concentração de energia necessária dentro dos limites de aparelhagem nem grande nem excessivamente pesada.

ACEPIPE PARA BACTÉRIAS

As pseudomonas ficam doidas com ele, mas o petróleo é também uma guloseima para outras 61 espécies de microrganismos. Os cientistas já sabiam há tempo que alguns tipos de bactérias se nutrem de petróleo, mas nunca tinham pensado em as utilizar para a luta contra a poluição dos mares. **«Só há um mês estamos a estudar no laboratório estes microrganismos»**, diz T. B. O'Neil microbiólogo da marinha americana, **«catalogando-os por tipo de petróleo preferido.»**

As bactérias que até agora têm dado melhores resultados são as pseudomonas, que vivem livremente no terreno ou na água, mas também como parasitas dos animais e do Homem. No laboratório de Engenharia Civil da Marinha, em Port Hueneme, na Califrónia, O'Neill meteu 50 mil dessas bactérias numa proveta, em 50 mililitros de uma solução de água e sais minerais. Quando o microbiólogo deixou cair algumas gotas de petróleo na proveta, as pseudomonas excitaram-se. No decurso de 48 horas devoraram de 50 a 75 por cento do petróleo e reproduziram-se desmesuradamente. O'Neill calculou que do nível inicial de 10 mil por mililitro os micorganismos tinham passado a 20 milhões por mililitro ao passo que sómente 25 por cento do petróleo não havia sido decomposto em partículas inócuas.

«As pseudomonas são mais eficazes contra o petróleo para motores marítimos diesel», afirma O'Neill, **«o bruto, pelo contrário, é para eleas mais difícil de digerir»**. O microbiólogo americano não acredita que, por si só, estas bactérias possam resolver o problema das poluições do mar, mas afirma que o seu contributo poderá ser determinante. Para cada uma das 62 espécies diferentes de microrganismos gulosos por petróleo que já identificou, está preparando um índice pormenorizado dos tipos de petróleo preferido. Catalogadas segundo as ementas que mais lhes agradam, as bactérias poderão depois ser conservadas em grandes quantidades, congeladas, para serem rápidamente deitadas à água nos casos de poluição. **«Limpo o mar do petróleo, proliferando, constituirão, além do mais, a alimentação ideal para os organismos marinhos maiores»**, afirma O'Neill.

LIMPAR O MAR. T. B. O'Neill, microbiólogo da marinha americana. Está a estudar algumas espécies de bactérias que se nutrem de petróleo, para encontrar o sistema de as utilizar contra a poluição dos mares.

DL/DOMINICAL · A NATUREZA

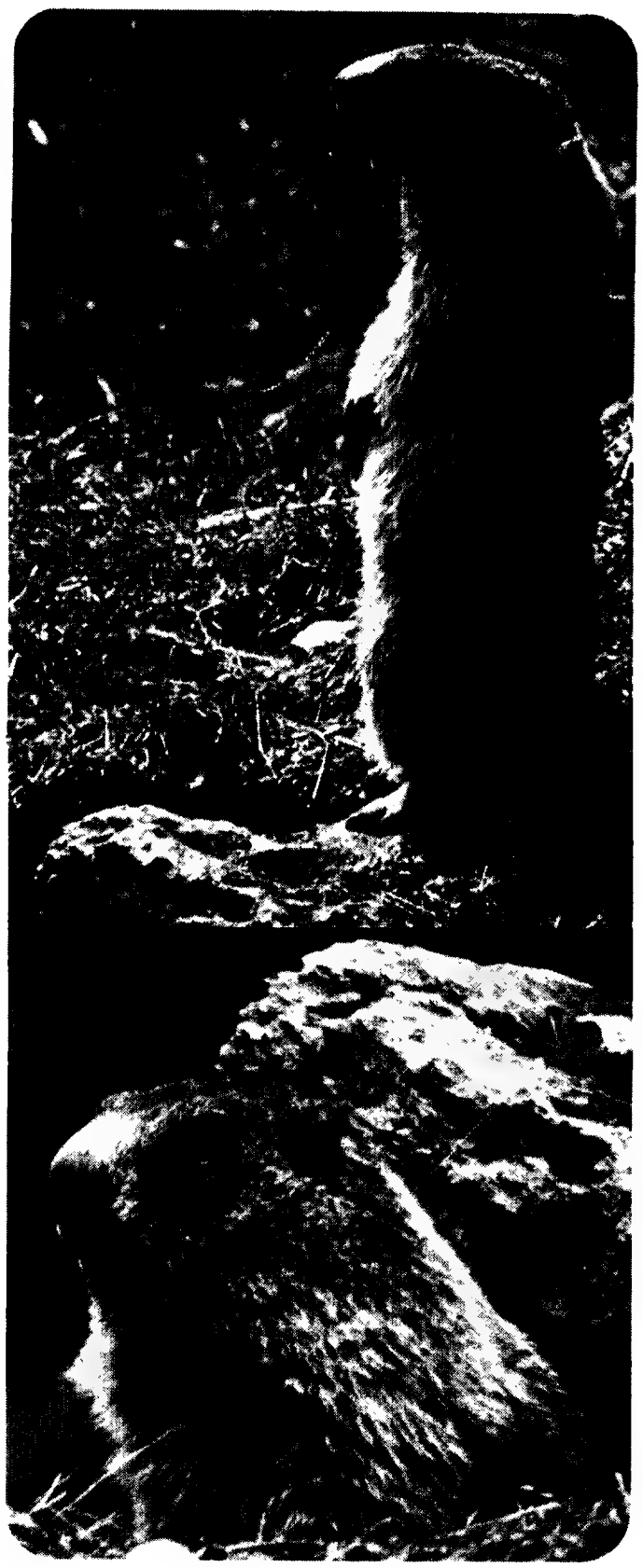
Alegres, inteligentes, desconfiados, estes pequenos roedores da montanha passam metade da sua vida debaixo da terra, aonde constroem casas maravilhosas. O estudo do seu letargo pode abrir novos horizontes à ciência: transplantação sem rejeição e prolongamento da vida humana.

A EXTRAORDINÁRIA REPÚBLICA DAS MARMOTAS

À ESQUERDA: um jovem exemplar em posição de vigia. **EM BAIXO:** Uma marmota advertiu um perigo. O seu silvo, diferente segundo a espécie de inimigo detectado, O seu silvo, diferente segundo a espécie de inimigo detectado, transmite o alarme a toda a montanha. A casa destes roedores é um conjunto de compartimentos e galerias, dispondo inclusive de ar condicionado e de quartos especiais para velhos e crianças.

● **Por Ariberto Segàla**

Exclusivo Época/DL



Se a medicina fizer um certo milagre, deveremos agradecer à marmota. Hoje, os cientistas estão a estudar os segredos vitais deste pequeno mamífero da montanha: querem descobrir, sobretudo, o mistério da sua hibernação. Se o puderem esclarecer, e depois aplicar ao Homem, eis o milagre: transplantação sem rejeição e talvez, dilatação das fronteiras da vida, prolongamento da existência. Tudo coisas que a marmota pratica já, sem ter estudado.

Trata-se de um animalzinho divertido que, por alguns dos seus traços, parece um urso em miniatura. É, como o urso, no princípio do Inverno aprofunda uma toca e cai em letargo. Mas é um letargo diferente, muito complexo. Neste período, que dura seis meses, os tecidos do animal sofrem modificações; o corpo arrefece gradualmente, o metabolismo diminui até quase desaparecer. O coração reduz as próprias batidas a uma por minuto ou até a uma cada três minutos. A respiração faz-se em cada seis minutos. A temperatura e a pressão descem a níveis que parecem incompatíveis com a vida, enquanto no sistema endócrino se dão modificações radicais. Durante este período de hibernação, foram feitas transplantações de pêle entre uma marmota e outra (isto é, cada animal era simultâneamente dador e recebedor). Até agora os êxitos têm sido assombrosos: nada rejeitado durante o letargo, nem depois. Pelo contrário, havia rejeição quando a transplantação se fazia durante o Verão, quando o animal estava acordado. Isto significa que os orgãos votados à produção de substâncias imuno-supressivas (como o timo e outras glândulas) permanecem inactivos durante o letargo. Por isso, se se conseguisse administrar a um indivíduo as substâncias que provocam a inactividade destes orgãos, o perigo da rejeição seria eliminado e as transplantações poderiam fazer-se com absoluta tranquilidade.

Porém, as recentes experiências de estudiosos como o professor Galletti, de Bolonha, e o Dr. Vittorio Peracino, inspector veterinário do Parco del Gran Paradiso, demonstraram algo mais. É sabido que as células do Homem e dos animais nunca estão «paradas»: destroem-se e reconstituem-se contìnuamente, como num gigantesco moto contínuo.

Pois bem, para as marmotas até este processo se detém durante o sono hibernal. As células entram num estado de repouso completo: o momento ideal para os enxertos, aquele com que os cirurgiões sonham há anos, mas que ainda não conseguiram reproduzir.

MISTÉRIO

A marmota, como muitos outros roedores, possui quatro longos incisivos que crescem contìnuamente, durante toda a vida. Porém, durante o letargo, até o desenvolvimento dos dentes pára bruscamente. Nos meses de hibernação, portanto, o processo de envelhecimento do animal sofre provàvelmente uma paragem temporária. E, aqui, a realidade corre o risco de exceder a fantasia.

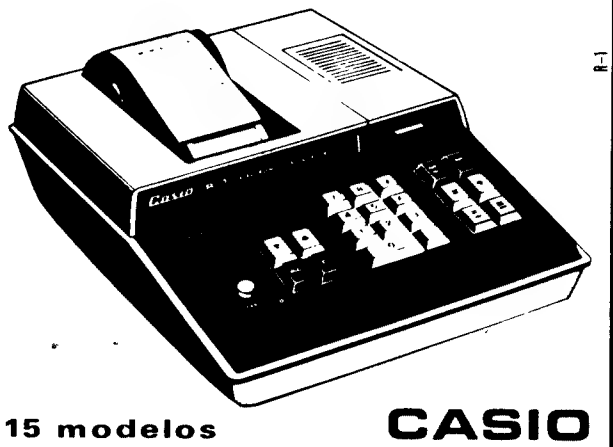
No entanto, uma coisa é certa: a marmota continua a ser, ainda hoje, não obstante os numerosos estudos efectuados, um animal misterioso. Sabe-se pouco a seu respeito, até porque passa metade da sua vida debaixo da terra. Vive em zonas compreendidas entre os mil e os três mil metros de altitude e é um sobrevivente da época glacial. Apareceu na Terra há uns quatro a cinco milhões de anos e, desde então, o seu aspecto não se modificou. As primeiras notícias concretas sobre a marmota referem-se ao bom sabor da sua carne. O naturalista alemão Brehm conta que no século XI os monjes de Saint Gall eram loucos por assado de marmota. Cozida, limpa da gordura e fumada, ela representava naqueles tempos uma verdadeira guloseima. **«Possa a benção torná-la gorda»**, exclamavam os monjes quando ela aparecia na mesa.

Depois, o animal começou a correr perigos mais sérios. Alguém tinha feito um certo raciocínio sumário: se a marmota passa seis meses do ano debaixo da terra e não sofre de reumatismo, quer isso dizer que a gordura de que está recober-

Continua na pág 20

Um exemplar adulto de marmota saindo de casa depois do letargo. Cientistas acreditam que a observação sistemática dos hábitos destes roedores pode levar à descoberta da transplantação sem rejeição que eles praticam há muito.

CALCULADORAS ELECTRÓNICAS



15 modelos CASIO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
EFICEX KIENZLE Lisboa Av Joao XXI 4-A tels 72 70 28 · 72 70 19
Porto R Passos Manuel, 228-1°esq-tel 306 98

Canon Palmtronic LE-10

TAMANHO REAL

Comundo - t. 53 70 91

EXCLUSIVO

1 AL CAPONE

O REI DE CHICAGO

● Por JOHN KOBLER

Pesando 130 quilos, forte como um touro, riquíssimo, Al Capone, o homem da cicatriz, era já, aos 29 anos, o inimigo público n.º 1 dos Estados Unidos. Quando não conseguia corromper, mandava matar (215 homicídios durante aqueles anos). Mas era, também, um indivíduo cheio de delicadezas e de medos: a simples vista de uma agulha de injecções fazia-o desmaiar.

Al Capone, de palhinhas e charuto, na época do seu apogeu como grande senhor do crime em Chicago. Ele dominava não apenas o baixo mundo, mas também os bastidores da política municipal

No Outono de 1928, Al Capone estava no máximo da sua força. Tinha 29 anos, mas parecia muito mais velho. Montanhas de macarrão e rios de **Chianti** haviam depositado adiposidades por todo o seu corpo, mas a sua força muscular, por baixo das banhas, era impressionante. Alto, com 1 metro e 78 centímetros, pesava 130 quilos. Quando se movia, era como se a parte superior do corpo sofresse um violento impulso para a frente, as costas carnudas encurvadas, como as de um touro. A grande cabeça redonda apoiava-se sobre um pescoço tão curto e grosso, que parecia partir directamente do tronco.

Tinha cabelos castanhos-escuros, olhos cinzentos-claros sob espessas sobrancelhas hirsutas, o nariz achatado, a boca larga, os lábios carnudos e purpurinos. Sobre a face esquerda, da orelha até ao queixo, corria uma cicatriz, uma outra atravessava-lhe o queixo e uma terceira marcava a parte inferior da orelha esquerda. Era muito susceptível a propósito desta deturpação. A barba não crescia sobre as cicatrizes e para diminuir a brancura dos sulcos aplicava pesadas camadas de talco sobre as outras partes do rosto. Aos fotógrafos apresentava sempre o perfil direito. Detestava a alcunha que os jornalistas lhe haviam posto: **Scarface**. Ninguém ousava pronunciá-la na sua presença, a não ser que estivesse à procura de apuros. Permitia aos íntimos que o tratassem por **Snorky**, termo que, em calão, significa elegante.

Da sua elegância fazia grande alarde. Dormia em lençois e pijamas de seda (comprava modelos franceses, a 25 dólares cada: preferia-os na cor azul real com riscas douradas), usava cuecas coloridas, sempre de seda, que custavam 12 dólares. Os seus fatos, confeccionados sob medida por Marshall Field, o alfaiate da moda de Chicago, custavam 35 dólares. Tinham os bolsos da direita reforçados para suportar o peso do revólver, as cores vivas: verde-ervilha, azul-turquesa, amarelo-limão. Capone fazia acompanhar estes casacos com calças e gravatas a condizer, usava chapéu de feltro e polainas cinzento-pérola. Sobre o nó da gravata cintilava um enorme diamante, sobre o ventre uma corrente de relógio em platina encastoada com diamantes: no dedo médio, um diamante puríssimo de 11 quilates, branco-azul, que lhe havia custado 50 mil dólares.

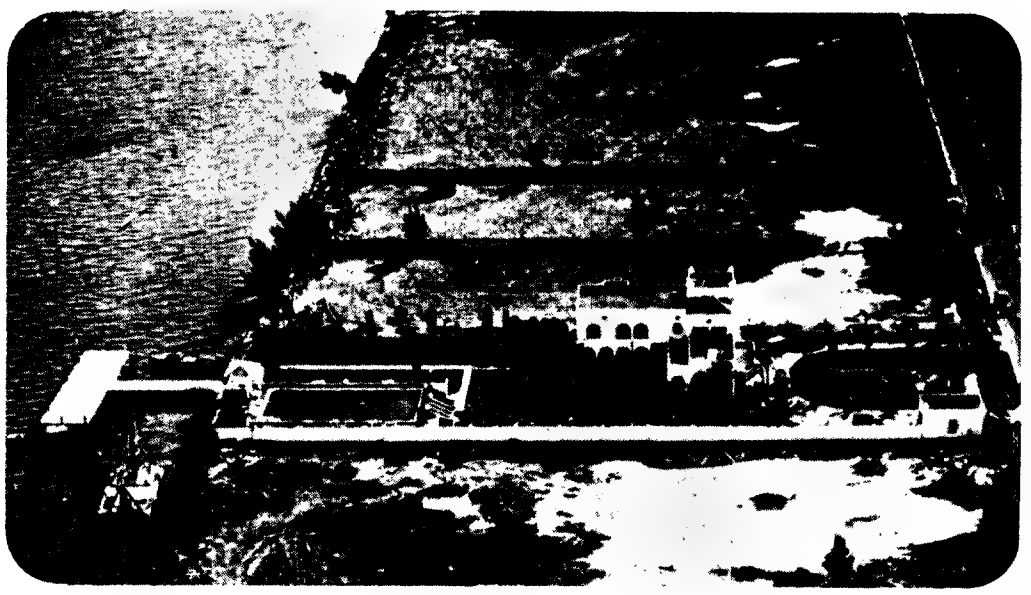
O quartel-general de Capone era o Hotel Lexington de Chicago. O átrio era constantemente patrulhado pelos seus guarda-costas. Outros homens estavam de guarda aos patamares e para se aproximar do covil de Capone, no quarto piso, era preciso passar por entre alas de guarda-costas que traziam por baixo do casaco uma pistola calibre 45.

O centro das múltiplas actividades do mais célebre gangster dos Estados Unidos era o quarto 430, o salão do seu apartamento de 6 divisões. No sobrado do vestíbulo fora embutido um emblema heráldico com as iniciais A.C. À esquerda, havia casa de banho, com uma enorme banheira com as torneiras forradas a ouro e os ladrilhos em verde-nilo e vermelho púrpura.

Sobre a sua escrivaninha, além do telefone e de um tinteiro forrado a ouro, havia uma manada de elefantes de marfim (o seu amuleto da sorte) e um binóculo com o qual Capone gostava de descobrir os títulos dos jornais do quiosque situado à esquina da rua. Nas paredes, os retratos de Abraão Lincoln, George Washington, do prefeito de Chicago, William Hale Thompson (Big Bill), uma pintura representando Cleópatra, fotografias de Fatty Arbuckle e Theda Bara, as estrelas de cinema preferidas por Capone, três cabeças de veado embalsamadas e um relógio de cuco que batia as horas.

VÍBORA ADORMECIDA

Daqui dirigia ele, com o conselho do seu director financeiro Jake Guzik, dito **Greasy Thumb** — polegar gordo — (nascido em Moscovo, aspecto porcino), um consórcio que possuía ou controlava fábricas de cerveja, destilarias, baiúcas ilegais, armazéns, frotas de embarcações e de autocarros, **night-clubs**, casas de jogo, pistas de corridas para cães e cavalos, casas de tolerância, sindicatos, associações industriais e comerciais, actividades que lhe proporcionavam um rendimento anual de milhões de dólares. O dinheiro vinha acumulado em bolsas de tecido, fechadas a cadeado e eram arrumadas no quarto 430, aguardando serem transferidas para qualquer banco sob nomes fictícios.



PIQUENIQUE. A vila de Al Capone em Palm Island, Florida. Custara 140 mil dólares, tinha a maior piscina da zona. Quando tinha hóspedes, Al Capone ia fazer piqueniques nas ilhas próximas, de hidroavião

A família de Capone era de Nápoles. O pai, Gabriel (originàriamente o apelido era Caponi), barbeiro, havia emigrado para os Estados Unidos em 1893, com a mulher, Teresa, grávida de oito meses, e o primeiro filho, Vincenzo. Em Nova Iorque, numa casa miserável da Little Italy, a 17 de Janeiro de 1899, tinha nascido Alfonso, Al («**Eu não sou italiano**», teria protestado mais tarde, «**sou americano, nascido em Brooklyn**»). Cresceu no meio dos **dados** e dos **ginzos** (assim eram chamados, com desprezo, os indivíduos da raça latina), lutando ao murro com os rapazes irlandeses do bairro (esta rivalidade viria a ter, mais tarde, uma sequência mais sangrenta durante o proibicionismo).

Aqui teve o encontro que modificou toda a sua vida: com John Torrio, um **gangster** já conhecido, 17 anos mais velho do que ele, chamado o **Terrible John** — John, o terrível — ou **Little John** — John, o pequeno. Era, de facto, de baixa estatura (chegava ao peito de Capone), rosto pálido e redondo, olhos cavados, mãos e pés pequenos e delicados. Mas o seu aspecto exterior e a sua aparente doçura eram enganadoras como as de uma víbora adormecida. «**Johnny foi para mim um pai e um conselheiro**», disse Capone, «**a ele devo a minha carreira**».

Naquele período, Al Capone conheceu também Lucky Luciano e ambos, introduzidos por Torrio, fizeram parte do bando dos **Five Pointers** (o nome derivava de Five **Points**, uma encruzilhada de ruas mal afamadas entre a Broadway e Bowery). Eram 1.500 jovens, herdeiros de um outro bando, o dos **Whyos**, que assumiam a tarefa de cometer assassínios ou graves mutilações. Por isso, aos clientes potenciais, apresentavam uma lista de preços impressa:

Sova, 2 dólares; dois olhos negros, 4; nariz e queixo partidos, 10; desmaio com cacetada, 15; mordedura de orelha, com rasgão, 15; fractura de braço ou perna, 19; tiro na perna, 25; facada, 25; execução de trabalho «grosso», 100.

Capone era ambicioso e não se contentava com estes trabalhinhos. Por essa altura aproximou-se também de um outro **gangster**, Frank Yale, durante dez anos chefe nacional da União Siciliana, rebaptizada depois para União Italo-Americana, uma sociedade secreta ligada à Mafia segundo alguns, uma confraternidade vítima de calúnias, segundo outros. Como quer que seja, o serviço secreto dos Estados Unidos conseguiu atribuir à União bem uns 60 delitos.

Yale contratou Capone como «bota-fora» e empregado de **bar** numa das suas casas, o **Harvard Inn**, funções para as quais o jovem **Five Pointer** demonstrou dotes excepcionais. Quando lhe era pedido para acalmar qualquer ébrio demasiado turbulento, o seu punho mastodôntico descia com a violência de um ariete. Era também preciso e rápido no manejo do revólver

Mas nem sempre as coisas lhe corriam bem. Uma noite, um pequeno **gangster** local, Frank Galluccio, entrou no **Harvard Inn** com a irmã. Capone dirigiu um cumprimento pesado à rapariga, Galluccio fez saltar a navalha de ponta-e-mola e lançou-se contra o rosto do engraçado. Quando as feridas cicatrizaram, sobre o rosto de Capone ficaram aqueles traços que deram origem à alcunha que tanto odiava: o deturpado (para explicar as suas cicatrizes, mais tarde Al inventou a história de ter sido ferido por uma granada estilhaçada quando combatia em França durante a Primeira Guerra Mundial; na realidade, nunca foi chamado para o serviço militar).

Em 1918, Capone, durante uma festa, conheceu Mae Coughlin, uma rapariga irlandesa alta e esbelta, dois anos mais velha do que ele, que, então, tinha 19 anos. Não obstante o antagonismo entre as duas raças, as raparigas irlandeses mostravam nítida preferência pelos italianos porque estes não hesitavam em casar-se ainda novos. Foi um amor à primeira vista: em 18 de Dezembro de 1918 casaram-se pela Igreja e um ano depois Mae trouxe ao mundo o seu primeiro e único filho, Albert Francis, a quem tratavam por Sonny. Torrio (também ele havia desposado uma irlandesa, Ann McCarthy) foi o padrinho e, desde então, em cada aniversário ofereceu ao pequeno Sonny 5 mil dólares.

Entretanto, Chicago tornara-se a nova base das empresas de Torrio, ali chamado por um tio, James Big Jim Colosimo, proprietário do mais conhecido estabelecimento da cidade, de diversas casas de jogo e de uma rede de bordeis (Big Jim, alguns anos depois, foi morto no vestíbulo de um dos seus restaurantes: diz-se ter sido o sobrinho quem ordenou o assassínio). Em 1919, Capone (já suspeito de dois homicídios, estava em risco de ser preso por um terceiro, se o homem que tinha ferido durante uma rixa, morresse no hospital) vai juntar-se-lhe em Chicago, com a mulher e o filho.

A HORA DOS BISONTES

De início, as suas tarefas eram variadas e humildes: guarda-costas, motorista, empregado de **bar**, pregoeiro de um bordel de Torrio, o **Four Deuces**. «**Vi-o lá uma dúzia de vezes**», recordou depois um jornalista, Courtney Ryley Cooper, «**com a gola do casaco levantada, nas noites frias de Inverno, com as mãos afundadas nos bolsos, aproximar-se dos transeuntes e murmurar: «Temos magníficas raparigas lá dentro»**. Mas para Al Capone, ou Al Brown, como gostava de se fazer chamar, estavam a avizinhar-se melhores tempos, os do proibicionismo e de uma nova fraude: o contrabando de álcool.

A lei nacional sobre o proibicionismo — a chamada Lei Seca — entrou em vigor no primeiro minuto do dia 17 de Janeiro de 1920. Foi violada pela primeira vez exactamente 55 minutos depois da meia-noite daquele mesmo dia, em Chicago: no cais ferroviário da cidade, seis bandidos mascarados e armados apoderaram-se de **whisky** no valor de 100 mil dólares, afastando-se depois num camião.

Nesse mesmo ano, Capone transformou-se em antiquário, uma cobertura para as suas outras actividades. Torrio tinha-lhe confiado a administração do **Four Deuces** e 25 por cento dos lucros de todas as suas casas de tolerância (em 1920 isto atingiu os 25 mil dólares). Seguidamente, Torrio promete a Capone 50 por cento dos negócios de contrabando de álcool (em 1922 o montante bruto dos recebimentos do bando Torrio-Capone atingiu os 12 milhões de dólares).

Os dois confiavam um no

Continua na pág. 14

Continuação da pág. 13

AL CAPONE

outro, eram pràticamente complementares: Torrio, mais velho, débil, frio, taciturno, reservado, admitindo a violência só quando falhava a diplomacia; Capone, mais jovem, robusto, sociável, amante dos prazeres, impávido, de temperamento quente. Dois anos depois, as suas relações já não eram as do patrão e empregado: eram sócios.

Com o bem-estar, segundo a tradição das famílias italianas, Capone fez com que toda a família viesse para Chicago: a mãe Teresa, os irmãos e a irmã (o pai tinha morrido em Novembro de 1920 com um ataque de coração). Para eles e para si próprio mandou construir uma casa de tijolos vermelhos de dois pisos, com 15 divisões no total. O irmão Ralph juntou-se-lhe com a mulher, bem como os outros irmãos: James, Albert, John e Frank (depois morto durante um encontro com a polícia). Assemelhavam-se muito entre si: tinham uma constituição pesada, traços rudes e, quando estavam reunidos em conselho de família, faziam pensar numa manada de bisontes ruminantes.

Al Capone era um dos melhores clientes de si próprio: bebia muito, jogava, frequentava as casas de tolerância. Bordeis, com Torrio e durante aquele período, abriu muitos (no distrito de Cicero, perto de Chicago, eram 22 e desfrutavam, em 1924, de um rendimento bruto anual de 10 milhões de dólares).

Os regulamentos destas casas de tolerância eram severos. Depois de um cliente ter expressado a sua preferência, a encarregada entregava-lhe uma toalha. A rapariga recebia uma outra toalha e ao casal era destinado um quarto de cama. O cliente devia pagar dois dólares por cada 5 minutos que passava com a rapariga. Passados os primeiros cinco minutos, a encarregada batia à porta e pedia o pagamento adicional. Se o cliente estava demasiado empenhado para responder, entrava no quarto.

Capone naquele período tinha contraído uma doença venérea) dizia que «**se um homem não embarca com uma prostituta, significa isso que está despachado**». Por isso, frequentemente, punha à prova os seus guarda-costas apresentando-lhes mulheres voluptuosas e sensuais. Se os rapazes não tinham uma reacção suficientemente entusiasta, atribuia-lhes postos menos importantes ou os despedia de uma vez para sempre.

QUADRILHAS EM GUERRA

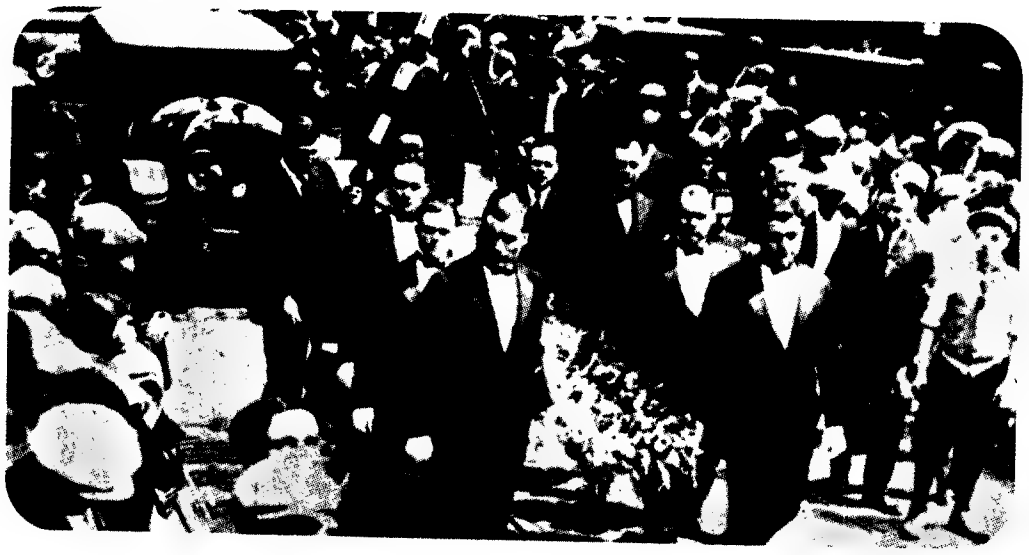
Continuava, entretanto, a guerra das quadrilhas, seduzidas pelos ganhos fáceis do proibicionismo. Um dos inimigos mais sangrentos do bando Torrio-Capone era Dion O'Banion, chefe do bando dos irlandeses. Como profissão fazia de florista (mister muito proveitoso para todos os homicidas daquele tempo: nos funerais nunca faltavam montanhas de flores) e à noite despachava, com os seus camiões, carregamentos de **whisky.**

«Fi-lo morder o pó, àquele espertalhão», continuava a repetir O'Banion, depois de ter enganado uma vez Torrio com um carregamento de **whisky** que acabou por cair nas mãos da polícia. Esta frase e o dinheiro perdido no negócio (meio milhão de dólares) assinaram a sua sentença de morte. Foi morto por três pistoleiros no seu estabelecimento de flores. Ao cair derrubou diversas caixas com cravos e lírios. O seu sangue tingiu de vermelho um tapete de peónias brancas. Um assassínio como mandam os livros: seis balas tinham-lhe entrado no corpo.

O assassínio desencadeou a **vendetta.** Capone escapou por milagre a um atentado. Desde então, passou a andar só no seu **Cadillac** especial, com o peso de sete toneladas, a carroçaria couraçada a chapas de aço, tal como o reservatório da gasolina. Os vidros das portas e do pára-brisas eram à prova de bala e tinham uma espessura de dois centímetros. À retaguarda do banco posterior havia sido preparado um compartimento para as armas e o vidro posterior, móvel, permitia disparar sobre os perseguidores.

Raramente Capone viajava neste automóvel sem um carro piloto, que o precedia e um carro de turismo, cheio de atiradores escolhidos, atrás. Quando era obrigado a caminhar para atravessar um passeio ou o átrio de um hotel, movia-se cercado por um bando de gorilas. Nos seus quartéis-generais usava uma cadeira giratória com um alto espaldar revestido a chapa de aço contra um eventual assassino que conseguisse escapar-se por entre os seus guarda-costas, disparando-lhe por detrás (não obstante todas estas precauções, nenhuma companhia de seguros estava disposta a emitir uma apólice sobre a vida).

O REI DE CHICAGO



CHEFE. Os funerais de Angelo Genna, chefe da União Siciliana. Aliado de Capone foi morto por Hymie Weiss, chefe da quadrilha dos irlandeses. Depois da morte de outros dois dos irmãos Genna, Capone torna-se o rei dos gangsters italianos de Chicago

Torrio foi menos afortunado do que o sócio. Em 24 de Janeiro de 1924, na Michigan Avenue de Chicago (tinha acompanhado a mulher às compras) foi assaltado por quatro homens armados. Dois tiros atingiram-no no maxilar e no peito, outros dois no braço e na virilha. Um dos pistoleiros inclinou-se para disparar o golpe de misericórdia na têmpora, mas a arma já estava descarregada. Torrio mantem-se entre a vida e a morte. Interrogado pela polícia, conseguiu muito a custo, com o maxilar partido, dizer: **«Certamente, sei quem são aqueles quatro homens, mas nunca direi os seus nomes».**

Amedrontado por este ataque depois de se ter miraculosamente restabelecido, Torrio anunciou a Capone e aos seus sequazes que se retirava da cena de Chicago. Sem exigir um pagamento sem pôr condições transferiu formalmente todas as empresas para Capone: as fábricas de cerveja as casas de tolerância, as baiúcas, as casas de jogo, que, no seu conjunto, davam um rendimento anual de 10 milhões de dólares. Para consolidar este império, tornado precário pelo afastamento de Torrio, Capone sabia que teria de reconquistar submeter ou destruir as maiores quadrilhas da cidade. Estava pronto para o desafio: tinha aquelas qualidades que fizeram dele, segundo os esquemas do mundo da má vida, o modelo exemplar, o chefe dos chefes.

O atentado contra Torrio assinalou o início da mais longa e feroz guerra entre quadrilhas que jamais se travou em Chicago. Havia duas grandes formações: de um lado, os **gangsters** irlandeses, polacos e judeus que enfileiraram com o sucessor de O'Banion, Hymie Weiss; do outro lado, os sicilianos, sobretudo os irmãos Genna (Sam, Angelo, Mike, Peter Tony e Jim), e a maior parte dos italianos que alinharam com Capone.

CONDENAÇÕES À MORTE

A primeira vítima foi Angelo Genna amante do belo canto como seu irmão Tony e Al Capone (entre os seus hóspedes habituais, quando passavam por Chicago, contavam-se Tito Schipa, Titta Ruffo, Luisa Tetrazzini). Em 25 de Maio de 1925 tinha subido para o seu **spider** com 15 mil dólares no bolso para comprar uma vila á mulher com quem acabava de se casar. Enquanto guiava verificou estar a ser seguido por outro carro com quatro pessoas. Acelerou e, numa curva, foi embater contra um candeeiro. O carro perseguidor (segundo a Polícia, encontrava-se nele também Weiss), abrandou até quase parar enquanto os ocupantes disparavam contra a vítima apanhada na ratoeira.

A morte de Angelo, chefe da União Siciliana, levou ainda à dissolução do bando sem que Capone, a quem interessava o predomínio sobre a União (como napolitano não tinha os requisitos para a presidir, mas podia nomear um homem da sua confiança), fizesse o que fosse para a impedir. Melhor. Depois de Angelo também Mike Genna foi morto num recontro com a Polícia (mas muitos sustentaram que se os agentes o não tivessem feito, os homens de Capone já haviam pensado fazê-lo), tendo Tony Genna sido abatido alguns dias depois (a Polícia suspeitou que o autor fosse um pistoleiro de **Scarface).** O bando Genna dissolveu-se e Capone conseguiu nomear um dos seus homens para a presidência da União Siciliana: Tony Lombardo.

AFECTO. Frank Capone, irmão de Al, morto durante um recontro com a polícia. Scarface, uma vez em Chicago, para ali chamou toda a família (a mãe, 6 irmãos e uma irmã)

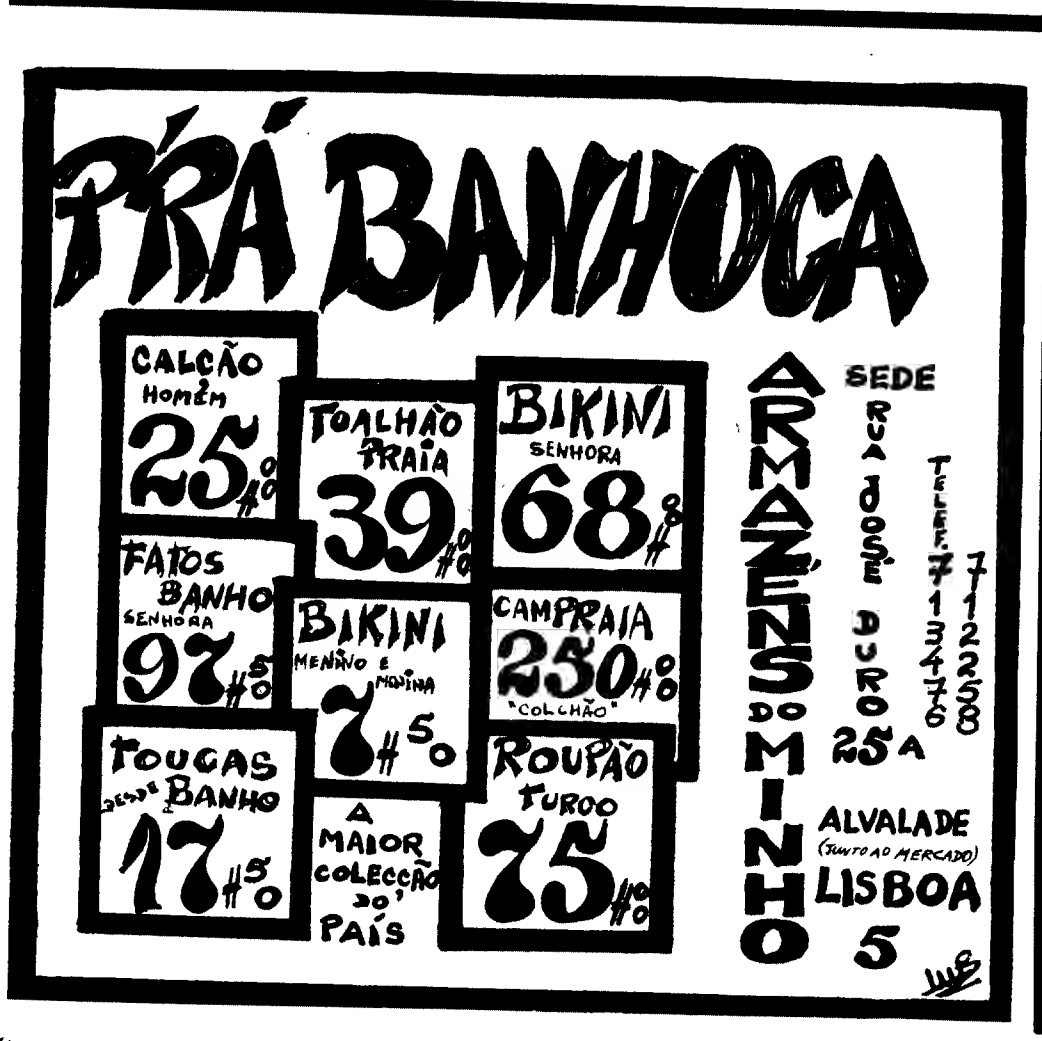
Hymie Weiss, chefe da quadrilha dos irlandeses e inimigo declarado de Scarface, que o mandou matar

Naqueles anos, a guerra da cerveja como acabou por ser chamada, custou a vida a 215 **gangsters,** dos quais 29 foram mortos durante os primeiros meses de 1926. **«Até que se matem todos entre si»,** dizia a gente de Chicago, **«bem podemos esperar».** Porém em 27 de Abril, foi morto William H. McSwiggin, de 26 anos, vice-procurador de Estado, filho de um sargento da Polícia, Anthony McSwiggin. Muito sustentaram que o jovem vice-procurador tivesse sido corrompido (tinham-no visto muitas vezes na companhia de **gangsters,** entre os quais Al Capone), mas o assassínio suscitou igualmente uma enorme impressão.

No fim das investigações, o sargento Anthony McSwiggin citou, como assassinos do filho, Capone, dois dos seus homens, Frank Rio e Frank Diamond, e um contrabandista de Cicero, Bob McCullough. Disse que um juramento feito o impedia de revelar a fonte das suas informações. Foi um momento muito crítico na carreira de Al Capone. Vinte e cinco das suas casas (lucro líquido de 4 milhões por ano) foram visitadas pela Polícia: caça-níqueis, roletas, mesas de jogo, barris de cerveja, caixas de bebidas alcoólicas e bidões de álcool foram destruidos, dezenas de raparigas foram presas cofres cheios de dinheiro e de livros de contas foram sequestrados.

O maior bordel de Capone, o **Stockade** (5 mil dólares líquidos por semana), foi parcialmente destruido. Na noite seguinte, três automóveis carregados de cidadãos dos esquadrões da ordem completaram a obra. Encorajados pelos presentes incendiaram o local. Chegaram a comparecer os bombeiros mas só para se certificaren de que as chamas não ameaçavam as casas vizinhas. **«Porque não faz qualquer coisa?»,** perguntou um homem de Capone. **«Temos de poupar a água»,** respondeu um dos bombeiros.

Capone fugiu. Mas, em 28 de Julho, informou a procuradoria de Chicago que estava pronto a apresentar-se.



• DL-EXCLUSIVO

PAI. À esquerda: John Torrio e Jake Guzik, dois gangsters amigos de Capone: «Torrio para mim é como um pai», dizia

Foi abordado pelos jornalistas. Porque tinha fugido logo a seguir ao delito? «**Tinha medo de que a Polícia disparasse ao ver-me**». Quando chegou ás repartições federais, Capone admitiu que McSwiggin era um dos seus grandes amigos: «**Tinha falado com ele só dez dias antes do delito. Se quisesse matá-lo, teria podido fazê-lo nessa altura. Mas não queria matá-lo. Nem nunca quis. Era-me simpático, um autêntico bom rapaz**».

No dia seguinte ao seu regresso a Chicago, Capone compareceu perante o juiz. O vice-procurador de Estado retirou a acusação de homícidio. «**Esta acusação**», explicou, «**foi feita pelo chefe da brigada de investigação, Schoemaker, que se baseou em indícios superficiais. As investigações ulteriores não podem legalmente, validar estas hipóteses**».

Capone saíu do tribunal radiante. O sargento McSwiggin, que o havia seguido, disse: «**Deram-lhe a medalha e deixaram-no ir embora**». O velho polícia nunca mais se refez da sua dor: «**Também me mataram a mim quando mataram o meu rapaz**, repetia frequentemente.

Apos dois atentados á vida do próprio Capone, o chefe dos chefes decidiu que soara do a hora de acabar com o bando dos irlandeses. E assinou a condenação á morte de Hymie Weiss. Em 11 de Outubro de 1926, Weiss deixou o tribunal de Chicago para onde fora convocado passando diante da catedral do Sacro Nome na State Street. Desde o dia 9 que dois homens estavam escondidos num quarto alugado no segundo andar de um prédio defronte da catedral. Ao aparecer Weiss, começaram a crepitar as espingardas metralhadoras. Weiss foi atingido por dez projecteis e morreu imediatamente. Tinha 28 anos mais um do que Al Capone. Com ele ficaram feridos mais quatro dos seus homens.

Enquanto os embalsamadores da **Sbarbaro**, a mais conhecida agência funerária de Chicago, estavam a preparar o corpo de Weiss para o funeral, Capone de pantufas e em mangas de camisa, com um enorme charuto entre os dentes, recebia a imprensa: «**Foi um trabalho de carniceiros**», disse, «**Hymie era um bom rapaz. Lamento que tenha sido morto, mas eu nada tenho a ver com essa história. É até absurdo matarem-se pelas ruas como animais. Não tenho vontade de acabar na valeta crivado de balas de uma metralhadora. Por que teria querido, portanto, matar Weiss?**».

TRATADO DE PAZ

Depois deste assassínio, no Hotel Sherman de Chicago, em 21 de Outubro, reuniram-se os irlandeses de um lado e os italianos do outro para chegar a um tratado de paz. Capone, que dominava a situação quer pela sua personalidade quer pela força da sua organização apresentou um tratado em cinco pontos:

1) Pôr de lado todas as hostilidades e todos os rancores: amnistia geral.

2) Renúnciar á violência como meio de resolução das disputas entre bandos. Ao contrário usar a arbitragem.

3) Terminar com os logros (a arma mais usada para a guerra psicológica entre **gangsters**, que implica a intriga maligna. Se A deseja destruir B sem correr o risco de um ataque aberto diz a C que B está a conspirar contra ele e incita C a desferir o primeiro golpe. Ou conta aos jornais uma história sobre B que enfurece C.

4) Proibir o roubo de clientes de uma outra quadrilha. Não é permitida a invasão dos territórios preestabelecidos.

5) O chefe de cada bando deverá punir as eventuais violações cometidas pelos seus membros.

Italianos e irlandeses dividiram a cidade. A Capone coube a fatia mais grossa tida a zona para baixo de Madison Street e a maior parte dos subúrbios, um domínio compreendendo cerca de 20 mil baiúcas e lojas de toda a espécie, e só ele e os seus administradores sabiam quantos hoteis, pensões, casas de jogo e bordeis.

Era já um dos homens para poderosos da cidade, e não podia ignorar a política. A ocasião foi-lhe fornecida pelas eleições para prefeito. William H. Thompson, o grande Bill, derrotado em 1923 candidatou-se em 1926. «**Não sou, de facto abstémio**», dizia, «**não só reabrirei os locais que têm estado fechados, como abriremos pelo menos mais 10 mil novos**». Perspectivas deste género não podiam senão agradar a Capone contribuiu para a campanha de Thompson com 260 mil dólares e aplicou por conta própria, toda a técnica de terrorismo e de corrupção. Foi-lhe atribuido o **slogan**: «**Vota primeiro e vota muitas vezes**».

Na noite de 6 de Abril (começavam a conhecer-se os primeiros resultados), no salão Luis XIX do Hotel Sherman, seu quartel-general, Big Bill, brandindo um chapeuzinho e com a voz empastada pelo **whisky** ingurgitado, gritou: «**Estamos com 52 mil votos. Agradeço-vos a todos, pessoalmente. Obrigado! Força rapazes! Tinha-vos dito que assim seria**». A contagem final deu-lhe uma maioria de 83.072 votos. O regresso de Thompson ao município abriu uma era de derramamento de sangue, banditismo e corrupção cívica, em confronte com a qual a Chicago dos anos anteriores parecia um modelo de legalidade e de ordem.

Para chefe da polícia Big Bill nomeou Michael Mughes, que na anterior administração havia sido demitido da brigada de investigação com a acusação de ter participado num banquete em honra de Dion O'Banion. Como director administrativo, escolheu o seu ex-chefe da polícia, Charles Fitsmorris, que já uma vez havia admitido pùblicamente: «**Dos meus homens, 60 por cento está no tráfico do álcool**». Como funcionário preferido para o controlo e aprovação dos pesos e medidas escolheu um homem de Capone, Daniel Serrittella.

Enquanto pesca, de roupão, do seu barco a motor ao largo de Palm Island, Flórida. Capone, o mais poderoso gangster dos Estados Unidos, nasceu em Nova Iorque, de pais italianos

Entretanto, Capone havia ampliado o seu quartel-general no Hotel Metrópole, no qual alugara 50 quartos. Do município chegava um fluxo constante de funcionários venais, administradores e homens políticos corruptos. Do departamento de polícia, que não passava de uma guarnição de mercenários à disposição do condutor que oferecia os preços mais altos, chegavam os funcionários da polícia para recolher as recompensas pelos serviços prestados, como a escolta a carregamentos de bebidas espirituosas. Capone calculou na medida de uns 30 milhões de dólares por ano os pagamentos globais à polícia por parte de todos os bandos. A sua lista de pagamentos compreendia quase metade de toda a força policial de Chicago.

Até que ponto havia subido o prestígio de Capone durante a nova administração Thompson ficou patente em 15 de Maio, quando o comandante italiano Francesco de Pinedo, circum-navegando o mundo com o seu hidroavião «Santa Maria II», como mensageiro de amizade de Benito Mussolini, amarou no Lago Michigan. Capone foi um dos primeiros a apertar a mão a De Pinedo quando este desembarcou.

Esta atmosfera durou até 1927 quando Thompson, republicano, após a renúncia de Calvin Coolidge às eleições para a presidência dos Estados Unidos de 1928, pensou que era chegado o momento de tentar a escalada para a Casa Branca (revelou-se depois um completo fracasso). Como aspirante a presidente, Big Bill deu-se conta de que a presença de Capone em Chicago e a sua completa liberdade de acção podiam representar um entrave.

EXÍLIO AO SOL

Falou disso com o chefe da polícia e, de chofre, mudou o modo como era tratado o **gangster**. Da indulgência passou-se à opressão. Alguns sequazes de Capone foram presos por delitos mínimos. Frequentes rusgas passaram a perturbar os seus bordéis, as fábricas de cerveja e as salas de jogo. O próprio Capone passa a andar sob estreita vigilância.

Em 5 de Dezembro, o **gangster** tem uma conferência de imprensa no Hotel Metrópole. Afundado na sua poltrona de espaldar reforçado a aço, envolvido pelo fumo do seu charuto, disse: «**Doravante os respeitáveis cidadãos de Chicago terão a liberdade de procurar as bebidas aonde melhor o entenderem. Eu estou farto deste trabalho, porque não dá nenhuma satisfação, apenas desgostos.**» E anunciou que iria voluntàriamente para o exílio, com a mulher e o filho, para Miami.

No fim de 1927 estava na Florida; em 1928 já tinha comprado uma luxuosa vila por 40 mil dólares, em Palm Island, em estuque branco, estilo espanhol, com dois pisos.

Toda a propriedade foi cercada por um muro de cimento. Pesadas portas de madeira de carvalho foram colocadas por detrás do já existente portão de ferro batido, para impedir completamente a vista pelo lado de fora. No portão foi implantado um bocal pelo qual os visitantes podiam fazer-se anunciar. Ninguém era admitido antes de um guarda-costas armado, de sentinela por detrás do portão, ter estudado atentamente o hóspede através do ralo de vigia. Entre a casa e a baía foi construída a piscina, a maior de toda a zona, com um dos primeiros sistemas de filtragem, quer para água doce, quer para água salgada. Do lado da baía elevava-se uma construção de dois pisos, estilo galeria veneziana, que servia como cabana balnear. Entre as rochas, no meio de uma vegetação tìpicamente tropical, tinha sido escavado um tanque que continha espécies raras de peixes tropicais, aos quais Capone e sua mulher deitavam migalhas de pão.

Capone tinha uma pequena frota de embarcações que usava para pescar e para turismo: a **Sonny and Ralphie** e outra com cerca de 10 metros, a **Freccia**. Quando os seus amigos o visitavam, gostava de alugar um hidrovião e ir fazer um piquenique, com sandes e cerveja, em Bimini (o aluguer do hidrovião custava 60 dólares por hora, mais 100 dólares por hora para o piloto).

SOBRINHO CRUEL. O assassínio de James Colosimo, proprietário do mais conhecido restaurante de Chicago e de uma rede de bordeis. Era tio de Torrio, o sócio de Al Capone. Disse-se que foi o próprio Torrio que ordenou o delito para alargar o seu poder

O DINHEIRO NA GAVETA

No seu retiro, atulhado de móveis pesados, maciços, exageradamente trabalhados, havia um quadro a óleo que reproduzia os Capone, pai e filho.

O principal quarto de dormir, sobre as traseiras da casa patronal, tinha vista para a piscina, para a cabana e para a baía. Capone dormia numa enorme cama com quatro colunas, aos pés da qual havia uma cómoda cheia de dinheiro contante. («**Não ponham o dinheiro no banco**», dizia. «**Façam como eu!**»). Quando tomava banho de chuveiro, Capone gostava que os jactos de água lhe chegassem a todas as partes do corpo. Deste modo, havia mandado construir um chuveiro em que a água, além de vir de cima, saía também lateralmente. O custo destas instalações andou à volta dos 100 mil dólares.

Porém, o afastamento de Chicago durou pouco tempo, não obstante a sua declaração de que «**o trabalho não lhe dava já nenhuma satisfação**». Thompson, ultrapassadas as ambições presidenciais, estava de novo disposto a reaceitar Capone e, mais importante ainda, a reaver os milhões de dólares que, generosamente, **Scarface** continuava a distribuir a toda a administração citadina.

Durante o Verão de 1928, Capone transferiu o seu quartel-general do Hotel Metropole para o Hotel Lexington, já considerado o mais refinado e elegante da cidade. Ocupou todo o quarto piso, grande parte do terceiro, e alguns quartos espalhados por todo o hotel para alojar as mulheres do bando. Muito raras vezes Mae Capone compartilhava o apartamento do Lexington com o marido, pois, geralmente, era relegada para a casa de Chicago ou para a de Palm Island.

Capone gostava de se rodear de mulheres. Naquela época a sua amante era uma grega, gorducha e loura: estivera antes num dos seus bordéis. Um dia, a rapariga foi ao médico de Capone queixando-se de uma inflamação no aparelho genital. O médico diagnosticou sífilis. Depois solicitou a Capone que deixasse fazer uma análise de Wasserman, mas a ideia de uma agulha que penetrava na veia para tirar sangue aterrorizava o **gangster**. E não conseguiram convencê-lo, nem com a peremptória afirmação do médico de que não se sentiria mal, nem com a descrição da devastação lenta que sofreria caso não se tratasse. Capone parecia não se preocupar com isso.

Preocupava-se, pelo contrário, em alargar o seu campo de acção. Agora dedicava-se também à chantagem organizada, à extorsão activa: em Chicago controlava a maior parte dos bens e dos serviços de consumo, com a consequente alta de preços, da carne e do peixe, por exemplo. Quem não pagava uma percentagem aos homens de Capone, via o negócio ir pelos ares, quando não se chegava às ameaças físicas e, num ou noutro caso, à morte.

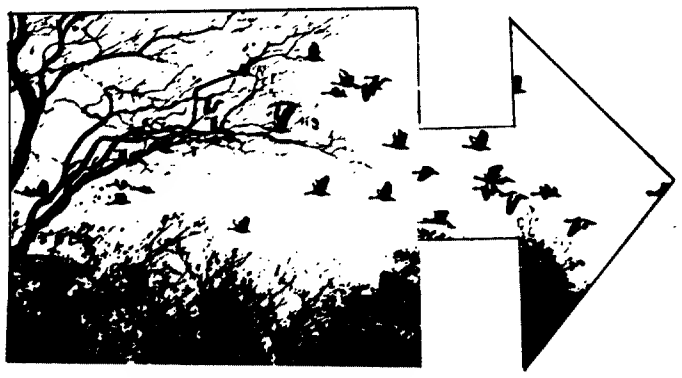
A pouco e pouco, Capone chegou a dominar a maioria das actividades dos bandidos de Chicago (disse-se que tinha 70 por cento). Dos 105 milhões de dólares montante bruto que o «grupo» de Capone ganhou em 1928, pelo menos 10 milhões foram extorquidos pelos chantagistas.

Esta força suscitava a rivalidade dos outros bandos sobreviventes. Bugs Moran, chefe do bando de North Side (sucessor de O' Banion e de Weiss) não perdia ocasião de atacar Capone. Chamava-lhe «o bruto» ou «o gorila». «**O bruto usa os seus gorilas para vender o seu álcool mal gostoso e a sua cerveja**», tinha declarado numa entrevista. «**Capone não se fia em ninguém e suspeita de todos. O bruto não pode dormir de noite. Por minha conta digo que se droga.**»

No fim de Dezembro de 1928, Capone partiu de novo para Miami. Da sua casa residencial de Palm Island, fazia diàriamente extensos telefonemas a Jake Guzik ... o polegar gordo ..., seu administrador no Hotel Congress de Chicago. Os telefonemas (como se verificou pela ficha da companhia dos telefones) terminaram no dia 11 de Fevereiro de 1929. Faltavam três dias para San Valentino.

Domingo
O FIM DE AL CAPONE

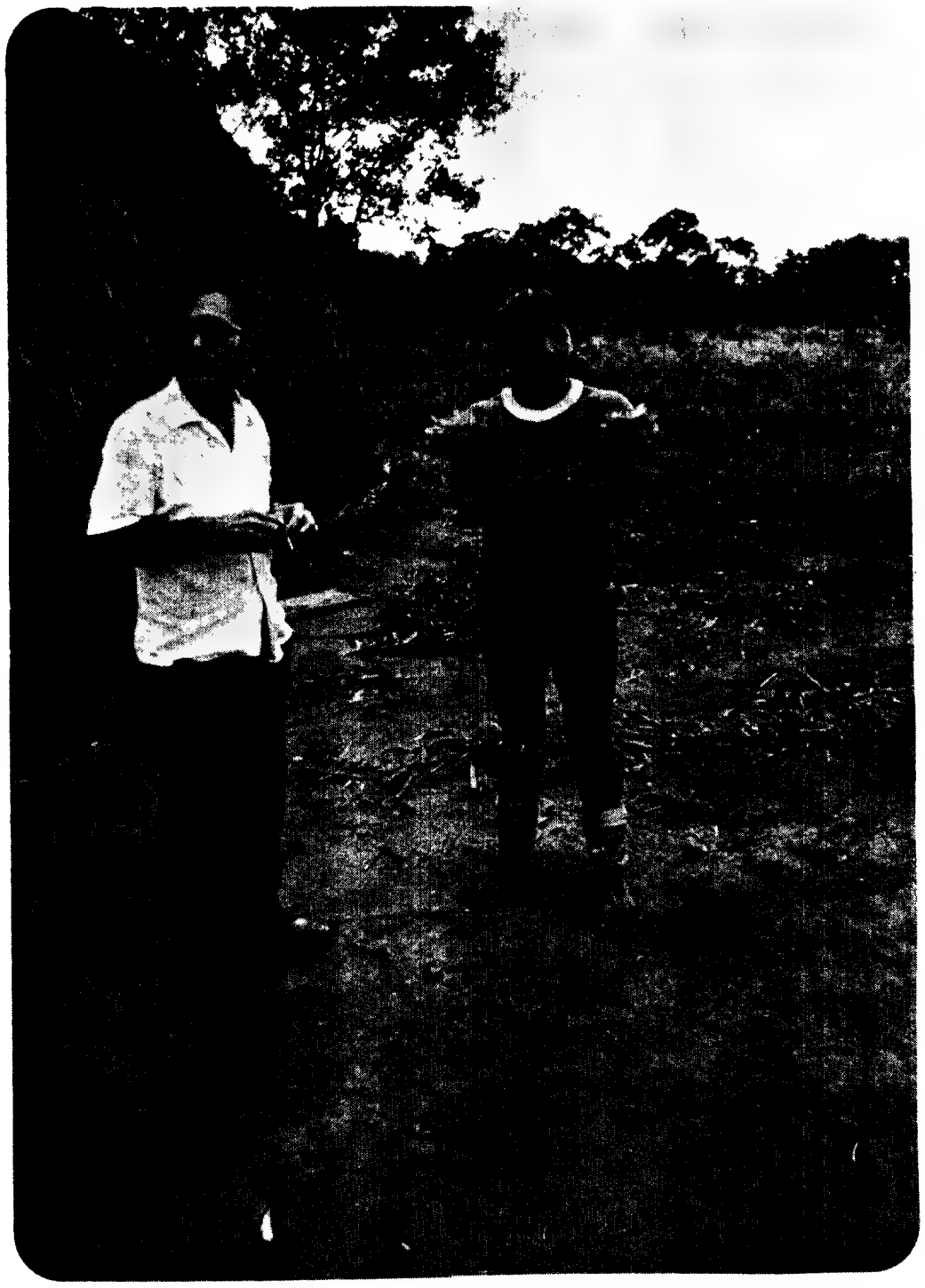
DL/DOMINICAL



XINGU

Texto de MARIKA TENISON
Fotos de ROBIN H. TENISON

Ninguém até hoje lutou mais pela protecção do homem primitivo do que dois irmãos brasileiros: Orlando e Claudio Villas Boas. A maior parte da sua vida tem sido uma luta contínua para salvar as tribos Ameríndias do seu país não só do desaparecimento, como do terrível contacto com a assim chamada «civilização» que os ameaçava de extinção. Este ano, os irmãos Villas Boas tiveram uma recompensa à escala mundial, ao serem indicados como candidatos ao Prémio Nobel da Paz de 1971. Após anos passados no desbravamento das selvas do Brasil e numa tomada de contacto com tribos primitivas de Índios, Orlando e Cláudio conseguiram finalmente erguer um oásis de paz no Parque do Xingu, região de Mato Grosso, Brasil, possibilitando assim às tribos índias uma vida relativamente segura bem como uma passagem coordenada e inteligente da Idade da Pedra para o século XX.



Cláudio Villas Boas com um chefe Índio Kamayura

OS IRMÃOS VILLAS BOAS ANJOS PROTECTORES DOS ÍNDIOS BRASILEIROS PROPOSTOS PARA O NOBEL DA PAZ

Claudio na sua casa de uma só peça no posto de Diauarum, Xingu.

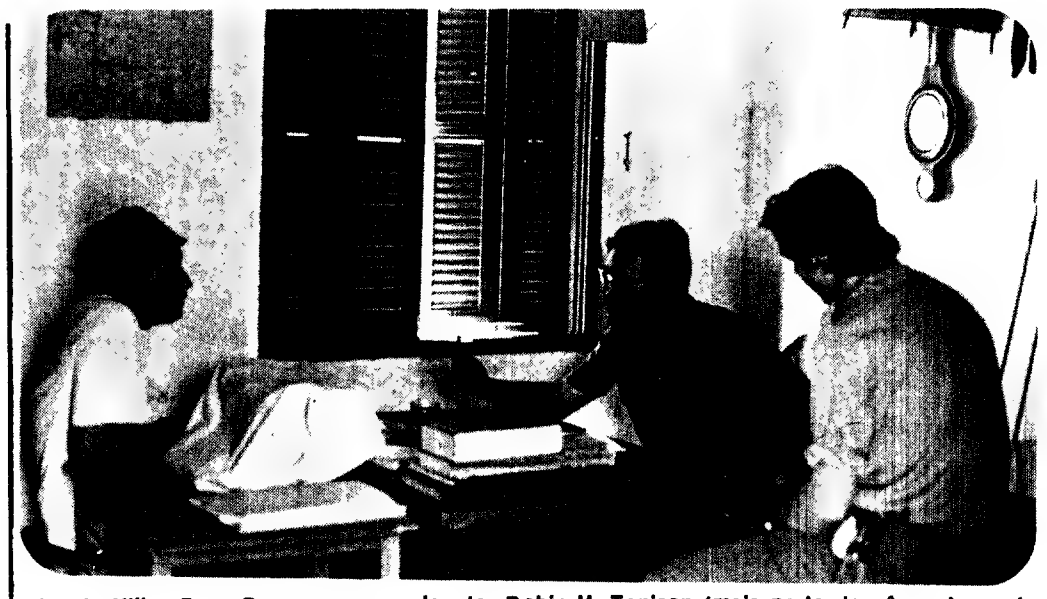
A política seguida pelos Villas Boas foi sempre a de proteger o Xingu (que ocupa uma área de 22 500 km2) da infiltração de colonos brancos provenientes da mais baixa escória ou de pesquisadores de minas. O sonho que os impulsionava consistia em proporcionar aos Índios que aí viviam todo o auxílio possível no sentido de os levar a uma adaptação estruturada aos processos do mundo moderno. No Xingu, os Índios encontram-se a salvo dos efeitos destrutivos provenientes do contacto com as doenças do homem branco, contra as quais não têm imunidade e igualmente da degradação que inevitàvelmente advém desse mesmo contacto com o homem branco, sob as formas da bebida e da prostituição.

Os dois irmãos improvisaram pistas de aterragem junto das aldeias com vista a um serviço médico aéreo, percorreram as tribos tentando sem qualquer violência instituir entre estes povos primitivos as bases dos nossos códigos morais, ganharam a confiança dos Índios e gradualmente foram-se tornando os conselheiros acreditados das quinze tribos a seu cuidado.

O sonho de Orlando e Cláudio quanto à constituição do Parque do Xingu precisou, para concretizar-se, de 25 anos de trabalho árduo no interior da selva brasileira, mas criaram finalmente uma espécie de paraíso onde as tribos Ameríndias podiam conhecer uma paz mútua e onde começaram a aumentar e não a morrer, como estava a acontecer no resto do país.

É inevitável que um trabalho do género, especialmente nas condições experimentadas pelos irmãos Villas Boas, tem inúmeros espinhos. Xingu iniciou-se em 1961 e dez anos mais tarde, Orlando encontra-se num estado de cegueira quase total devido a cataratas nas duas vistas e é obrigado a viver em São Paulo, onde luta incansàvelmente, junto às autoridades, pela sobrevivência do parque.

Claudio (que é sem dúvida o mais tímido e reservado dos dois irmãos), passa a maior parte do tempo no posto de Diauarum, situado na margem do rio Xingu, onde se dedica à luta contra os males da malária endémica; a luta não é apenas contra a doença mas também pela aquisição de um subsídio razoável que lhe permita



Claudio Villas Boas Boas com o explorador Robin H. Tenison (mais perto da câmara) e outro visitante

FÉRIAS 1972
FÉRIAS NA PRAIA
FÉRIAS NA MADEIRA
FÉRIAS NOS AÇORES
FÉRIAS NO ALGARVE
TRANSNAUTICA
Agência de Viagens e Turismo
LISBOA
R. Duque de Palmela, 35-37
PORTO
Rua Júlio Dinis, 729
(Peças nos programas especiais)

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

ANTROPOLOGIA

Cláudio aconselhando os Índios

EXCLUSIVO CAMERA PRESS/ADS/DL

PARAÍSO PERDIDO NO BRASIL

enfrentar as despesas de manutenção de Xingu; é igualmente uma luta que engloba novos projectos, um **jeep** novo e fundos para a compra de combustível que lhe permita vigiar eficazmente toda a zona.

A vida dos dois irmãos, um em São Paulo e outro na selva, resume-se a uma luta diária; no momento, assume proporções de luta perdida dada a escassez de reservas alimentares e auxílio médico, causadas pela construção de uma estrada que deverá atravessar o centro de Xingu e também pela recente substituição de terra boa habitada pelos Índios por terra pantanosa.

Em Janeiro deste ano, desloquei-me ao Brasil acompanhada de meu marido Robin Hanbury Tenison, com o fim de visitar para cima de trinta tribos Ameríndias ainda existentes e poder elaborar um relatório sobre a situação dos Índios brasileiros para ser entregue a uma instituição londrina chamada «Fundo de Auxílio aos Povos Primitivos». A primeira visita que efectuámos no Brasil foi ao Xingu.

Seis meses antes de realizarmos esta viagem, Robin, auxiliado por Adrian Rowell, dedicara-se à recolha de informações que possibilitassem a candidatura dos irmãos Villas Boas ao Prémio Nobel da Paz. A candidatura, apoiada por sir Julian Huxley, pelo professor Levi-Strauss, pelo dr. Peter Scott e uma centena de outras entidades proeminentes, foi aceite. Em Janeiro, Robin iria encontrar pela primeira vez (embora já tivesse efectuado numerosas expedições ao Brasil) Cláudio, um homem cuja vida estudara a fundo, mas que nunca lhe fora dado conhecer.

Partimos de Brasília e sobrevoámos vastas regiões de floresta virgem, uma enormidade de verdes, apenas cortados por uma rede infindável e sinuosa de largos rios. Após um voo de três horas, aterrámos no centro principal de Xingu, o Posto Leonardo, onde Orlando vivera antes da sua doença e onde recebera entidades oficiais, dignitários e jornalistas, com o objectivo de lhes pedir auxílio.

Na extremidade da pista improvisada de aterrissagem, aberta através da selva, Cláudio esperava para nos cumprimentar acompanhado de seu sobrinho Ângelo (que tenciona seguir as pisadas do tio), um médico auxiliar e enfermeiras de serviço no posto, bem como de uma multidão de Índios seminus que nos acenaram e sorriram, quando o avião se deteve, envolto numa núvem de poeira.

À nossa frente tinhamos Cláudio, de ombros um tanto curvados pelos repetidos ataques de febre, a camisa descuidadamente metida num par de calças usadas, óculos escuros escondendo os olhos enfraquecidos pela luz impiedosa de um sol ardente, o rosto cheio de rugas e de um tom quase tão escuro como o dos Índios que o rodeavam.

Quando descíamos do avião, uma criança índia correu ao encontro de Cláudio que imediatamente a ergueu nos braços, seguindo-se logo o riso feliz igual ao de qualquer outro rapazinho no mundo que se sente amado e em segurança. Algumas pessoas tinham-me descrito estes índios como «selvagens», «assassinos» e «a nível de animais»; achei-os gentis, ansiosos por entabular relações amistosas, dotados de uma alegria natural e de uma capacidade revivificante de amor.

A nossa estadia no Xingu, demorou aproximadamente três semanas. Viajámos através do parque, visitando as tribos acompanhados de Cláudio e ouvindo-o falar dos seus sonhos, esperanças e planos que tinha em mente quanto à protecção dos Ameríndios do Brasil. De vez em quando o rosto ensombrava-se-lhe ao falar dos problemas enfrentados pelo povo do Xingu; algumas vezes dava mesmo a sensação de um velho que começa a perder forças e continua uma luta que tem um sabor a eternidade. Sempre que falava das tribos do Xingu e dos outros Índios que não pertenciam ao parque, uma aura de humanidade simples transparecia de tal maneira no rosto deste homem, acompanhada de tão infinda ternura, que a sua presença nos provocava um sentimento de humildade.

Acompanhados de Cláudio Villas Boas, visitámos as aldeias das tribos índias que ainda não há muitos anos teriam morto um homem branco, sem mais delongas. No momento presente corriam ao seu encontro, expondo-lhe problemas e aceitando os seus conselhos e instruções. Visitámos tribos salvas de uma completa extinção e trazidas para o paraíso de Xingu; tribos que, devido a todo um contacto com colonos e mineiros, tinham descido a um nível de mendigos e prostitutas, minados pela doença e em número cada vez menor à medida que os meses rodavam. Agora, eram estes mesmos povos que se dedicavam à construção de novas aldeias e aumentavam continuamente.

Depois da visita ao Posto Leonardo, descemos o rio numa embarcação em mau estado até à verdadeira casa de Cláudio, o posto de Diauarum, ainda dentro do parque do Xingu. Este pequeno agrupamento nas margens do rio, é tudo o que de mais parecido consigo imaginar com o Paraíso. É constituído por um pequeno conjunto de cabanas com telhados de colmo. Na sua casa, que apenas conta uma única divisão, Cláudio recebe as populações que vivem perto ou no posto; os cuidados médicos estão a cargo de dois médicos auxiliares e de uma enfermeira e Cláudio sobe e desce o rio frequentemente para visitar os Índios que habitam nos lugares mais afastados do Xingu. A população, a selva e o rio proporcionavam um cenário de indescritível beleza, o mesmo acontecendo com os peixes que habitavam as águas, os animais da floresta e os pássaros que nos sobrevoavam; do posto emanava o sentimento de liberdade e de comunidade, na verdadeira acepção da palavra.

Os Índios do Xingu eram fortes, e bem constituídos, mesmo imbuídos de uma certa delicadeza de traços, contràriamente à maioria das outras tribos que mais tarde tivemos oportunidade de visitar no Brasil. Possuíam uma finalidade de vida acrescida de confiança e orgulho, além de toda uma aprendizagem mediante os ensinamentos dos dois irmãos, de uma vida em paz uns com os outros.

Raras vezes me acontece chorar, mas quando deixámos Xingu e Cláudio, as lágrimas corriam-me pelo rosto porque tinha a sensação de deixar perdido no passado algo de maravilhoso, como nunca mais na minha vida encontraria. Chorei, lembrando-me de Orlando e de Cláudio e da sua luta pelos Índios brasileiros presentemente ameaçada à medida que as estradas do «progresso» e os tentáculos da civilização avançam na direcção do parque, derrubando tudo na sua frente, numa ameaça de destruição do Xingu e da esperança quanto ao futuro dos Ameríndios no Brasil.

Claudio com a população de uma das tribos mais remotas do Xingu: a tribo Juruna

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

CAPITAL: 450 000 000$00 **SEDE — RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 244 — PORTO**

SERVIÇO DE OBRIGAÇÕES — 1.º Semestre de 1972

Conforme foi anunciado, procedeu-se ao sorteio de obrigações das diversas séries emitidas por esta sociedade, para efeito de amortização, pelo valor nominal, a partir de 1 de Julho de 1972.

Os títulos sorteados foram os seguintes:

Da série de 4 1/2 % — 1944/1974 2732 obrigações

Títulos de 1 obrigação

123 168 201 208 219
223 238 251 255 301
318 343 377 380 419
517 608 649 664 703
717 726 734 755 778
801 807 848 869 875
891 938 1007 1055 1106
1123 1131 1182 1196 1315
1326 1501 1613 1619 1646
1724 1733 1737 1738 1812
1826 1926 1952 1962 1965
1999 2003 2030 2031 2059
2061 2074 2084 2098 2163
2172 2197 2295 2334 2335
2381 2430 2431 2443 2485
2486 2490 2513 2545 2557
2572 2601 2674 2688 2721
2760 2767 2792 2873 2925
2934 2955 3001 3012 3133
3163 3290 3316 3388 3391
3396 3427 3472 3485 3503
3510 3633 3635 3705 3754
3922 3939 3946 3952 3956
4043 4050 4204 4235 4264
4269 4327 4366 4434 4465
4515 4555 4598 4649 4724
4790 4861 4871 4946 4948
4969 5039 5107 5156 5178
5200 5232 5243 5254 5263
5281 5309 5326 5336 5352
5392 5397 5412 5474 5517
5531 5533 5538 5577 5597
5660 5661 5685 5735 5738
5793 5820 5831 5843 5852
5873 5888 5892 5898 5981
6016 6067 6075 6107 6158
6214 6219

Títulos de 5 obrigações

6223 6292 6298 6300 6334
6374 6376 6397 6411 6420
6461 6491 6517 6539 6569
6647 6713 6821 6881 6947
6948 7001 7111 7137 7172
7186 7194 7233 7238 7437
7468 7482 7506 7510 7537
7560 7562 7594 7613 7640
7690 7757 7769 7838 7844
7903 7918 8014 8057 8060
8100 8166 8201 8202 8234
8294 8306 8330 8334 8344
8354 8363 8401 8426 8429
8435 8478 8520 8566 8569
8582 8600 8650 8675 8677
8717 8767 8770 8832 8898
8923 8931 8944 9016 9025
9066 9132 8232 9300 9312
9343 9364 9465 9555 9558
9628 9639 9666 9688 9803
9829 9837 9885 9982 10003
10034 10044 10075 10107 10133
10148 10159 10169 10171 10183
10186 10187 10200 10237 10244
10264 10405 10485 10509 10552
10603

Títulos de 10 obrigações

10623 10707 10780 10809 10818
10867 10903 10912 10925 10933
11059 11264 11269 11280 11322
11330 11343 11375 11442 11448
11541 11600 11662 11665 11673
11733 11766 11770 11779 11782
11839 11889 11969 11986 12057
12064 12074 12087 12091 12131
12160 12165 12168 12186 12257
12279 12310 12328 12330 12332
12403 12449 12470 12475 12494
12536 12544 12697 12728 12768
12773 12822 12828 12854 12865
12913 13162 13164 13216 13244
13272 13285 13307 13344 13392
13538 13610 13727 13738 13745
13851 13857 13873 13912 13914
13968 13981 14047 14099 14150
14177 14237 14303 14319 14334
14375 14401 14440 14477 14494
14504 14595 14597 14612 14614
14647 14667 14682 14696 14697
14742 14749 14763 14770 14828
14871 14884 14958 14975 15014

Títulos de 10 obrigações

15125 15143 15210 15225 15234
15313 15388 15506 15521 15601
15610 15693 15739 15743 15748
15918 15930 15963 16049 16050
16077 16079 16096 16104 16107
16199 16278 16382 16425 16479
16499 16513 16549 16558 16584
16649 16687 16732 16749 16798
16837 17024 17063 17086 17153
17169 17181 17200 17246 17295
17318 17326 17330 17333 17349
17389 17394 17406 17420 17432
17439 17440 17466 17512 17550
17553 17635 17684 17685 17709
17746 17752

Da série de 4 % — 1945/1975 5109 obrigações

Títulos de 1 obrigação

44 163 226 242 302
303 333 339 349 376
509 512 535 555 560
639 675 734 736 737
747 751 772 789 792
801 821 865 909 942
1017 1193 1225 1316 1322
1388 1447 1452 1575 1584
1594 1614 1627 1629 1633
1651 1680 1824 1827 1828
1861 1865 1906 1926

Títulos de 5 obrigações

1974 1977 1982 1985 1990
1992 2146 2151 2308 2334
2385 2386 2441 2491 2498
2518 2588 2615 2628 2636
2670 2690 2695 2713 2782
2787 2830 2924 2926 3022
3073 3107 3121 3146 3193
3213 3215 3250 3293 3324
3396 3404 3438 3448 3504
3508 3514 3523 3536 3582
3588 3626 3643 3696 3745
3765 3864 3883 3913 3958
3980 4005 4011 4021 4074
4080 4088 4114 4165 4197
4221 4223 4300 4420 4432
4444 4542 4581 4627 4708
4719 4817 4831 4896 4912
4943 5045 5051 5089 5119
5120 5121 5138 5214 5310
5419 5454 5516 5520 5533
5572 5582 5612 5678 5720
5722 5746 5811 5814 5819
5823 5830 5845 5886 5997
5998 6046 6048 6085 6110
6120 6123 6199 6213 6317
6319 6345 6414 6416 6481
6518 6524 6608 6636 6704
6715 6717 6796 6811 6868
6948 6996 7003 7013 7014
7018 7033 7090 7098 7111
7113 7232 7323 7391 7417
7450 7478 7499 7521 7540
7589 7655 7672 7704 7713
7819 7821 7912 7915 7925
7939 7996 8090 8114 8121
8133 8189 8193 8199 829
8318 8326 8348 8421 8443
8488 8491 8510 8582 8615
8616 8712 8713 8808 8822
8877 8889 8920 8968 8987
8993 9002 9006 9010 9015
9023 9085 9094 9098 9111
9140 9194 9216 9245 9313
9318 9323 9327 9342 9422
9506 9514 9518 9598 9626
9653 9680 9685 9695 9719
9747 9749 9820 9848 10062
10112 10114 10216 10218 10316
10502 10514 10595 10614 10623
10642 10718 10748 10821 10831
10941 10951 11017 11045 11144
11175 11192 11296 11300 11310
11314 11345 11401 11486 11497
11524 11581 11610 11619 11620
11631 11647 11685 11691 11697
11713 11757 11802 11803 11821
11822 11834 11879 11895 11903

Títulos de 10 obrigações

11931 11938 11961 11982 12039
12052 12105 12121 12134 12141
12162 12179 12200 12327 12384
12496 12507 12578 12585 12625
12637 12643 12712 12867 12871
12892 12940 12942 12953 12970
13030 13088 13106 13107 13140
13144 13148 13189 13195 13198
13317 13336 13371 13388 13410
13478 13499 13525 13687 13707
13782 13844 13852 13921 13978
13985 13999 14025 14070 14100
14188 14239 14275 14286 14287
14295 14296 14360 14403 14560
14587 14642 14652 14673 14682
14789 14796 14843 14847 14958
15041 15052 15059 15064 15073
15101 15134 15151 15308 15384
15409 15436 15449 15565 15605
15609

Títulos de 10 obrigações

15645 15662 15700 15708 15709
15757 15781 15803 15823 15872
15881 15907 15911 15946 15964
15998 16014 16079 16278 16306
16336 16441 16576 16585 16629
16738 16808 16857 16873 16905
16925 16952 16986 16987 17152
17157 17179 17181 17261 17273
17320 17365 17439 17442 17515
17563 17713 17724 17727 17800
17822 17849 17858 17931 17940
17941 17962 18044 18066 18098
18109 18121 18141 18263 18553
18580 18606 18626 18774 18800
18862 18872 18883 18893 18956
19036 19111 19284 19309 19312
19318 19344 19416 19424 19450
19473 19559 19586 19811 19832
19847 19876 19888 19906 19942
19949 19951 20005 20037 20042
20067 20092 20102 20104 20126
20175 20251 20317 20319 20395
20422 20445 20484 20488 20531
20544 20593 20602 20654 20659
20674 20686 20705 20753 20898
20914 20989 20994 21002 21092
21105 21159 21234 21312 21329
21342 21410 21424 21429 21456
21466 21500 21554 21594 21615
21621 21672 21753 21771 21818
21825 21828 21850 21873 21878
21890 21904 22011 22036 22237
22265 22349 22372 22391 22428
22525 22554 22681 22737 22840
22913 22926 22946 23005 23076
23191 23211 23361 23441 23525
23528 23535 23581 23605 23674
23756 23861 23910 23931 23968
23989 24025 24080 24145 24188
24204 24205 24219 24302 24304
24349 24362 24378 24381 24588
24599 24645 24656 24658 24661
24719 24774 24813 24930 24936
24976 25044 25056 25138 25183
25185 25228 25395 25402 25431
25474 25494 25508 25516 25635
25686 25702 25712 25744 25791
25793 25806 25839 25851 25863
25867 25870 25924 25943 26005
26009 26017 26044 26079 26108
26303 26329 26345 26365 26373
26474 26496

Títulos de 100 obrigações

26511

Da série de 3 3/4 % — 1946/1976 2360 obrigações

Títulos de 1 obrigação

48 110 120 177 178
185 219 225 284 411
433 717 735 742 762
769 770 780 851 856
860 865 913 929 976
987 994 1051 1062 1119
1120 1177 1231 1351 1360
1363 1465 1482 1496 1550
1590 1629 1665 1678 1711

Títulos de 5 obrigações

1764 1894 1913 1924 1931
1971 1986 2014 2033 2082
2119

Títulos de 10 obrigações

2142 2171 2176 2238 2244
2270 2300 2319 2335 2336
2348 2448 2462 2481 2530
2542 2630 2702 2716 2748
2752 2761 2789 2806 2840
2844 2867 2882 2926 2927
2964 3009 3072 3088 3112
3168 3181 3268 3366 3372
3406 3455 3512 3586 3612
3626 3638 3716 3820 3832
3854 3888 3906 3920 3924
3929 3985 4002 4008 4033
4140 4199 4302 4303 4339
4407 4426 4508 4509 4572
4600 4602 4605 4642 4665
4689 4702 4777 4891 4916
4949 4965 4967 5057 5088
5237 5240 5342 5347 5387
5444 5445 5452 5454 5657
5744 5792 5847 6110 6124
6184 6229 6300 6323 6394
6430 6507 6571 6599 6639
6668 6672 6708 6735 6812
6818 6918 6954 6974 7000
7093 7127 7130 7161 7174
7222 7239 7265 7411 7440
7514 7521 7583 7587 7600
7646 7732 7775 7801 7810
7829 7834 7861 7897 7942
7951 7979 8051 8060 8107
8119 8185 8249 8331 8362
8376 8380 8389 8408 8450
8476 8555 8775 8803 8884
8905 8911 8986 9074 9079
9119 9204 9221 9263 9265
9327 9339 9383 9415 9449
9484 9509 9530 9559 9596
9610 9692 9831 9981 10026
10136 10172 10253 10269 10278
10287 10305 10308 10397 10425
10469 10478 10495 10607 10638
10694 10726 10742 10780 10818
10825 19841 10851 10914 10935
10991 11011 11208 11260 11335
11359 11367 11413 11459 11501
11586

Da série de 4 % — 1948/1979 4360 obrigações

Títulos de 5 obrigações

26829 26891 26991 27020

Títulos de 10 obrigações

27060 27247 27265 27276 27287
27289 27447 27449 27471 27472
27492 27538 27539 27590 27621
27626 27650 27653 27660 27665
27669 27832 27881 27920 27937
27954 27978 27986 27994 28064
28102 28160 28187 28202 28207
28230 28269 28387 28393 28428
28448 28483 28582 28615 28807
28884 28918 28932 28947 29054
29143 29155 29161 29166 29185
29189 29216 29308 29395 29401
29406 29432 29489 29503 29528
29577 29604 29638 29645 29720
29804 29875 29878 29978 30023
30105 30218 30278 30323 30373
30462 30476 30481 30521 30526
30549 30618 30646 30666 30674
30832 30847 30877 30892 30952
31039 31113 21159 31172 31193
31263 31300 31373 31468 31585
31683 31694 31703 31741 31803
31836 31941 32003 32008 32048
32117 32243 32246 32263 32495
32580 32582 32585 32619 32775
32870 32950 32983 33057 33060
33061 33063 33125 33136 33150
33251 33290 33298 33327 33425
33439 33453 33482 33538 33587
33603 33744 33766 33891 33909
33996 34011 34031 34078 34272
34322 34350 34380 34389 34431
34509 34536 34591 34702 34710
34785 34822 34849 34883 34937
34962 34964 35069 35157 35195
35233 35250 35263 35368 35402
35433 35452 35461 35471 35551
35560 35663 35781 35820 35991
36011 36037 36058 36065 36099
36166 36201 36299 36416 36448
36473 36486 36532 36536 36605
36610 36618 36620 36661 36682
36685 36693 36775 36782 36789
36842 36846 36853 36942 36947
36952 37065 37112 37123 37129
37191 37197 37216 37247 37289
37321 37353 37369 37408 37409
37455 37496 37529 37568 37591
37600 37624 37629 37659 37708
37729 37845 37916 37920 37922
37931 37932 38029 38080 38115
38136 38251 38253 38259 38290
38312 38313 38329 38372 38386
38443 38457 38474 38549 38626
38641 38678 38690 38695 38812
38821 38943 38953 39018 39033
39062 39077 39086 39103 39111
39116 39148 39194 39229 39235
39252 39277 39347 39415 39441
39442 39445 39508 39712 39752
39753 39790 39812 39866 39878
39896 39994 40004 40047 40116
40303 40311 40402 40451 40452
40513 40568 40576 40589 40620
40637 40732 40795 40824 40965
40991 41076 41164 41203 41205
41256 41260 41263 41325 41365
41387 41452 41485 41500 41514
41529 41560 41588 41732 41821
41838 41934 41948 41999 42145
42182 42185 42211 42221 42316
42372 42615 42640 42703 42720
42817 42865 43007 43044 43160
43282 43314 43330 43348 43418
43556 43573 43575 43651 43721
43735 43751 43801 43852 43880
43995 43997 44140 44158 44270
44384 44407 44411 44424 44626
44658 44659 44678 44685 44738
44763 44780 44783 44903 44915
44935 44989 45159 45312 45317
45340 45373 45374 45616 45624
45657 45716 45865 45954

Títulos de 100 obrigações

46063 46081

Da série de 5 % — 1951/1981 2024 obrigações

Títulos de 1 obrigação

140 240 360 385

Títulos de 10 obrigações

607 661 667 670 693
736 765 857 859 893
951 984 989 1004 1016
1105 1106 1121 1153 1159
1160 1214 1233 1261 1283
1286 1467 1490 1524 1625
1638 1700 1729 1855 1886
1889 1891 1950 1983 2258
2306 2317 2334 2460 2478
2490 2499 2642 2701 2724
2865 2889 2925 2954 2995
3024 3103 3112 3226 3232
3255 3316 3319 3343 3385
3397 3439 3675 3766 3888
3914 3947 3970 4000 4097
4104 4151 4413 4427 4477
4536 4627 4662 4670 4711
4758 4771 4984 5023 5054
5080 5230 5348 5480 5636
5637 5656 5657 5762 5766
5851 5939 5965 5969 5977
5990 6018 6039 6045 6077
6137 6218 6229 6250 6272
6336 6344 6389 6402 6414
6473 6554 6586 6597 6660
6713 6714 6733 6780 6936
6941 6963 6983 6985 7071
7112 7164 7288 7301 7327
7350 7401 7412 7428 7445
7456 7628 7698 7808 7816
7827 7830 7844 7858 7927
7955 8030 8320 8417 8455
8494 8498

Títulos de 100 obrigações

8623 8688 8707 8727

Da série de 5 % — 1952/1982 3853 obrigações

Títulos de 1 obrigação

8777 8950 9015

Títulos de 5 obrigações

9154 9181 9186 9269 9379
9380 9416 9486 9487 9533
9563 9573 9577 9645 9659
9773 9775 9836 9946 10040

Títulos de 10 obrigações

10122 10185 10223 10242 10270
10317 10329 10372 10389 10392
10503 10546 10578 10582 10606
10647 10668 10669 10748 10798
10876 10889 10959 10967 10989
11087 11134 11286 11311 11409
11464 11493 11521 11573 11666
11793 11861 11939 11985 12036
12061 12102 12116 12126 12132
12196 12213 12244 12245 12247
12267 12417 12454 12519 12613
12616 12618 12698 12811 12889
12943 13005 13046 13123 13129
13134 13196 13239 13257 13271
13333 13338 13406 13467 13475
13495 13498 13509 13533 13565
13590 13669 13958 14017 14071
14138 14156 14161 14182 14203
14244 14271 14306 14360 14364
14429 14475 14641 14647 14693
14739 14761 14795 14825 14854
14867 14875 14898 14954 14966
14990 15010 15028 15046 15222
15242 15254 15309 15337 15344
15415 15426 15446 15485 15491
15504 15590 15826 15901 16000
16118 16183 16364 16501 16519
16542 16556 16621 16627 16646
16786 16792 16834 16857 16892
16913 16945 16966 17034 17094
17098 17299 17301 17304 17475
17557 17570 17650 17660 17711
17737 17796 17818 17846 17891
17951 18007 18036 18125 18205
18276 18316 18321 18344 18412
18614 18673 18685 18733 18755
18758 18842 18885 18969 19009
19037 19042 19121 19181 19193
19243 29336 19385 19437 19451
19628 19645 19706 19743 19790
19897 20018 20107 20200 20230
20252 20262 20432 20457 20621
20627 20628 20766 20789 20805
20818 20902 20942 21169 21201
21206 21224 21265 21274 21377
21399 21484 21560 21595 21616
21859 21869 21884 21949 21970
21994 22078 22159 22164 22250
22354 22470 22631 22633 22639
22679 22742 22775 22888 22992
23012 23018 23033 23036 23087
23133 23324 23460 23524 23539
23964 23967 23994 23997 24060
24167 24168 24184 24235 24326
24372 24374 24390 24391 24435
24436 24475 24614 24618 24646
24655 24686 24701 24740 24916
25003 25040 25194 25200 25248
25300 25336 25337 25339 25350
25352 25444 25458 25471 25474
25485 25500 25507 25516 25533
25567 25574 25619 25688 25794
25841 25862 25980 26012 26049
26096 26181 26427 26460 26462

26506 26581 26587 26682 26685
26755 26830 26831 26967 26983
27004 27010 27083 27084 27128
27184 27228 27250 27292 27308
27374 27503 27545 27610 27615

Títulos de 100 obrigações

27845 27850 27853

Da série de 5 % — 1954/1984

5235 obrigações

Títulos de 5 obrigações

28257 28295 28356 28455 28462
28514 28607 28694 28766 28824
28884

Títulos de 10 obrigações

28955 29016 29027 29028 29092
29107 29191 29193 29287 29453
29544 29745 29796 29813 29822
29848 29851 29859 29921 29938
29970 29972 29984 30026 30188
30211 30263 30292 30399 30446
30461 20480 30503 30504 30590
30596 30737 30938 30966 30978
31001 31004 31029 31062 31342
31380 31432 31613 31648 31789
31797 31876 31886 31894 31929
32007 32055 32118 32121 32125
32167 32270 32295 32304 32346
32389 32454 32632 32655 32659
32740 32790 33004 33021 33025
33040 33069 33122 33161 33189
33244 33418 33495 33755 33812
33846 33850 33855 33928 33936
34059 34201 34317 34320 34328
34336 34346 34386 34451 34551
34727 34813 34922 34949 35010
35071 35107 35165 35231 35235
35236 35278 35393 35398 35485
35676 35720 35818 35822 35972
36001 36010 36186 36435 36504
36507 36691 36848 36881 36948
36959 37016 37169 37239 37264
37320 37350 37351 37361 37377
37424 37440 37449 37534 37547
37643 37661 37664 37682 37684
37700 37713 37736 37758 37853
37907 37914 37982 38051 38139
38259 38273 38463 38535 38583
38640 38661 38712 38724 38775
38799 38939 39018 39054 39117
39189 39202 39234 39280 39297
39359 39419 39427 39464 39486
39503 39550 39562 39601 39641
39758 39853 39890 39962 40024
40080 40100 40105 40172 40186
40265 40468 40496 40502 40530
40669 40678 40738 40858 40882
40903 40943 40999 41000 41090
41175 41252 41274 41380 41491
41500 41743 41835 41868 41876
41967 42013 42193 42233 42270
42334 42362 42411 42414 42417
42431 42452 42460 42736 42738
42754 42789 42816 42836 42863
42868 42900 42974 43014 43020
43072 43103 43168 43170 43192
43239 43385 43440 43442 43454
43556 43690 43875 43896 43898
43904 43939 43971 44113 44119
44131 44210 44219 44264 44296
44302 44308 44339 44402 44419
44489 44512 44515 44580 44668
44679 44690 44708 44730 44753
44777 44790 44860 44861 44902
44940 44942 45088 45166 45233
45242 45348 45402 45409 45486
45614 45661 45665 45735 45808
45994 46138 46175 46214 46262
46523 46573 46698 46721 46801
46865 46916 46934 46947 47026
47098 47116 47158 47185 47198
47226 47257 47282 47300 47307
47323 47404 47426 47471 47488
47529 47551 47700 47849 47914
48029 48146 48156 48172 48200
48230 48313 48426 48496 48784
48788 48825 48852 48866 48904
48925 49018 49299 49396 49439
49475 49482 49576 49583 49718
49727 49745 49770 49777 49829
49830 49915 49972 49977 50185
50216 50226 50470 50535 50694
50820 50852 50933 51008 51052
51072 51082 51098 51142 51149
51201 51254 51347 51351 51380
51467 51480 51487 51506 51792
51841 51953 52003 52046 52057
52100 52192 52271 52307 52406
52513 52581 52638 52804 52828
52834 52971 53007 53061 53137
53248 53343 53359 53402 53522
53526 53596 53660 53702 53917
53923 53946 54020 54076 54173
54179 54236 54240 54251 54333
54380 54430 54519

Títulos de 100 obrigações

54571 54642 54773 54812 54814
54860 54886

Da série de 5 % — 1957/1988

5013 obrigações

Títulos de 1 obrigação

54980 55077 55123

Títulos de 10 obrigações

55285 55386 55448 55529 55598
55625 55668 55692 55848 55923
55926 55944 55955 56093 56377
56462 56539 56648 56688 57263
57430 57483 57488 57575 57621
57623 57667 57675 57730 57732
57860 57896 57942 57965 58001
58099 58212 58291 58341 58388
58550 58552 58565 58845 58919
58937 58984 59064 59101 58275
59333 59396 58422 59664 59699
59842 60165 60193 60202 60268
60412 60413 60439 60462 60497
60534 60646 60679 60810 60865
60879 61012 61039 61052 61179
61212 61221 61292 61299 61370
61504 61665 61720 61783 61788
61814 61855 61922 62028 62038
62118 62300 62380 62435 62507
62508 62509 62581 62743 62746
62750 62889 62915 62985 63072
63234 63316 63322 63346 63401
63407 63514 63531 63568 63644
63700 63710 63814 63850 63897
64014 64052 64178 64356 64422
64536 64538 64631 64676 64738
64744 64802 64804 64866 64947
64956 64975 64989 65101 65144
65237 65272 65324 65429 65455
65504 65567 65583 65605 65638
65682 65821 65871 66041 66043
66140 66145 66157 66221 66428
66432 66436 66456 66489 66622
66702 66787 66856 66866 66987
67057 67197 67313 67317 67325
67419 67423 67601 67620 67707
67816 67861 67937 68091 68151
68164 68267 68353 68357 68389
68392 68421 68482 68557 58752
68820 68876 68952 69063 68152
69175 69358 69405 69528 69571
69740 69955 69956 69957 70105
70107

Títulos de 100 obrigações

70173 70206 70268 70343 70518
70520 70572 70690 70895 70977
70985 71011 71093 71242 71243
71289 71301 71356 71388 71527
71568 71584 71796 71880 71907
72000 72069 72084 72094

Da série de 5 % — 1958/1989

4770 obrigações

Títulos de 10 obrigações

72323 72353 72369 72569 72581
72614 72624 72637 72689 72710
72729 72850 73046 73061 73235
73270 73349 73375 73402 73472
73504 73505 73520 73727 73870
74046 74074 74250 74596 74602
74643 74674 74704 74779 74824
74865 74871 74888 74916 75385
75423 75642 75665 75666 75740
75835 75854 75930 76051 76210
76234 76297 76366 76390 76541
76548 76832 76840 76869 77034
77037 77039 77042 77076 77163
77327 77330 77406 77443 77689
77736 77892 78193 78233 78241
78754 78803 78818 78819 78826
78876 78905 79001 79050 79067
79105 79122 79201 79321 79328
79391 79506 79586 79590 79650
79714 79887 79898 80045 80125
80132 80139 80149 80185 80187
80311 80343 80376 80512 80530
80600 80679 80741 80759 80932
80985 81026 81031 81057 81157
81292 81442 81449 81544 81548
81832 81897 81970 82064 82101
82157 82329 82343 82392 82513
82634 82637 82639 82747 82756
82833 82875 82984 82999 83115
83144 83248 83343 83357 83379
83435 83479 83519 83624 83864
83916 83990 84027 84056 84071
84113 84283 84383 84398 84406
84418 84433

Títulos de 100 obrigações

84461 84712 85133 85163 85209
85270 85274 85341 85370 85405
85441 85529 85574 85639 85753
85819 85953 85970 86050 86085
86089 86124 86142 86157 86218
86431 86443 86466 86470 86671
86672

Da série de 5 % — 1960/1990

389 obrigações

Títulos de 1 obrigação

12	65	131	279	454
463	470	510	541	654
829	1071	1091	1132	1205
1374	1403	1414	1468	1624
1723	1793	1872	1933	2073
2086	2178	2325	2353	2379
2462	2463	2478	2493	2507
2509	2517	2656	2834	2942
2987	3010	3112	3506	3561
3655	3674	3732	3751	3765
3833	3867	3873	3999	4082
4184	4199	4217	4237	

Títulos de 5 obrigações

4393	4478	4484	4606	4679
4704	4786	4837	4867	4882
5003	5018	5160	5191	5361
5398	5548	5588	5712	5816

Títulos de 10 obrigações

5959	6023	6305	6320	6386
6413	6453	6490	6556	6697
6714	6750	6839	6857	6876
6909	7091	7166	7362	7381
7487	7652	7658		

Da série de 5 % — 1963/1979

500 obrigações

Títulos de 1 obrigação

7676	7738	7781	7824	7900
7934	7935	7942	7960	7977
7991	8029	8030	8073	8106
8167	8180	8181	8208	8214
8284	8285	8294	8329	8346
8364	8386	8436	8443	8547
8601	8612	8630	8652	8724
8726	8758	8762	8767	8868
8870	8887	8925	8937	8943
8945	9029	9044	9066	9106
9107	9148	9159	9192	9223
9312	9349	9359	9380	9396
9415	9427	9459	9475	9504

Títulos de 5 obrigações

9546	9558	9562	9617	9620
9667	9731	9734	9781	9799
9865	9891	9898	9963	9965
9993	10020	10046	10167	10177
10181	10194	10195		

Títulos de 10 obrigações

10198	10342	10346	10458	10464
10465	10485	10488	10489	10517
10558	10575	10598	10637	10650
10658	10664	10709	10711	10766
10862	10873	10925	10963	10974
11019	11049	11064	11086	11116
11125	11149			

Da série de 6 % — 1968/1983 (18.ª emissão)

1042 obrigações

Títulos de 1 obrigação

5	17	19	30	59
65	73	80	93	115
124	127	142	151	166
186	190	215	224	253
275	287	323	371	409
422	443	462	487	500
532	535	584	609	615
670	675	687	721	724
733	746	793	882	906
914	945	983	1003	1017
1038	1047	1050	1063	1073
1087	1094	1132	1196	1199
1258	1267	1275	1336	1380
1453	1483	1485	1546	1560
1569	1633	1635	1700	1713
1733	1752	1771	1821	1829
1835	1885	1939	1959	1968
2028	2053	2056	2087	2114
2127	2149			

Títulos de 5 obrigações

2237	2271	2287	2305	2321
2387	2400	2417	2428	2451
2469	2479	2487	2515	2565
2584	2596	2608	2615	2621
2630	2666	2702	2714	2729
2815	2871	2883	2897	2947
2952	3005	3020	3042	3098
3111	3138	3208	3214	3239
3266	3306	3319	3331	3342
3398	3404	3445	3527	3537
3546	3553	3557	3563	3575
3589	3593	3601	3605	3606
3609	3613	3615	3652	

Títulos de 10 obrigações

3679	3694	3711	3714	3718
3721	3725	3733	3738	3743
3745	3759	3766	3777	3807
3818	3856	3866	3885	3926
3939	3961	3976	3998	4010
4064	4085	4100	4120	4165
4198	4227	4236	4272	4286
4364	4375	4404	4437	4471
4532	4568	4593	4600	4655
4689	4728	4741	4773	4835
4843	4876	4908	4955	4973
5001	5036	5074		

Títulos de 50 obrigações

5165

Da série de 6 % — 1968/1984 (19.ª emissão)

1041 obrigações

Títulos de 1 obrigação

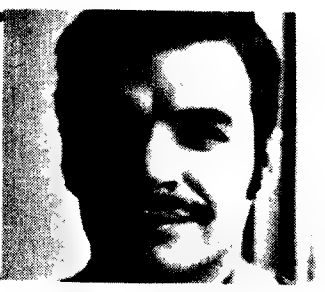
5170	5181	5194	5207	5237
5273	5299	5304	5318	5359
5367	5432	5458	5465	5494
5525	5558	5573	5590	5602
5615	5638	5654	5699	5702
5749	5767	5791	5814	5842
5875	5890	5903	5947	5962
5999	6017	6033	6064	6086
6106	6128	6163	6177	6209
6220	6246	6258	6262	6296
6300				

Títulos de 5 obrigações

6349	6362	6386	6428	6433
6468	6494	6518	6541	6544
6561	6566	6571	6582	6586
6613	6642	6652	6657	6685
6706	6725	6746	6789	6808
6844	6854	6865	6876	6962
6993	7033	7040	7059	7066
7077	7106	7123	7156	7161
7202	7209	7212	7222	7242
7261	7268	7277	7286	7314
7408	7467	7488	7542	7559
7571	7576	7591	7611	7626
7676	7695	7705	7763	7798
7826	7868	7895	7915	7961
7998	8006	8048	8072	8081
8086	8113	8114	8123	8159
8171	8204			

Títulos de 10 obrigações

8219	8223	8270	8282	8348
8363	8370	8388	8432	8444
8452	8470	8472	8514	8541
8561	8586	8599	8630	8652
8667	8686	8716	8737	8748
8798	8829	8848	8881	8895
8921	8930	8959	9009	9020
9024	9061	9094	9141	9185
9192	9202	9235	9278	9307
9376	9390	9401	9407	9442
9444	8488	9516	9549	9563
9600	9613	9624		



AO TELEFONE

Mal disquei o primeiro número, ouvi um palavrão. **«Que chatice** — pensei — **há linhas cruzadas!».** Pousei de novo o auscultador, não porque os palavrões me incomodem por aí além, mas porque tinha pressa na chamada. Levantei-o de novo, mas desta feita já não precisei de marcar qualquer número: a conversa estava toda no meu telefone:

— **Sua desavergonhada! O que você é sei eu bem! Ora não querem lá ver a lambisgóia...**

— **Lambisgóia era a sua tia, sua grande...** (aqui entra a tesoura). **Vá mas é à ...** (idem)

Aqui, uma voz grossa interrompe:

— **Ó filhas, arranhem-se mas não se mordam!**

Súbito silêncio. E, logo a seguir:

— **Ó Micas, o melhor é a gente desligar. Há um ordinário na linha. Desliga, filha.**

— **Desligo já. Mas primeiro tens de ouvir-me, grande ...** (tesoura).

A voz grossa:

— **Ordinárias são vocês, minhas ...**(tesoura).

As duas, em côro:

— **Ó filho, vai mas é tomar banho!**

— **Se também vierem ...**

— **Olha o ordinário, pensa que sou a irmã dele.**

— **Se eu tivesse irmã ...**

— **Saia da linha, seu ...** (tesoura).

Deixa-se de ouvir, por momentos, a voz grossa. E é então que uma das duas sentencia:

— **Já duas senhoras não podem falar ao telefone.**

Desliguei, rápido e insisti no «13».

Os valores líquidos dos cupões das séries indicadas são os seguintes:

			Portador	Portador registadas
7.ª	Emissão	(4 1/2 % — 1944/1974), cupão n.º 56	1$44 (4)	1$93 (6)
8.ª	»	(4 % — 1945/1975), » n.º 55	1$28 (4)	1$72 (1)
9.ª	»	(3 3/4 % — 1946/1976), » n.º 52	1$20 (4)	1$61 (3)
10.ª	»	(4 % — 1948/1979, » n.º 47	1$28 (4)	1$72 (1)
11.ª	»	(5 % — 1951/1981), » n.º 42	1$60 (5)	2$15 (1)
12.ª	»	(5 % — 1952/1982), » n.º 40	1$60 (5)	2$15 (1)
13.ª	»	(5 % — 1954/1984), » n.º 36	1$60 (5)	2$15 (1)
14.ª	»	(5 % — 1957/1988), » n.º 30	1$60 (5)	2$15 (1)
15.ª	»	(5 % — 1958/1989), » n.º 27	1$60 (5)	2$15 (1)
16.ª	»	(5 % — 1960/1990), » n.º 24	16$05 (0)	21$51 (0)
17.ª	»	(5 % — 1963/1979), » n.º 18	16$05 (0)	21$51 (0)
18.ª	»	(6 % — 1968/1983), » n.º 9	27$16 (0)	
19.ª	»	(6 % — 1968/1984), » n.º 7	27$16 (0)	

O reembolso das obrigações sorteadas, pelo valor nominal, assim como o pagamento dos juros do 1.º semestre de 1972 das várias emissões, realizam-se:

no **Banco Pinto & Sotto Mayor**
no **Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa**
no **Banco Português do Atlântico**
no **Banco Borges & Irmão**
no **Banco Totta & Açores**

no Porto e em Lisboa, todos os dias úteis, excepto aos sábados, a partir de 1 de Julho próximo futuro.

O pagamento dos juros correspondentes às obrigações ao portador registadas só pode ser feito no regime respectivo mediante apresentação simultânea das declarações de modelo n.º 7 do Código do Imposto Complementar comprovativas do registo.

Porto, 12 de Junho de 1972.

Pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA
O DIRECTOR-GERENTE
(a) **Mamede Fialho**

MARMOTAS

Continuação da pag 12

ta possui virtudes terapêuticas preciosas. Começou, assim, em muitos países da Europa, uma espécie de massacre, que causou o desaparecimento do animal de muitas localidades alpinas.

Mais tarde, descobriu-se que a gordura não tinha quaisquer virtudes. Em compensação, deu-se conta de que a marmota se domesticava muito fàcilmente: tinha um carácter dócil, era mais afectuosa do que um cão e aprendia também alguns exercícios fáceis. Por volta de meados do século XIX, muitos rapazes saboianos andavam pelas povoações da França e da Alemanha com uma marmota ao ombro, dando representações e oferecendo os seus serviços para limpar as chaminés. Segundo o naturalista francês Buffon, teria sido exactamente a marmota, agilíssima escaladora de penedias, quem ensinara aos saboianos a arte de trepar pelas chaminés. Daqui, também, o nome de «rei das marmotas» atribuído pelos jacobinos a Vittorio Amedeo II de Sabóia, na época da Revolução Francesa.

HÁBITOS

Marmota é, desde sempre, sinónimo de obtusidade e de indolência. Porém, neste caso, faz-se uma grande injustiça ao animal, que é vivo, alegre e esperto. Habitualmente, a marmota inicia o seu dia por volta das cinco horas da manhã quando o tempo está bom. Emerge lentamente e prudentemente da toca, olhando em redor com suspeitosa atenção. A raposa poderia estar emboscada entre os penedos; do céu, como uma pedra, poderia tombar a águia. Se tudo está em ordem, a marmota faz um reconhecimento do terreno, uma espécie de «inspecção» aos territórios de sua propriedade, que dura 30 a 40 minutos. Depois, limita os confins da pastagem (cerca de meio hectare por colónia) espremendo em redor deles a secreção das suas glândulas. Acabado o reconhecimento, começa a comer: rebusca entre os torrões em busca das ervas mais saborosas ou, fazendo um dos quatro potentes incisivos, escava entre as raízes das plantas. O pasto é interrompido por frequentes banhos de sol, durante os quais a marmota se estende sobre uma pedra, permanecendo imóvel até uma hora seguida.

Mas raramente o repouso dura tanto tempo: a montanha é uma grande estrada percorrida por viandantes de raças e hábitos diferentes. Há a cabra-montês que, à sua passagem, pode fazer rolar pequenas pedras, há as gralhas que passam a chiar por sobre as rochas, há o arminho sempre irrequieto. Depois, naturalmente, podem chegar os inimigos: a águia, a raposa, o homem. Então, a marmota, com aquele seu ar sonolento, revela-se aquilo que é: um dos animais mais vigilantes da fauna mundial. Quando um inimigo se aproxima, sobre a montanha ressoa o seu silvo de alarme.

Ou melhor: não é um silvo, é todo um preciso reportório destes sinais de perigo. O silvo brevíssimo e áspero indica uma situação de alarme. O silvo longo e lamentoso assinala a presença da águia. Para a raposa, ou para o homem, ou para outros perigos da terra há, finalmente, uma verdadeira salva de silvos, a breves intervalos. E todos estes sinais não servem apenas à marmota mas também à cabra-montês e aos cabritos que têm os mesmos inimigos. Quando se ouve o seu silvo, meia montanha fica alarmada. Quando, pelo contrário, não há perigos, a uma certa hora da manhã, a marmota interrompe os banhos de sol e volta a explorar o próprio território. É o momento «social» do seu dia. Encontros, visitas, jogos: as marmotas rebolam-se ao longo dos declives cobertos de erva, travam lutas entre si, interrompidas frequentemente por qualquer bizarra pausa, durante a qual o roedor faz de morto, ficando imóvel durante algum tempo. Depois, de repente, volta a rebolar-se e a lutar. Durante este período do dia, os pequenos não estão entregues a si próprios, mas confiados a uma marmota adulta, uma espécie de «ama-seca», que os vigia do alto de uma pedra e os chama com silvos imperiosos quando o arrebatamento dos jogos os leva demasiado perto do território de outros.

A TOCA

Ao meio-dia, quando na alta montanha o sol se torna fortíssimo, a marmota retira-se para a toca ou procura a sombra das rochas para a digestão. Por volta das quatro da tarde volta a pastar e a fazer o banho de sol, até ao ocaso. Finalmente, após um último controlo do território, enfia-se na toca para passar a noite.

Um afectuoso casal de marmotas

A toca é a sua obra-prima. Não é um simples buraco no terreno, mas um racional conjunto de «divisões», unidas entre si por numerosos corredores, grandes e pequenos, que se estendem sob a superfície de erva, a uma profundidade de cerca de um metro e meio.

A marmota não é, no entanto, um animal como todos os outros. Socialmente, talvez, deve «sentir-se» uma senhora. De facto, possui duas «casas»: uma na cidade, para o Inverno; a outra, estival, para as férias. Esta «casa de campo» é, todavia, um refúgio provisório, é dotada de menores «contortos» e apresenta soluções arquitectónicas mais simples.

A toca invernal, a mais perfeita, faria inveja a um engenheiro. A marmota desenvolve aqui toda a sua sabedoria, a sua tenacidade, a sua milenária esperteza. No interior não falta nada: há salas com «tapeçarias» de feno, «serviços» independentes, saídas de emergência, até um engenhoso sistema para condicionamento de ar. Mas procedamos com ordem, e sigamos, também nós, o roedor dentro de «casa». O corredor que se encontra, de princípio, é um pouco estreito. Depois, a pouco e pouco, alarga-se, permitindo assim que duas marmotas sigam a par. Percorridos cerca de dez metros chega-se a uma sala oval. É o coração da habitação, o salão e o quarto de dormir dos adultos, e os roedores, para a tornar mais confortável, forram-na inteiramente de erva. Entre esta sala e a entrada da galeria, há quatro «tampas» da espessura de 30-40 centímetros, algumas empastadas de feno e de terra. A sua função é, em parte, ainda misteriosa. Sabemos, no entanto, que antes de começar o letargo, a marmota fecha-as todas atrás de si.

Neste ponto, o roedor deve resolver dois grandes problemas: a arrumação das crianças e dos velhos. Ao ar livre, talvez, poder-se-ia dormir em conjunto, mas, debaixo da terra, os motivos higiénicos passam para primeiro plano. Eis, pois, o **Kinderheim**, o quarto de cama dos pequenos e, para cada velho, um quarto separado. Cada local é, naturalmente, dotado de «serviços» independentes e está munido de uma «porta» de terra que o animal abre e fecha quando se serve do **toilette**.

De Inverno na alta montanha, a temperatura pode descer a 30 graus abaixo de zero. Para certos animais é o perigo de morte por congelamento. A marmota, pelo contrário, não tem nada a temer do frio: o estrato de terra gelada e o cobertor de neve que cobrem o terreno, isolam a sua toca das bruscas oscilações térmicas. Nas profundidades secretas das galerias, a temperatura mantem-se à volta dos três graus e a humidade é superior a 90 por cento. Este natural sistema de condicionamento

Continua na pag 22

EMPRESA HIDROELÉCTRICA DA SERRA DA ESTRELA

FUNDADA EM 1909

S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 150 000 CONTOS

SEDE — Avenida Sidónio Pais, 26-A — LISBOA

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL DE 150 000 PARA 200 000 CONTOS

CONFORME DELIBERAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA REALIZADA EM 30 DE MAIO DE 1972 E RESOLUÇÃO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA MESMA DATA, VÃO SER EMITIDAS 50 000 ACÇÕES DO VALOR NOMINAL DE ESC. 1000$00 CADA UMA, NAS SEGUINTES CONDIÇÕES:

1 — As acções são oferecidas à subscrição, com inteira reserva de preferência aos accionistas, pelo seu valor nominal, na proporção de uma nova acção por cada três das antigas que possuirem.

2 — As acções a emitir poderão ser representadas por títulos de uma, de cinco, de dez e de vinte acções, os quais poderão ser nominativos ou ao portador consoante desejo expresso dos accionistas, o respectivo pagamento será feito em duas prestações iguais, de 50 % cada uma, intervaladas de três meses. Juntamente com a primeira prestação deverá ser paga a importância de Esc. 43$25 por cada acção subscrita, referente ao Imposto de Mais-Valias.

3 — O primeiro dividendo a que as novas acções dão direito é o relativo ao exercício de 1973, em igualdade de condições com as antigas acções.

4 — O exercício de direito de subscrição processa-se através da apresentação dos cupões N.º 26, para as acções ao portador, e das próprias acções, quando nominativas, para carimbagem.

5 — Em eventual rateio de acções sobrantes, as acções não subscritas pelos accionistas, no uso de preferência atribuído, podem ser subscritas por outros accionistas, na proporçao das subscritas por direito próprio, se nesse sentido assim se manifestarem.

PRAZO E LOCAIS DE SUBSCRIÇÃO: A subscrição estará aberta de 28 a 30 do corrente mês na Sede da Empresa, para as acções depositadas nos seus cofres ou em caução de cargos dos Corpos Gerentes, e, para as restantes, nas seguintes Entidades Bancárias, que tomaram firme a emissão:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALENTEJO
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
MONTEPIO GERAL
PANCADA, MORAES & C.ª

O PROSPECTO CIRCUNSTANCIADO, ELABORADO NOS TERMOS DA PORTARIA N.º 103/72, PODE SER OBTIDO NOS LOCAIS DE SUBSCRIÇÃO. ESPERA-SE PODER ENTREGAR OS TÍTULOS DEFINITIVOS NO DECORRER DO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1973.

LISBOA, 19 DE JUNHO DE 1972

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
O PRESIDENTE
Eng.º João Gomes de Almeida Rezende

Mais um filme com Tintin

BRUXELAS, — Está a ser realizado em Bruxelas mais um filme de desenhos animados com o já famoso Tintin. Intitula-se «Tintin et le Lac aux Requins» e reúne todas as personagens do grupo de Tintin, a trabalhar em misteriosas pesquisas sobre fotocópias. É evidente que os inimigos habituais, os infames Rastapopou, não estão longe, e, no fim haverá, um combate submarino.

Romance de Ruzzati na tela

PARIS, — Vai sair em breve o filme de Jean-Louis Bertuccelli «Paulina 1880». Entretanto, aquele realizador prepara, com Colline Serreau, o argumento para mais uma película que retrata a vida de um casal moderno, cuja felicidade será perturbada pelo aparecimento do primeiro filho. Prepara também a adaptação ao cinema do romance de Dino Buzzati «O Desperto dos Tártaros», que o realizador alemão Pierre Schoendoerffer renunciou a transpor para o cinema.

DL/DOMINICAL — SANTOS POPULARES

PELAS RUAS DO PORTO FOLGAZÃO

SÃO JOÃO A SUAR EM BICA

Uma criança dorme nos braços da mãe, enquanto o trólei desliza em direcção à Baixa. As conversas, a esta hora, são de entusiasmo, mostram já a desinibição de toda a gente.

Quem entra no Porto, ao fim da tarde, nota o movimento anormal que se sobrepõe ao quatidiano. Junto à estação de S. Bento, os passeios foram invadidos. Em quase toda a cidade se puseram bancadas, se colocaram pessoas a postos, o negócio engatilhado. A saída dos empregados acontece pouco depois. As pessoas correm para casa. Outras já se ficam pelas ruas da festa possível.

O embarque para a gloria de uma noite sem fronteiras, sem embaraços, em que as mulheres são todas iguais, exceptuada a sua beleza.

E a criança dorme nos braços da mãe. Para acordar no Bolhão, quando uma voz de gozo anuncia o fim da carreira: *atenção senhores passageiros, o trólei da linha N. 1 terminou a sua carreira.*

Como é hábito, a gente que vive o S. João no Porto e vem à Baixa, tende para as mesmas ruas todos os anos.

O POVO

Esta massa de gente entra na Batalha. E enquanto alguns, às dezenas, se dão as mãos formando cobras compridas que serpenteiam por entre os curiosos, outros ficam-se recatados, pachorrentamente, pelos cafés. Pretexto inventado para mais um copo de verde com uma isca de bacalhau, ou da meda com uma sanduiche de presunto ali ao Louro, quando se desce para S. Bento.

Os outros, descem em direcção as Fontaínhas, de alho-porro na mão, de pluma perfumada, de ramo de cidreira. Assim se dirigem às mulheres (ou aos homens, segundo as preferências) dos seus encantos: «Beleza, cheire este majerico e caía de joelhos».

A resposta pode ser um olhar de indiferença. Mas pode acontecer que a dama responda com um olhar revirado, um suspiro gutural, e o jovem retira-se contente, com a noite a conquistar, já um tanto conquistada.

Cada «ilha» tem a sua festa. Com as suas caracteristicas quase em circuito fechado onde, na maioria das vezes, o «estrangeiro» não faz carreira. Cada «ilha» tem a sua orquestra privativa, as suas estudantes, operários, merceeiros e casos do dia. Cada «ilha» tem a ilusão, a esperança ou desesperança) de no próximo dia não existir mais. Isto depois de a Câmara Municipal haver declarado guerra a esses pequenos centros de promiscuidade e mau viver.

Pela nossa parte, chegados às Fontainhas, já com uns copos bebidos, umas «ilhas» percorridas e uns bailes verificados, resolvemo-nos por uma visita a um velho «tainante» de S. João: o Alcino de Sousa.

O Alcino, gordo e vermelhão, está sentado como há anos, recebendo as pessoas com um sorriso beatífico.

O garrafão que faz a volta esvazia-se num instante.

No meio desta barafunda o Júlio Cardoso, conhecido homem de tatro,: é a única festa que vejo com cunho autenticamente popular, com o povo alegre pelas ruas e a igualdade ao menos uma vez por ano. Posso dizer que o S. João é um desejo que trazemos dentro durante doze meses e que se torna possível nesta época. Um fenómeno belo e como lhe chamo. Porque há convivência entre as pessoas que, nesta noite, até esquecem problemas de classes.

Comidas umas sardinhas, mais uns copos a molhar, entramos numa «cobra», ou num «rancho» como também lhe chamam.

CLAREIRAS

À festa de S. João tem este ano inúmeras clareiras. Há quem diga que há mais gente, mas dividida pelos vários bairros para onde o S. João foi a pouco e pouco alastrando. O facto não impede que se formem filas de pessoas que esperam vez para comprarem pão. De pessoas que se querem sentar, chamadas por um letreiro anunciando vinho verde, não desfazendo do maduro.

Texto de ROGÉRIO VIDIGAL

As mulheres continuam nas suas bancadas, vendendo flores, mordiscando algo. O negócio dos majericos, cidreiras, alhos porros, decresceu este ano. Em compensação, confessam as suas colegas dos bolos, dos biscoitos da Teixeira e outras guloseimas, que o negócio correu bem e até aumentou.

«A primeira vez que aqui vivi um S. João fiquei admirado» afirma Roger Punell, um inglês esguio e alto, recordando o seu primeiro contacto com o S. João do Porto. Tinha então 25 anos e acabado de chegar a Portugal revestido da tradicional fleuma britânica. E continua:

Eu olhava e ficava de boca aberta, quando via tanta gente na rua, cheia de animação. É claro que, ao longo destes seis anos, tentei saber por que acontecia isto. Mas o espanto ainda não me abandonou».

Da nossa volta pelos cafés, ficamos a saber que o negócio foi óptimo. Contudo os géneros não chegaram a esgotar-se informam-nos, por exemplo, os cafés Ceuta e Palladium.«Este ano estávamos preven dos embora tudo se tenha vendido bem, nada chegou a esgotar» — diz um empregado do primeiro daqueles cafés.

RESSACA

A noite está terminada. Os táxis rareiam, por um lado porque há inúmeros serviços a fazer, por outro porque há muito quem tema os distúrbios dos foliões. Os transportes públicos ronronam agora, enquanto balões iluminados por dentro se vão apagando um a um, suspensos da noite. Tal como a explosão das granadas do fogo de artifício se vão apagando nas memórias. Uma noite de guloseimas que terminou para as crianças. Alguns notívagos ficam. Não se deitarão.

Retomamos o trólei. Um sujeito fala animadamente em voz alta. Alegre como tudo, a mulher ao lado a reprimi-lo. O carro pára junto ao Hospital do Conde Ferreira, um estabelecimento para doentes mentais. Gente apronta-se para sair. Comentário dele em voz alta: «Quem tem consulta marcada faz favor de sair aqui».

«de alho porro na mão, de pluma perfumada, de ramo de cidreira»

NO PORTO

EDIFÍCIO CONFIDENTE

Acabado de construir

ALUGA-SE

SITO NA RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-403-425, TORNEJANDO COM A RUA DO MORGADO MATEUS E RUA DO CONDE FERREIRA, 244

Com variadíssimos escritórios ou consultórios nos 1.os andares; habitações de luxo nos 2.os, 3.os e 4.os andares com: 4 quartos, 2 banhos completos, sala comum, quarto de criada, banho, etc. Grande estabelecimento, com cerca de 1250 m2, servindo para supermercado, stand de automóveis, Bancos, etc. Cave, com excelentes condições para garagem ou armazém, com a superfície de 1300 m2, aproximadamente

MARMOTAS

Continuação da pag 20

de ar é tão perfeito que, após seis meses de letargo, o feno está fresquíssimo e desprende um perfume de montanha como se tivesse sido acabado de colher.

Aqui, nas profundezas da terra, as marmotas acasalam e vêm ao mundo. Uma marmota recém-nascida pesa apenas 30 gramas, mas o seu desenvolvimento é rapidíssimo. Vinte dias depois do nascimento abre os olhos, aos vinte e cinco despontam os incisivos e termina o aleitamento. Aos quarenta dias de idade, isto é, por volta de meados de Julho, os pequenos saem pela primeira vez para a luz do sol. E, então, é como se se desencadeasse o fim do mundo: são cambalhotas, saltos, jogos até nunca acabar e longas explorações entre as ervas a calhaus sob a direcção das marmotas mais velhas, saídas das tocas nos primeiros dias de Abril.

Marmota carregando feno para forrar o quarto de dormir

O LETARGO

Na montanha, porém, o Verão é como o vento e é preciso pensar em robustecer-se para enfrentar, nas melhores condições físicas, o imenso dispêndio de energias que o letargo comporta. Assim, tem início o pasto estival, que durará ininterrupto até meados de Setembro ou princípios de Outubro. Quando os adultos começam a forrar as tocas com feno, os pequenos pesam já um quilo e setecentos gramas e estão prontos para a longa noite invernal. Antes, porém, fazem, conjuntamente com os seus companheiros, uma barrigada de determinadas ervas especiais purgativas que lhes permite entrar para as tocas com o intestino livre. Uma análoga «cura depurativa» será repetida na Primavera, no fim do sono letárgico.

Uma vez entradas em casa, tem início a «operação encerramento»: as marmotas obstruem a entrada com seixos e terra, após o que cada uma atinge o seu companheiro. Aqui os animais movimentam-se ainda durante alguns dias, antes de entrar em função o misterioso mecanismo do letargo: o organismo arrefece pouco a pouco, os reflexos enfraquecem e o corpo, começando pelas patas posteriores, perde a sua capacidade de movimento. Finalmente, a marmota enrosca-se sobre si mesma, com o nariz entre as patas posteriores, e mergulha no sono. (Parece, porém, apurado, que em certas noites de Lua cheia a marmota acorde, mude de posição e execute uma espécie de recenseamento para controlar se todos os seus companheiros estão vivos. Se algum está morto, é arrastado para o compartimento dos despojos a fim de não contaminar o ar).

Não se sabe ainda bem como procede a marmota para sobreviver durante o letargo. Mas é como se numa determinada altura entrassem em funcionamento no seu corpo muitos pequenos motorzinhos, as glândulas hibernantes. Estes minúsculos órgãos, distribuídos sob a pele ventral do roedor, são tão eficazes que um rato branco ao qual seja injectado um extracto consegue sobreviver numa cela refrigerante, durante pelo menos um mês, ao passo que sem injecção morre ao fim de uma semana. É um meio extraordinário para aumentar a resistência ao frio, que poderia vir a encontrar aplicações também no campo clínico.

A marmota tem, portanto, todos os requisitos para agradar: é inteligente, simpática e poderá prestar ao Homem grandes serviços. A sua caça, que tem lugar no Outono, é, por isso, duas vezes condenável: diferentemente das dos outros roedores, as colónias deste pequeno mamífero nunca acusaram incrementos substanciais. Por caminhos misteriosos (talvez migrações em massa ou imprevistos congelamentos dentro das tocas) a Natureza mantém, também aqui, o seu extraordinário e maravilhoso equilíbrio.

A minoria de marmotas brancas não sofre qualquer descriminação.

Analise possíveis causas antes de sofrer as consequências

FATOS BANHO-BIKINIS

PARA SENHORA Nacionais e estrangeiros — APENAS POR 150$00 e 120$00

ROUPÕES TURCOS a 75$00 | TOALHÕES DE PRAIA a 50$00 e 65$00

...E O GRANDE SUCESSO

VESTIDOS PARA SENHORA

ALGODÃO 90$00 | SEDA S/M. 100$00 | SEDA M/M. 115$00

TODOS ESTES ARTIGOS ESTÃO A SER VENDIDOS NOS Tecidos Almirante, Lda.

AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

AGENTES DISTRIBUIDORES

FIRMAS IDÓNEAS PARA A VENDA DE

APARELHOS DE AR CONDICIONADO

CHRYSLER AIRTEMP

ANTIGA E CONCEITUADA MARCA AMERICANA

ACEITAM-SE COM EXCLUSIVO DE VENDA PARA:

Povoa de Varzim, Famalicão, Braga, Viana do Castelo, Penafiel, Valença, Montalegre, Bragança, Miranda do Douro, Vila Real, Mirandela, Régua, Lamego, Espinho, Aveiro, S. João da Madeira, Viseu, Guarda, Covilhã, Coimbra, Leiria, Castelo Branco, Santarém, Portalegre, Lisboa, Setúbal, Elvas, Beja e Algarve.

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

rost + janus

PORTO — RUA BARÃO DE FORRESTER, 914 — TELEF. 43006

LISBOA — RUA D. PEDRO V, 21 — TELEF. 366400

COZINHEIRA

Precisa-se com muita experiência para Estalagem no Algarve. Ordenado 5.000$00 mensais, alojamento e alimentação. Resposta com informações e referência a este jornal ao n.º 584.

Senhor futebol em dois continentes

RIERA: "Futebol é jogo colectivo desempenhado por figuras"

Por LUIS MARCOS

Alto, robusto, cabelo liso, persuasivo e convicto do que pretende e do modo como o conseguir, Fernando Riera é o homem contratado pelo F. C. do Porto para tirar a principal equipa do futebol nortenho da apagada tristeza dos últimos anos. Está no Porto desde o fim do campeonato e vem ajustando com os dirigentes toda a reestruturação do Departamento de Futebol, pois, além de treinador do grupo profissional Riera será o supervisor de todos os demais futebolistas do clube azul e branco.

Fernando Riera Bauzá, nasceu em Santiago do Chile a 27 de Junho de 1920. Aos 16 anos era já titular da Universidade Católica, actuando na primeira divisão. Foi várias vezes «internacional» e, em 1950, começou a sua interminável peregrinação pelo mundo do futebol, deslocando-se a França, onde jogou até 1954 no Reims e no Rouen. Tirou nessa altura o curso de treinador no Instituto Nacional do Desporto, em Paris.

Como técnico, Riera começou a sua actividade em Portugal, mais exactamente, no Belenenses: levando o grupo «azul» ao vice-campeonato em 1957 e sendo de seguida contratado pela Federação chilena a fim de preparar a equipa do seu país que no Campeonato do Mundo de 1962 conquistaria o terceiro lugar, logo atrás do Brasil e da Checoslováquia.

Em 1962/63 regressa a Portugal, desta vez para o Benfica: encaminhando a equipa da Luz à final da «Taça da Europa» (derrota em Londres, 2-1, frente ao Milan), o que não chegou para satisfazer adeptos e dirigentes. Voltaria mais tarde (em 1967) alternando estas passagens pelo Benfica com periodos de orientação da sua equipa mais querida (a Universidade do Chile) onde há sempre um lugar è espera do prestigioso técnico.

Os dois últimos anos foram de desilusão para Riera. Tentou iniciar um metódico trabalho na selecção chilena, tendo em vista o Campeonato de Mundo de 1974, mas foi afastado ao fim de um ano. Rumou à Argentina e ao Boca Juniors: e também saiu para o Porto sem terminar a época futebolistica local. Agora está entre nós, naquela que ele considera a sua segunda pátria, a terra onde nasceram os seus filhos. E fala sem ressentimentos do futebol argentino em que não conseguiu triunfar:

O futebol argentino, depois do Brasil, talvez seja aquele onde existe maior potencial de jogadores. São muitos os rapazes com aptidões para o futebol, dando-se até o caso de neste momento ser um mercado onde se nota extraordinária procura por parte do exterior. Há, na verdade, muito material. Só em Buenos Aires, cidade com 8 milhões de habitantes, existem 16 clubes. Destes, dez ou doze estão em nível mais ou menos equilibrado, com possibilidades de conquista do título. A Argentina, com uma organização europeia, estaria (sem dúvida) no topo do futebol mundial. Os problemas da desvalorização da moeda e as dificuldades económicas dos clubes e do país têm, no entanto, feito com que jogadores se transfiram para França, Itália e Grécia (sobretudo) por preços verdadeiramente baixos para aquilo que valem.

ARGENTINA COMO HUNGRIA

Em Portugal também há jogadores com lugar em qualquer equipa do Mundo. Mas, na Argentina, existe maior quantidade de bons executantes. A Argentina é como a Hungria: lá, todo o mundo joga à bola. Velhos e novos, em grandes áreas verdes.

Saudosista:

De todos os clubes em que trabalhei guardo boas recordações. Mas, as melhores são da Universidade Católica do Chile. Aliás, foi lá que comecei a jogar. Tenho tido sorte. Tenho estado sempre em bons clubes: Belenenses, Benfica, Universidade Católica, Barcelona, Bocca Juniores e, agora, F.C. do Porto.

FUTEBOL EM PROGRESSÃO

Futebol mundial:

Penso que o futebol está a progredir em toda a parte. Enquanto Portugal avança, outros países também evoluem. Será, no entanto, nos países de profissionalismo integral que o futebol atingirá um progresso maior. Nas terras latinas, a dedicação, a disciplina e os cuidados têm aumentado bastante, o que contribui para uma melhoria do espectáculo, Todavia, a Inglaterra e a Alemanha são os que mais têm trabalhado.

SELECÇÃO E CLUBES

A categoria do futebol de um país está nos seus clubes. Mas, o problema das relações entre clubes e selecção é difícil, sobretudo entre os latinos. Há muito clubismo, muitas rivalidades. Algumas vezes tomam-se por base equipas que já não são aquilo que as fêz guindar a um alto plano: e aí está, esplicadinho, um dos factores do relativo pouco êxito de certas selecções. E há muitos pormenores a considerar: digressões de clubes, jogos particulares em que entram as vedetas, encontros militares, taças e mais taças. É um nunca mais acabar. Tudo isto torna difícil o problema de constituir uma verdadeira e boa selecção.

Além «cortina», como é o futebol?

No plano de selecção, o sistema desses países permite fazer selecções como em mais lado nenhum. Por exemplo: os russos têm levado a bom termo o seu futebol colectivo, mas falta-lhes alegria e individualidade. O futebol é um jogo colectivo, mas desempenhado por figuras. Se elas não existissem, não havia espectáculo autêntico. Penso, igualmente, que o futebol (mais do que qualquer outro desporto) é um caso social complexo. Tem, no lado positivo, a possibilidade de, durante 90 minutos, se juntarem patrões com empregados, operários com mestres, professores e alunos. Pretos com brancos. O que não acontece com o ténis, por exemplo. Os treinadores-educadores do futebol, a par do treino futebolístico, têm outra função a desempenhar junto dos seus jogadores. E lá outro tema grave: a integração social, em meios mais elevados, jogadores oriundos de horizontes modestos. Há que prepará-los para viagens, para a frequência de hoteis de primeira classe. É um fenómeno importante e que temos de ter em consideração.

O JOGO

Era bom que existissem escolas de jogadores frequentadas por jóvens mal atingissem os 8 anos. Escolas que dessem alimentação cuidada e educação. Aliás, isso já acontece em certos países. No Chile, por exemplo, cerca de 300 crianças, com idades compreendidas entre os 8 e 12 anos, eram treinadas por mim, uma ou duas vezes por semana. Mas, havia um convívio entre os professores e os pais dessas crianças. Os jogadores da divisão principal davam, igualmente, a sua colaboração, tomando conta de grupos de 6 crianças. Tentei introduzir esse método noutros países mas...

Sobre futebol-espectáculo e futebol-prática desportiva, Riera diz:

Não se podem separar as duas coisas. Hoje, o que se quer é ganhar, ganhar, ganhar. E isto tem aspectos negativos. À medida que foram passando os tempos ninguém quis perder e começou a fase destrutiva: como fazer para não deixar ganhar os outros, os melhores? Daí o jogo ter enveredado pela pancada, daí a violência do futebol. E, quando antigamente as pessoas iam ver um jogo pelo seu valor, agora passaram a ir apenas em procura de resultado favorável para as suas cores. Não interessa que a sua equipa tenha vencido em condições irregulares, fazendo má exibição as pessoas ficam satisfeitas. E saem contentes do estádio. Para todo este fenomeno muito contribuiram as más arbitragens e os meios de comunicação que, em vez de disciplinarem as massas, capricham em exacerbar ânimos e incentivar rivalidades. Muita gente passa, na verdade, uma semana atormentada, dura, difícil: chega ao estádio e deita as suas frustrações cá para fora. Tem, enfim, uma possibilidade de se manifestar. Na Argentina (é um caso) onde as pessoas podem manifestar-se livremente, acontece que, mal o desafio acaba, o público saboreia o espectáculo, rindo e gozando as fases mais curiosas. Essa é, afinal, a meta do futebol: divertir.

SPORTING: O "SETE" INVENCÍVEL

Depois de, brilhantemente, vencer o campeonato nacional, a turma de andebol de sete do Sporting conquistou, imparàvelmente, a «Taça de Portugal»: corolário lógico de uma temporada sem paralelo. Eis os 17 «magníficos» que estiveram na base do memorável triunfo verde-branco: Matos Moura (treinador, seleccionador nacional e nosso prezado colaborador), eng.º Gomes Nunes (vice-presidente para as actividades amadoras dos «leões»), Bessone Basto, Adriano Mesquita, Castanheira, Sacadura, Paulo Armando e Carlos Silva (em pé), Gois, Duarte, Brito, Adão, Carlos Correia, Alfredo, Ramiro e Anaia (ajoelhados). Falta aqui Manuel Marques, também pedra muito influente na manobra da equipa.

AYA- a perdigão

cuide de si enquanto goza as suas férias em

CALDELAS

ABERTAS DE 1 DE JUNHO A 10 DE OUTUBRO

FAMOSAS TERMAS HIDROLÓGICAS PARA O TRATAMENTO DAS DOENÇAS INTESTINAIS

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA
GRANDE HOTEL DE CALDELAS

QUARTOS COM BANHO E TELEFONE * CAMPO DE TÉNIS * CAPELA VELA E MOTONÁUTICA NAS BARRAGENS * PISCINA, ETC

GRANDE HOTEL DE CALDELAS
PREÇOS ESPECIAIS DE 1 DE JUNHO A 15 DE JULHO

EXCURSÕES EM AUTOCARRO

COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA

Realizadas nos nossos autocarros de turismo
Acompanhadas por pessoal especialmente qualificado

Lourdes-Andorra-Madrid	9 dias	3.950$00
Lourdes-Andorra-Barcelona-Valência-Madrid	12 dias	4.950$00
Lourdes-Paris-Andorra-Madrid	15 dias	5.950$00
Paris-Londres-Madrid	16 dias	8.500$00
Bélgica-Holanda-Luxemburgo Vale do Reno-Suíça-Andorra	20 dias	9.950$00
Suíça-Áustria-Itália	24 dias	12.500$00
Galiza e Costa Cantábrica	9 dias	3.850$00

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo — Setúbal-Av. 5 de Outubro-Tel. 23291 Évora-Rua da República-Tel. 24254 Lisboa-Rua do Ouro, 242-Tel. 324306

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.
Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292, 1.º (esq. do Rossio)
Telef. 369384 5 6

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990$00
Frigoríficos	1.900$00
Trituradores	260$00
Secadores de cabelo	140$00
Cassetes	35$00
Relógios de cozinha	300$00

VENDAS A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

CHEFE DE MESAS

Muito competente, para Restaurante de luxo, a abrir brevemente no Porto. Carta à Estalagem da Via Norte — LEÇA DO BALIO.

EUROPA TEM REI

Alemanha: individualidades na perfeição dos campeões

Segurríssima na defesa, segue, mas aí já desdobrada para outras ambições, lá mais à frente, com dois homens (Necker e Hoeness) perfeitamente senhores das tarefas na zona e altamente influentes num quadro que pratica o futebol total. Na frente o espectáculo aquece. Uma agressividade

Bélgica: o terceiro lugar para o "carrasco" da gente

Derrotada pela Alemanha Federal no encontro das meias-finais, a selecção de Raimond Goethals, conquistou no jogo seguinte o direito ao terceiro lugar na Europa derrotando a Hungria por 2-1. Duros, agressivos, bem preparados tácticamente pelo seu técnico (um trabalhador do futebol que não tem pejo em mostrar-se, como homem rude e sem rodeios que efectivamente é) os belgas só foram suplantados pela ca-

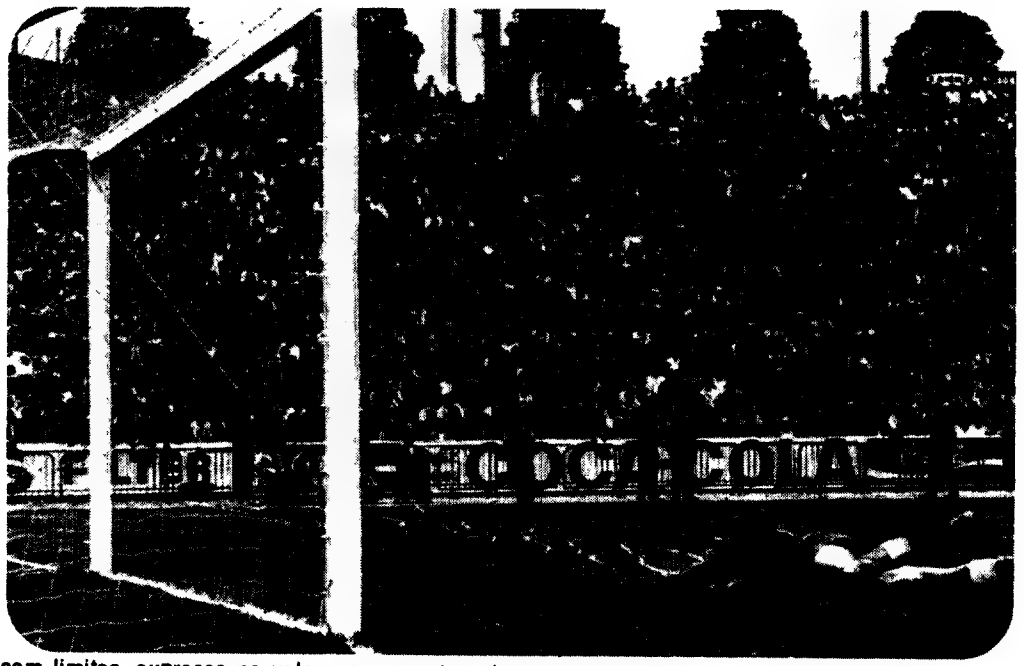
NOVA IORQUE (Via «Canadian Pacific») — Uma «garôa» impertinente fustiga o ambiente da cidade. Os arranha-céus da 5ª Avenida parecem monstros envoltos em mantos de diafana transparência. No «living» do hotel, um casal de brasileiros conversa em português gritado. Supõe estar só. Lendo o «Daily News», um americano comenta, de seguida, em voz alta (embora esteja só), os artigos que acabava de ler. A meu lado uma senhora reza o terço para que todos a ouçam... — há cerca de uma hora. Neste ínterim, o altifalante chama por mim. É um telefonema de Augusto Saraiva, director do «Portuguese Times», de Newark, convidando-me para visitar aquela cidade de 400 mil habitantes, onde importante colónia portuguesa prolifera à sombra da liberdade, da unidade e do progresso. Escuso-me. O tempo é escasso. **«Então vou aí visitá-lo** (avisa do outro lado do fio) **espere-me por volta das 22 horas»**. Assim aconteceu.

A hora aprazada chegou Augusto Saraiva, acompanhado por José Costa, editor do seu jornal, um «tabloide», no formato do «Diário de Lisboa», também em «off-set». Passei uma vista de olhos pelo excelente hebdomadário de 16 páginas e lá estava anunciado: **Dia 16 de Julho, em Foxboro, Massachusetts, sensacional encontro de futebol entre o Benfica e o Sporting: Nessa tarde, disse-me Augusto Saraiva, o «Schaefer Stadium» registará a sua maior enchente** Voltei a fixar-me no anúncio: os bilhetes custam de 6 (o mais barato) a 10 dólares (o mais caro). Saraiva volta a falar: **Gente de todo o país irá assistir à peleja. Qual o português que vivendo longe da pátria, pode perder um Benfica-Sporting? O público americano gosta de futebol?** — interroguei, — **Está começando a gostar. Mas quem vai mesmo ao futebol são os europeus e sul-americanos, sobretudo os portugueses, os italianos, os brasileiros e os cubanos**..

O nosso interlocutor entusiasma-se e fala com admiração da obra dos nossos compatriotas na América e de futebol: **Na nossa cidade, Newark, há um bairro, tal como em Toronto, no Canadá onde só habitam portugueses, por assim dizer, e todo o comércio é português. O Sport Club Português de Newark é a nossa agremiação desportiva. E temos no «team» alguns excelentes jogadores. Vários deles com provas já dadas em Portugal, tais como Manso, de Murtosa; Cunha Velho, natural de Benguela, que chegou a jogar no Belenenses, donde transitou para o Marinhense; Craveiro (também ex-marinhense); Oliveira, Matos, etc., elementos que eram esperanças no futebol da nossa Pátria. Graças a eles o Portuguese**

Informal

NO FUTEBOL



sem limites, expressa na velocidade e técnica dos pontas (Wimmer e Grabowsky) e na oportunidade, força de remate e capacidade de elevação do pequeno e terrível Müller (na gravura saltando com o sete soviético Troshkine) e de objectivo certo: o golo (na imagem o terceiro a Rudakov). Beckenbauer é o elo de ligação: que, tanto protege Meier, apoia Netzer, ou lança Muller como trava duelos de meio campo com os melhores elementos contrários, no fundo, um «capitão» à altura de um quadro como o da Alemanha Federal, Hoje de campeões europeus (três a zero à União Soviética) amanhã, quem sabe se de campeões do mundo. A Alemanha pratica certamente o mais belo e eficaz futebol do velho continente Uma máquina: este conjunto de Helmuth Schoen.

pacidade germânica demonstrando que sabem da bola e que Lambert. Van Himst e Piot são «estrêlas» em qualquer parte do mundo. Contra a Hungria atacaram de princípio ao fim, normalmente para a finalização de Lambert (derrotado pelo guarda-redes Gecsi, na primeira imagem, mas vitorioso na segunda). A Hungria marcou de grande penalidade (Piot vê a bola a escapar-se para o seu lado direito), mas Van Himst (que não aparece no lance) reporia a verdade dos factos e a certeza de que a Bélgica dispõe de argumentos para justificar eliminação de portugueses e italianos. É uma força a ter em conta no futuro.

Batendo a Rússia em terras belgas, os alemães conseguiram o mais belo título do futebol europeu. Por seu lado, inter-muros, a turma da Bélgica (que afastara Portugal da competição) fez triunfar o seu futebol de força hercúlea sobre a consciente manobra técnico-táctica dos magiares. E acabou por lograr um terceiro posto no Velho Continente que, para além de bastante discutível, tem muito de sorte na sua história. Ou talvez não, se forem bem analisados os potenciais futebolísticos da turma de Van Himst.

Por MÁRIO NOBRE

de Newark» tornou-se este ano Campeão da «Schaefer League», 1ª Divisão, do Estado de New Jersey.

Conversámos sobre outros portugueses, desportistas, que se fixaram nos Estados Unidos. Imenso rol de nomes foi evocado. Um deles estava bem presente na lembrança de Augusto Saraiva: Horácio Velha. **Foi um grande pugilista. Ele e Santa Camarão, que ainda hoje é recordado na alta roda do box americano, tendo defrontado homens como Max Baer, Max Shmelling e Primo Carnera. Todavia, no meu entender, Horácio Velha foi o maior pugilista português que conheci. Cabeça de cartaz em dezenas de combates, foi cognominado na América por «iron man» (homem de aço). Presentemente reside na cidade de San Diego (Califórnia). Está muito bem de vida. Fez na Europa e na América mais de 150 combates e nunca conheceu uma derrota por nocaute. Apenas seis derrotas, e por pontos, embora tenha defrontado os melhores esgrimistas do mundo». Saímos. Fomos tomar um «drinque» no último andar do arranha-céus da Panam. Um deslumbramento a quase 200 metros de altura. Lá em baixo, a 5ª Avenida perdia-se de vista na extensão multicolorida da sua grandiosidade. Nova Iorque bruxuleava envolta em «garóa» a nossos pés.**

De volta ao Hotel, onde estou a escrever estas nótulas evocativas da digressão da «Selecção Portuguesa de Veteranos» pelo Canadá — onde marcou excelente presença desportiva e social —, recordo a gentileza do aljustrelense Luis Pereira (que quer levar ainda este ano o Sporting à América), ao transportar-me até ao Aeroporto de Toronto, a fim de tomar o avião para Nova Iorque, em companhia de Rosas, que foi grande goleiro no Leixões, sendo colega de Osvaldo Silva, Raul, Medeiros; Oliveira e Jacinto, quando Filpo Nunes foi seu treinador e levou o grémio de Matosinhos à vitória final na «Taça de Portugal», derrotando, nas Antas, o Porto por 2-0. Rosas ganha 10 contos por mês. «Em que trabalha?» perguntei. — **Não trabalho** — respondeu —, estudo inglés há dois anos e por isso recebo do Governo canadense essa importância.

DIRECTOR

PARA IMPORTANTE EMPRESA DE MONTAGEM E COMERCIALIZAÇÃO DE CAMIÕES PESADOS

EXIGE-SE:

- Formação Universitária em Engenharia ou Ciências Económico-Financeiras
- Experiência no ramo

OFERECE-SE:

- Bom vencimento
- Oportunidade para afirmar o valor e a competência profissional na reorganização dos serviços
- Um mês de férias anualmente e outras regalias sociais

Cargo a desempenhar em Lisboa em contacto directo com a Administração.

Resposta a GASEL-Ref.ª 101/51 Apartado 2512 — Lisboa.

DIRECTOR DE FABRICAÇÃO

(CARGO DE STAFF)

Para Importante Empresa de Fundição e Metalomecânica situada a 140 km de Lisboa.

EXIGE-SE:

- **Licenciatura em Engenharia**
- **Larga experiência em Direcção de Serviços de Linha ou no Staff da Produção**

OFERECE-SE:

—Cargo de Direcção de Serviços de:

- **Planeamento**
- **Métodos**
- **Conservação**

— Vencimento de acordo com a experiência possuída
— Um mês de férias anualmente e outras regalias sociais.

Resposta a GASEL-rf.ª 101/50 — Apartado 2512 — Lisboa

Fernando Vaz: Culpado ou inocente?

de PRAÇA a PRAÇA
NEVES DE SOUSA

Foi do domínio público: ao abandonar o Sporting, o técnico Fernando Vaz viu cair sobre si a fama de ter drogado (ou ter pretendido drogar) os futebolistas verde-brancos antes de determinados jogos. Por exemplo: na tarde das Antas. Quem o disse, alto e em bom som, foi um dirigente que, ao lado de Fernando Vaz, acompanhou semanas a fio o dia-a-dia dos rapazes de Alvalade.

O apontar de dedo foi consistente: Vaz ficará, durante muito tempo, com a fama. E, talvez, sem proveito: porque o Sporting elaborou um processo de inquérito, porque esse processo de inquérito (com ou sem vícios) saltou até às mesas da Direcção-Geral dos Desportos e porque o (decerto) volumoso masso de papéis, sem qualquer palavra própria ou declaração do treinador visado, volta ao remetente com a indicação desalijadora de que «o técnico se recusara a responder, não, comparecendo na Direcção-Geral».

E pronto: fique a fama, fique o labéu, fique durante o tempo que o vento não apagar, às costas de um homem, o dedo espetado. Vaz é culpado por não ter comparecido a explicar-se? Certo. Mas, que meios tinha (ou tem) ao seu dispor a entidade máxima para obrigar um técnico desportivo a comparecer perante si? Um profissional desportivo desde quando deixa de estar enfeudado à disciplina da Direcção-geral dos Desportos?

Melhor: até onde vai a competência desta Direcção-Geral?

O problema ganha maior acuidade do que pode parecer. Por um lado, considero que é verdadeiramente inacreditável que a preocupação sportinguista em desvendar o «mistério» só tenha aparecido depois do responsável pelas suas equipas de futebol (sem empregado, portanto) ter deixado o emprego e não quando os boatos nasceram. Por outro, não encontro explicação, plausível ou lógica, para o facto de um profissional do desporto com provas de competência patentes, com cargos de direcção em organismo público e tendo no «palmarés» bastas passagens pela cátedra desportiva, se ter escusado a vir a terreiro dizer de sua justiça. Defender-se. Sacudir a água do capote. Provar que sempre agira com a honestidade de processos que tanto se preocupou, anos consecutivos, em apregoar.

Não banindo o ataque, saiu derrotado. E ficará, no ar a suspeita: o pior que pode pender sobre a cabeça de um homem. Daí que a passividade da Direcção-geral, **a sua inoperância seja um profundo golpe no seu prestígio, na sua utilidade, na sua razão de ser.**

É que, por associação de ideias, veio à minha memória uma torrente de casos antigos. De protecções clubistas, operadas indiscretamente por gente de simpatias desportivas bem vincadas em favor dos grémios que melhor lhes tocavam no coração. E recordo esse infindar de cortejos em que as forças vivas de qualquer terreola, desembarcadas em força à porta da Direcção-geral dos Desportos, mostraram ter mais força que a Lei e o Direito. E lembro o nunca acabar de sucessos em que a Direcção-geral esteve passiva e fleumática ante os factos: sem bulir sequer uma palhinha, não fosse o senhor doutor qualquer coisa ou o senhor engenheiro tal ficar mal impressionado e correr com a sorte (e o ganha-pão) aos poetas do Desporto.

Segundo a legislatura que a criou, a Direcção-Geral dos Desportos foi edificada para servir de cúpula a todo o desporto de Portugal. Tem servido esses afins? Será com o soberano alheamento dos problemas que se faz justiça?

Longe de mim atacar homens, figuras, personagens. Fortes ou fracos. Mas, neste caso, irreversivelmente, sem contestação, surge-nos todo um tremer de estruturas. Se a Direcção-Geral dos Desportos já nem tem força para obrigar um dirigente desportivo a provar o que afirmou pùblicamente ou se sente sem capacidade para chamar às suas instalações um homem que exerce a profissão no desporto (e, assim, tem a actividade dependente daquele organismo) que lhe resta fazer?

Não me venham depois falar em dirigismo desportivo. Com tantos atropelos, com tantas machadadas, com tantos fronteiros ataques, como pode subsistir (em plano de exemplo de virtudes) a causa desportiva? Mutilada, retalhada, vilipendiada, até onde arrastará a desdita de não ter quem lhe deite uma mãozinha salvadora?

É que, meus amigos, não importa apenas saber-se se o Agostinho pedalou drogado de Vila Franca para Lisboa, na tarde pardacenta em que andaria aos ombros da multidão em Alvalade. Não basta saber se a assinatura do pai do rapazinho confere, e dar por não dito o rascunho garatujado no fim de um compromisso desportivo. Não é para fazer justiça de funil que nós queremos uma entidade desportiva, nós os do Desporto, aqueles que pasmam com a impunidade que permite vicejar e dar fruto outro «caso Rui Rodrigues». Que autoriza que continue a considerar-se profissional desportivo um rapazinho que assina toda a papelaria que lhe colocam ao lado da caneta de ouro: tanto se lhe dá que seja verde como azul, desde que ao pé fique o chamariz de um punhado de notas de conto. E, fica no ar a perguntar: são estes exemplos que querem dar às crianças, nas prelecções do bem programado movimento de revigoramento físico das populações?

Aceitar que se droguem os futebolistas?

Aceitar que só se espiolhe o xi-xi dos ciclistas uma vez ao ano?

Aceitar como ídolo das bancadas um sujeito sem carácter desportivo?

Aceitar como advogado de suas causas quem não tem tempo para manusear as leis?

Sinceramente, creio que o meu amigo dr. Armando Rocha será o primeiro a deitar mãos ao assunto e a não permitir que fique ainda mais toldado o horizonte do gabinete que dirige. Vá lá, ao menos só uma vez, convençam-se os desportistas de que o desporto não é marginal no pensamento de quem manda.

COLECTIVIDADES/POPULARES

AI PENDÃO, PENDÃO, QUE VIDA É A TUA?

Texto de ALEXANDRE PAIS

O mais novo e também o mais modesto, o mais acanhado, o mais «sem ponta por onde se lhe pegue» dos clubes populares visitados pela «reportagem DL», é o Grupo Recreativo do Pendão.

O mais novo porque, fundado em 20 de Junho de 1969, completou agora três pouco risonhas primaveras.

O mais modesto porque o conjunto das suas receitas mensais não atinge os dois milhares de escudos.

O mais acanhado, porque o conjunto das salinhas que compõem a sua sede pouco deve ultrapassar a vintena de metros quadrados.

O mais «sem ponta por onde se lhe pegue», porque:

1.º) Já teve 470 sócios e agora tem 150. (E nós bem sabemos como estas «situações regressivas» são difíceis de anular).

2.º) Tendo poucos associados não tem dinheiro.

3.º) Não tendo do tal «metal que envilece», não arranja instalações condignas.

4.º) Sem sede apropriada, sem ginásio, sem pavilhão, sem parque de jogos, sem piscina, sem campo de futebol (perdoem estas dolorosas referências), não arranja associados.

Como não consta que exista na localidade (ali, paredes-meias com Queluz), nenhum benemérito disposto a impulsionar a colectividade e, através dela, a beneficiar os sócios, a juventude, a gente de terra, o próprio Pendão, não se vêem (no momento) hipóteses de progresso para a agremiação a que tudo falta. Tudo, menos homens de trabalho. Menos fidalguia. Menos a carinha limpa de honesto propósito.

Seria, por certo, vontade da direcção atender-nos no seu gabinete. Mas como neste só cabem duas pessoas de cada vez, lá fomos parar (acompanhados de mil desculpas, que ninguém gosta de mal parecer) à saleta onde habitualmente se joga a sueca e o dominó. Começámos pela história da sede, que nos foi relatada pelo sr. Vítor Almeida, de 37 anos, electricista das CRGE e tesoureiro do Grupo:

«Quando se criou o clube, instalámo-nos numa cave da Avenida Miguel Bombarda (no n.º 68). Era uma espécie de armazém sem divisões e que realmente não prestava. Arranjámos então esta casa que também não tem condições, mas que sempre é melhor: numa sala vê-se a televisão e na outra joga-se às cartas. Ao menos não anda tudo ao monte.»

E, no que respeita a finanças, qual a situação actual da colectividade?

«De renda, pagamos um conto e trezentos. De água, luz e telefone, cerca de duzentos escudos. Para a mulher da limpeza são 300$00. Estas são as despesas fixas. As outras estão sempre a aparecer. Olhe, ainda agora para a compra do estandarte, saíu uma verba que nos custou os olhos da cara. Para contrabalançar, temos a quotização (150 associados a 7$50 por cabeça), a receita dos cafézinhos, uns sorteios que se fazem de vez em quando e o subsídio anual, de três mil escudos, que a Câmara Municipal de Sintra nos concede. Também o sr. Administrador do Bairro nos tem auxiliado dentro das suas possibilidades.»

Vamos agora falar de desporto. Dentro da matéria, pelo menos a nível interno, está o vice-presidente do clube, o sr. Germano Bento, de 31 anos, empregado de escritório:

«A nossa secção principal é a de atletismo. Ainda há pouco tempo concorremos à estafeta Cascais-Lisboa e ao «Torneio da Primavera», onde obtivemos uma classificação muito boazinha para as nossas possibilidades. Ao Campeonato Regional não fomos porque, por enquanto, não temos condições para isso: ainda só temos oito atletas.»

E onde se preparam eles, os atletas?

«Treinam aí mesmo, na rua. Hoje, por acaso, até eram para lá estar, mas o tempo está fresco, muito ventoso...»

E não têm mais modalidades?

«O futebol está em formação. Já temos feito uns jogos particulares e estamos a pensar no Campeonato de Amadores. Se tudo correr bem, em breve lá estaremos. Tínhamos, na outra sede, uma mesa de ténis que, por falta de espaço, não está aqui. Para não se estragar pusemo-la na Casa dos Belenenses de Queluz onde, graças à amabilidade da sua direcção, os nossos associados podem ir sempre que lhes apeteça jogar. De vez em quando até lá fazemos uns encontros particulares. Finalmente, temos um grupo de sócios interessados em organizar uma secção de pesca desportiva. Estou convencido que é uma coisa que vai criar raízes aqui dentro».

Voltando ao problema mais premente, o da sede: que medidas já se tomaram para a sua solução?

O estandarte, a fachada, o pano que não tapa tudo

«As rendas estão carissimas. Temos corrido isto tudo e não conseguimos nada. Um consócio (o construtor civil António Guerreiro) arranjava-nos uma belíssima casa, mas nós não tínhamos (e não temos) dinheiro para nos metermos nisso».

«Se ficássemos já com a casa pagaríamos 6.000$00 até ao fim do ano. Depois, a renda subiria para o seu valor real: 12 000$00».

Os meus caros desculpem, mas eu gostava de perguntar: essa verbazita era preço de amigo ou era só a brincar?

«Bem, o sr. António Guerreiro esteve-nos a fazer ver que, — se tivesse um comprador para o imóvel, este valeria tanto mais quanto maior fôsse a renda. E, bem vistas as coisas, ele não podia ficar prejudicado...»

Pois descansem que eu na construção civil não me meto. E certo que haveria aí massa para tijolos que nunca mais acabava, mas esta tribuna é das colectividades populares. Tão populares que há ajudas que não servem, propostas que se não fazem.

Hoje, vai haver sessão solene no Grupo Recreativo do Pendão. Muitas são as personalidades convidadas para a festinha de logo à noite. Tudo se conjuga para um serão bem passado. Com a inauguração do estandarte, novinho não em folha mas em pano que desconheço. Só há a esperar que as **palavras** bonitas, (cheias de calor, repassadas de emoção ou temperadas de esperança) que vão ser proferidas, tragam, quanto antes, os **actos** que permitam colocar o Grupo ao serviço da comunidade que este se propõe servir. Assim seja.

Colette Besson e Vaatainen preparam-se para as Olimpíadas. Entretanto, aqui contamos quem são.

ELES ESTÃO DE OLHO EM MUNIQUE

Entrevistas de ANTÓNIO TADEU

Colete Besson: uma vida simples

Nas Olimpíadas do México correu os 400 metros em 52 segundos e ganhou a medalha de ouro, contra muitos profetas.

Chama-se a «ilustre desconhecida» Colette Besson. Esteve em Portugal e foi muito amável. Vestiu um fato de treino para «posar». Afirmou-nos que estava mesmo, mesmo a meter-se na cama. (Mania dos atletas deitarem-se com as galinhas). E a entrevista para a manhã seguinte. Que «**oui, oui**», podia ser ás dez: lá estávamos.

— **Ouça Colette: Você está triste nas fotografias. Até o esboço de sorriso, não é nada alegre. Você é uma pessoa triste?**

— **Eu? Bem, não sei. Acho que não...** (Primeira intervenção do treinador: **como é que quer que ela estivesse alegre se quase a veio acordar!** O repórter: **desculpe meu caro senhor, «c'est mon métier» (é o meu traba,ho não é?) Falo com monsieur Saint-Omer, não é verdade? O senhor treina algum clube ou está ao serviço da Federação francesa?** Resposta: **sou treinador oficial. Mas agora só treino a Colette. É o meu processo.** Acrescente-se que é um «ponto» este Saint-Omer, conforme se verá adiante.)

Colette fala de si:

— **É uma vida quase sem história. Nasci á beira-mar numa terra próximo de Bordéus. Gostava muito de ir para a praia. Tenho um irmão mais velho. Faziamos grandes correrias na areia. Depois, entrei para a escola.O professor de educação física reparou que eu talvez tivesse possibilidades e convenceu-me a tentar o atletismo a sério. Foi assim que comecei. A par resolvi tirar o curso de monitor de educação física. Hoje sou, conselheira técnica, num departamento do ministério da Juventude e Desportos.** (Tudo isto contado com o ar simples e despreocupado da gente comum. Colette Besson parece não ter nascido para a celebridade.)

— **Filha de gente rica?**

— **Eu? Que ideia! O meu pai é motorista de táxi. Mamã não faz nada. Trabalha em casa, quero dizer.**

— **A medalha de ouro não modificou nada?**

— **Não. De importante, acho que não modificou nada.**

E a responsabilidade? Os Jogos de Munique?

— **Bem, acho que tenho possibilidades. Darei o meu melhor. É tudo.**

— **O ideal olímpico que representa isso?** (Aqui a conversa emperra. A resposta foi «chapa um»):

— **Para mim, as Olímpiadas são uma festa de todos os países um encontro de juventude. E minha opinião é assim.**

— **E a política e a guerra das medalhas entre americanos e russos?**

— **Sim...também...um pouco...** (nova intervenção do treinador. Sem palavras. Só com alegre assobio avisador. Desistimos).

— **Colette: e depois de Munique?**

— **Correrei enquanto puder. Ate atingir os meus limites. De qualquer modo, sou professora, continuarei ligada á prática desportiva.**

— **Fora do desporto?**

— **Por enquanto não penso em nada. Um dia talvez. Talvez arranje um negócio possívelmente de artigos desportivos.** (Afinal, tudo é desporto.)

E é tudo. Aqui fica o relato simples de uma conversa que não chegou a ser complicada, porque houve um «assobio avisador». De Colette Besson ficámos a pensar o que já dissemos: não deve pertencer ao género de pessoas que nascem para serem célebres. Talvez seja esse o motivo do sorriso que nos pareceu triste.

"DRINKS" E SOL: JUAH VAATAINEN

Enquanto a francesa Colette Besson diz que a sua vida quase não tem história, o finlandês Juah Vaatainen afirmou-nos que a dele é uma história muito comprida. Maneiras de ser. Cada qual tem o direito de ter a sua.

Pois este Vaatainen, quem o viu (no écran da televisão, a ganhar os cinco mil e os dez mil metros dos últimos Campeonatos da Europa) e quem o vê! Tisnado do sol do Algarve, de patilhas como abanadores, sentado em amena conversa com colegas dos jornais, quando no-lo apontaram, não escondemos a surpresa. Ai, é aquele?

Era aquele mesmo, sim senhor. Com seu ar de «bon vivant», quem diria que é capaz de correr cinco quilómetros em 13 minutos 32 segundos e 6 décimos, e dez quilómetros em 27 minutos 52 segundos e 8 décimos?

«Habitualmente faço os dez quilómetros três quatro vezes por semana. Mas, raro levo o cronómetro. Claro que estou interessado em Munique. Se me sentir em condições, lá estarei».

Não apareceu sombra de treinador. O finlandês, porém, vai treinando. Também tem o seu processo, tal como o treinador da francesa Colette: praia, nada de cigarros, uns «scotchs» de vez em quando (por que não):

«Até lhe posso dizer a data: cortei com os cigarros, absolutamente, (ele utilizava muitas vezes o «**absolutely**») **em um de Fevereiro de 1968. Quase deixei de beber. Quero dizer: tomo uns «drinks» de vez em quando. E também gosto doutras coisas... Tenho gostado muito de estar em Portugal, gente boa («nice, nice»), bom vinho...**

Bom. Claro que o finlandês não é só o «**play boy**» que aparenta ser, aqui, em Portugal, de férias. As férias constam, aliás, do seu sistema de preparo atlético, para espanto de treinadores rigorosos, difíceis de aturar:

«Como toda a gente no meu país, comecei a praticar desporto a sério na escola. Ganhei, em junior, várias competições da Finlândia e da Escandinávia. Tive o azar de partir uma perna e fracturei um joelho. Mas, no exército finlandês, fui campeão militar de todas as distâncias. A vitória que me deu maior satisfação? Pois, foi essa de que você falou, no Campeonato da Europa de atletismo. Já fiz melhores tempos. Agora, vamos a ver. Estou com 31 anos»...

E a vida, fora do desporto? Avida, assim, sem mais nada. Vaatainen começou a resposta por um gesto largo:

«No problems. Absolutely». Sem problemas absolutamente nenhuns. Não casei e acho que fiz muito bem. Se quer saber da minha família, digo-lhe que é fantástica. Os meus pais são òptimas pessoas, tenho uma irmã maravilhosa e mais dois irmãos. Gente sem problemas, «absolutely». Sou professor de matemática. Gosto muito da Finlândia, é verdade. E da escola onde ensino. Mas posso dizer que a minha casa é o mundo inteiro, que eu tenho corrido, a correr...

Mais um gesto largo, a abarcar talvez o mundo inteiro e tudo dito.

FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

Av. Manuel da Maia, 58-2.° — Lisboa-1

Admissão de pessoal técnico

A Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família com sede na Av. Manuel da Maia, 58-2.° em Lisboa, anuncia que se encontra aberto pelo prazo de 20 dias, concurso de provimento, a contar desta data, para lugares de:

— Técnicos de Reprografia.
— Técnicos de Contabilidade (1.ª e 2.ª classes).
— Técnicos de Organização e Métodos (estudo de estruturas administrativas, racionalização de impressos, informática).
— Técnicos para serviços de estudo de acção médico-social (formação jurídico-administrativa).

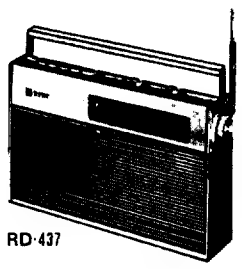
Os candidatos devem apresentar nesta Federação requerimento com indicação do nome completo, data de nascimento, estado civil, habilitações literárias, morada e outros elementos de valorização que entenderem convenientes, designadamente o «curriculum» profissional.

Lisboa, 24 de Junho de 1972.

A DIRECÇÃO

SHARP

PUBLIVARTE

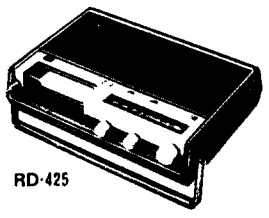


RD-437

a seu lado onde quer que esteja...

O rádio gravador de cassetes SHARP vai consigo para toda a parte e permite-lhe optar ou pelo seu programa radiofónico preferido ou pela sua música predilecta. Acontece, porém, que ouve inesperadamente algo que gostaria de registar? Que tem isso? Gravar é tão simples com um SHARP... Utilize o seu rádio gravador SHARP com pilhas ou ligue-o à corrente ou à bateria do seu carro — o resultado é sempre o mesmo: um som perfeito que satisfaz o ouvido mais exigente.

GRAVA O QUE TOCA. TOCA O QUE NÃO GRAVA. GRAVA O QUE NÃO TOCA.



RD-425

À VENDA NOS AGENTES SHARP

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA · PORTO

Horus
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

AOS EXPORTADORES DE FRUTAS E VEGETAIS

NEGOCEIE COM UMA ORGANIZAÇÃO ENTRANDO NO MERCADO COMUM

THE METRO EXPRESS LAB.° GROUP FRUIT — VEGETABLES — IMPORTERS

ESCRITÓRIO:

8. Victor House, Barlhouregh Garden
London, N. 20 England

Tel. 01-368-7484. 5 linhas

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

DE 25 DE JUNHO A 1 DE JULHO

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Excelente período em que terá oportunidade de realizar algumas das suas mais belas ambições. Qualquer mudança ou alteração que pretender introduzir na sua vida sentimental terá bom acolhimento. O período estimula ao amor, à tranquilidade e às amizades.

DINHEIRO: Os seus assuntos de ordem financeira estão bem protegidos durante esta semana. Altura propícia para fazer boas aplicações de capital ou solicitar algo de que necessite.

PROFISSÃO: A posição profissional está sob influências favoráveis mas, para que atinja a sua plenitude necessita de usar de bastante método. Se as circunstâncias lhe depararem uma viagem, não hesite, em realizá-la.

SAUDE: Evite os excessos alimentares. A abstinência é a medida que deve adoptar.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: À medida que a semana for progredindo, os seus interesses familiares e amorosos se encaminharão no sentido das suas ambições mais queridas.

DINHEIRO: Observa-se pequena subida financeira. Se anda a pensar em dar qualquer passo ou fazer qualquer tentativa no intuito de conseguir dinheiro ou maiores lucros, a altura é oportuna para agir.

PROFISSÃO: Favorável ao bom desenvolvimento da sua vida profissional. As viagens de negócios estão sob bons auspícios. O momento é propício para cuidar de negócios alheios e administrar empreendimentos comerciais.

SAUDE: A saúde reclama o seu interesse e cuidado. Próximo ao final da semana, use de precaução contra as inflamações no peito e na garganta.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Os assuntos de coração estão sob boas influências neste espaço de tempo. Aproveite o ensejo para se declarar ou dar um passo em frente nas suas aspirações de amor. As condições de família e os interesses domésticos dar-lhe-ão satisfação e bem-estar.

DINHEIRO: No plano financeiro torna-se necessário raciocinar com lógica para assim poder chegar a bom termo com os seus projectos.

PROFISSÃO: O seu trabalho, nesta altura, será bastante absorvente e os dias parecer-lhe-ão demasiado longos. Em tudo quanto se refira a negócios e assuntos ligados à sua profissão será preciso perseverança e confiança nos próprios esforços.

SAUDE: O aspecto referente à saúde é benígno, por conseguinte qualquer alteração ao seu estado físico é passageiro e sem consequências de maior.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Os seus deseios e as suas esperanças efectivar-se-ão. A influência de Vénus reflectir-se-à favoràvelmente nos problemas da sua vida privada que tenha de resolver neste período. Do convívio familiar, das relações de amizade e da vida em sociedade retirará prazer e felicidade.

DINHEIRO: Conseguirá alguma melhoria, mas não é o momento para fazer despesas extraordinárias.

PROFISSÃO: O momento é mais para gozar das delícias da vida social do que para resolver os seus problemas profissionais confiando na sua própria intuição. No entanto, esforce-se por cumprir o melhor possível a sua missão.

SAUDE: Haverá alguma ansiedade e impaciência, e por isso deverá fazer o máximo de repouso, físico e mental.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: A sua disposição neste círculo de tempo é confiante, honesta, simpática, e idealista. Oportunidades para melhorar a sua posição social e tratar de casos importantes em relação ao ser amado ou quaisquer problemas que pretenda resolver e que se prendam com este sector.

DINHEIRO: Tempo benéfico para realizações financeiras. Consagre-se aos seus negócios e siga apenas a sua ideia, porque a sorte sorrir-lhe-à. Favorável a viagens.

PROFISSÃO: Favorece as iniciativas pessoais, qualquer que seja a natureza das suas ocupações. Novas oportunidades surgirão, pondere-as devidamente e depois dê-lhe desenvolvimento.

SAUDE: Não abuse das bebidas, nem das comidas demasiadamente apuradas, a fim de não sofrer de perturbações gástricas. Faça exercício.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: A vida amorosa e o ambiente familiar não se apresenta muito lisonjeiro; acontecerá que alguém virá perturbar a harmonia da sua vida sentimental através de difamações.

DINHEIRO: Semana de pouco merecimento em matéria de finanças. Como tal, convém não dar largas aos gastos.

PROFISSÃO: O momento não é propício a novos campos de acção fora do seu âmbito profissional. Mesmo no seu emprego ou nas suas ocupações habituais terá de ter cuidado a fim de não passar por situações aborrecidas ou críticas.

SAUDE: Pequenas enxaquecas. Use de cuidado a fim de se resguardar de ferimentos que ameaçam surgir.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Os acontecimentos neste campo não vos favorece durante este período, pois há tendência a surgirem mal-entendidos na família e com a pessoa amada. Atenção aos movimentos desonestos de algumas pessoas do seu círculo de relações.

DINHEIRO: As suas esperanças não se realizarão totalmente, e algum progresso que conseguir obter será um pouco abaixo dos seus desejos.

PROFISSÃO: Dê a devida atenção aos seus deveres e responsabilidades que possam surgir e pesar sobre os seus ombros, a fim de não praticar erros ou tomar atitudes difíceis de remediar. Não se isole nos seus problemas e reprima a obstinação.

SAUDE: Não deixe os nervos dominarem a razão. Procure a vida calma e fuja das multidões.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Uma semana que deverá ser passada sob o signo do silêncio e de serenidade. Não expanda exuberantemente os seus sentimentos e procure evitar viver no sossego e na tranquilidade, fazendo o possível por não se colocar em evidência.

DINHEIRO: Das empresas a que deitar mão tirará bons frutos com resultados à vista. Embora animado desta boa influência, não deve apesar disso, dar largas aos seus gastos pessoais.

PROFISSÃO: A altura é de progresso na profissão. O que empreender nesta ocasião terá sucesso. O período é indicado para agir e tomar novas responsabilidades.

SAUDE: As suas influências astrais para a corrente semana não se apresentam muito propícias. Por isso, tome cuidado com a saúde.

SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Período em que todo o cuidado, não será de mais com as amizades, pois corre perigo de falsidades que procurarão atingir a sua reputação. Afaste-se das amizades suspeitas. Poderá perfeitamente evitar complicações importantes, desde que saiba agir com sensatez e dominar a sua impulsividade natural.

DINHEIRO: A semana é fraca em matéria de dinheiros. O que auferir dificilmente cobrirá as despesas que terá necessidade de efectuar.

PROFISSÃO: Não sairá bem dos empreendimentos novos, nem os seus esforços com o fim de operar mudanças na sua vida terão êxito. Siga com o labor que tiver iniciado. Os projectos em estudo requerem ponderação e melhor oportunidade para serem postos em prática.

SAUDE: Desfavorável, há possibilidades de males do estômago ou lesões nos membros superiores.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: A boa disposição de que dará mostras esta semana, muito contribuirá para conquistar fàcilmente amizades, e causará muito bos impressão no círculo das suas relações.

DINHEIRO: Explore eficazmente as facilidades que se lhe depararem neste período e experimentará uma melhoria na sua vida económica.

PROFISSÃO: Os assuntos profissionais decorrerão bem. Um aspecto poderoso lhe permitirá tirar proveito de todas as oportunidades; os seus negócios prosperarão expandindo-se. Trate dos seus problemas pendentes e terá êxito.

SAUDE: Os males a temer durante esta semana são os ligados a perturbações no sistema articular.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Sob este aspecto a semana para si, apresenta-se um pouco mais convidativa. Colabore com os seus e terá bons entendimentos e felicidade. Nos assuntos puramente amorosos proceda de maneira mais requintada.

DINHEIRO: Obterá uma certa melhoria através da sua actividade, as vantagens podem-lhe, advir também, pela acção de terceiros. No entanto, reprime a tendência aos gastos supérfluos.

PROFISSÃO: A maioria das suas actividades rotineiras goza de bons aspectos. O progresso profissional será mais rápido enquanto se fizer sentir esta influência. Haverá boa inspiração para coisas de arte.

SAUDE: As indisposições que porventura sentir durante este período, serão devidas principalmente ao seu estado de espírito.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Nos acontecimentos desta semana em referência a este sector da sua vida, conte com contrariedades e mal-entendidos com o ser amado. As relações com a família e com as amizades também não lhe proporcionam ventura.

DINHEIRO: Os proventos terão a mesma toada. Não conte com aumento, e evite as despesas desnecessárias.

PROFISSÃO: Viva-a o mais possível com calma. O mais pequeno descuido pode ocasionar situações embaraçosas para a sua vida profissional.

SAUDE: Conte com alguns reveses. Algum nervosismo, cólicas e mal-estar geral, embora sem consequências graves.

RECTÂNGULOS DA VIDA

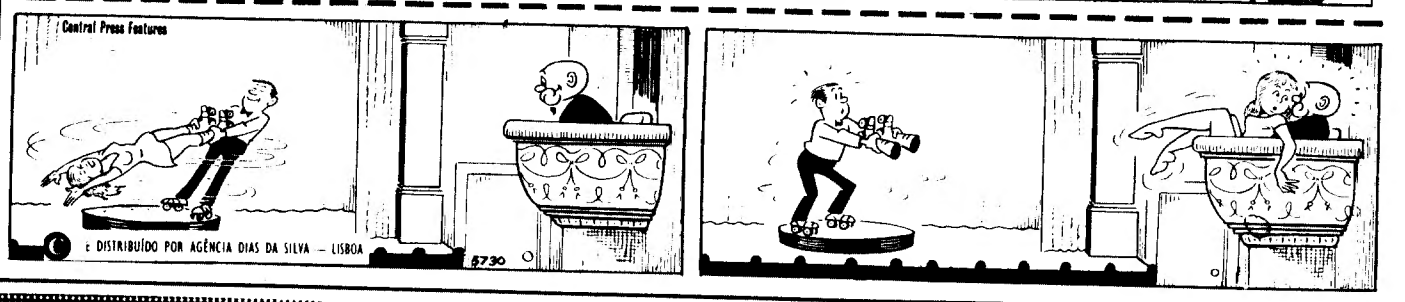
MARIA JUDITE DE CARVALHO

Felizes

Felizes os que têm certezas antigas e tranquilizadoras, impenetráveis a toda e qualquer interferência incómoda da actualidade. Diz-se uma palavra deste mundo __ louco talvez, louco de certo, mas que fazer se não temos outro __ e eles estão longe, enraízados nas suas verdades ajuizadas. Felizes pois aqueles quem **erva** continua a ser erva e mais nada, caulezinho verde, útil ou daninho, nascido ao acaso, para quem **droga** é coisa imprestável ou mèzinha, só isso, os estupefacientes pertencerão sempre a um mundo paralelo, ignorado. Felizes os desinteressados da vida, os distraídos, os longe, para quem **ira** é cólera, sem nada a ver com a IRA irlandesa, para quem **cólera** é ira e não doença. Felizes os que, serenos, moram no passado ou na sua ilha particular, e ainda têm no jardim ou na varanda uma planta que foi ou vai ser **transplantada** porque a sua saúde de planta assim o exige. E quando dizem transplantar não pensam em corações nem em rins mas simplesmente em flores.

Felizes por outras razões que não são de tempo mas de interesses, melhor, de desinteresses, aqueles para quem **extrema direita** e **extrema esquerda** pertencem simples __ ou principalmente __ à nomenclatura do futebol-paixão.

Felizes esses, felizes outros, muitos, muitos outros que não recordo agora. Felizes?



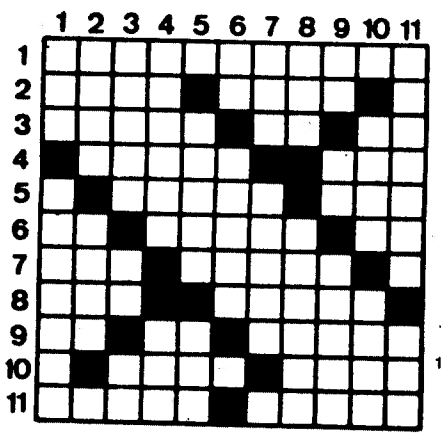
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 126

HORIZONTAIS:

1 Avistaram.
2 Líquido gorduroso. Aquele que.
3 Quinhão. Perfixo de privação. Prasiodímio (s.q.).
4 Nome de peixe. Recusa.
5 Fúria. Artigo.
6 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Tivera por costume (ant.). Em partes iguais.
7 Julga. Fechara as asas para descer mais depressa.
8 Prefixo que designa ar. Bebida alçoólica que se fabrica na Índia e na América, fermentando arroz.
9 Quinhentos e um em romano. Em a. Aguça.
10 Tombas. Acolá.
11 Cilindros. Bebe (pop.).



VERTICAIS:

1 Pesar. Penitente.
2 Pronome pessoal. (pl). Lavrei.
3 Estancar. Érbio (s.q.). Cento e cinquenta em romano.
4 Fundiras. Recusa.
5 Aversões. Suspiros.
6 Quanto baste. Planta gramínea muito cultivada em Portugal.
7 Renque. Ave trepadora.
8 Unidade monetária do Japão. Cercar com arames.
9 Antiga unidade monetária da Alemanha. Sódio (s.q.). Além.
10 Um dos estados do Brasil. Lá.
11 Velhacas. Vasilha para vinho.

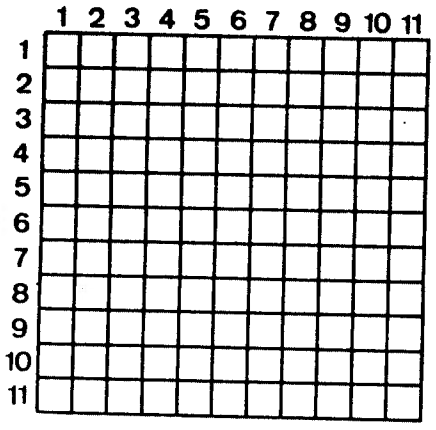
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nel> inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 284

HORIZONTAIS:

1 Ilha francesa fortificada, do Atlântico, junto da foz do Carântono. Dama que ficou conhecida na história pela sua ligação com Junot, quando este ocupou Portugal. Armaria (abrev).
2 Magnete. Cantiga.
3 Descansa.
4 Saíra frequentemente à rua. Decorar.
5 Freguesia do concelho de Oliveira de Azemeis. Tecido de algodão, para roupas interiores. Nota musical.
6 Mister (abrev.). Vá. Pata.
7 Grande desordem. Classe de tropa.
8 Desleita.
9 Planta ornamental também chamada lírio-do-campo. Espécie de gibão (pl).
10 Cabeça (pop). Ave semelhante à pomba.
11 Rezara. Emparelhai.



VERTICAIS:

1 Papagaio da América tropical. Casta de uva, especialmente do sul de Portugal.
2 Prefixo de negação. Cidade da Alemanha. Maior.
3 Casta de uva beiroa. Mentira (pop).
4 Ópera de Rubinstein. Pôr sela em.
5 Batráquio anuro. Apelido da mãe de Luis de Camões.
6 Cidade de França. Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço.
7 Cidade da Nigéria britânica. Antes de Cristo.
8 Rã (pop). Fruto silvestre.
9 Vale espanhol, nos Pirinéus. Acepipes.
10 Troça. Acolá. Flanco.
11 Sacho para mondar. Cidade do estado do Paraná.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 125

HORIZONTAIS

1 Raiva. Falia.
2 ONDE. Mata.
3 Nua. Bar. Mel.
4 Há. Calar. It.
5 Aida. Área.
6 Sora. DEUS.
7 Rir. Ora.
8 Ien. Ardia. Ce.
9 Rãs. Air. Sôr.
10 Adoas. Amuar.
11 Samba. Relia.

VERTICAIS

1 Ronha. Firas.
2 Anuais. NADA.
3 Ida. Dor. Som.
4 Vê. Caria. Ab.
5 Ba. Arrasa.
6 Vala. DI.
7 Rã. Doirar.
8 Im. Raera. Me.
9 Mal. Rua. Sul.
10 Ateies. Coai.
11 FALTA. Perra.

PROVÉRBIO:

Onde há Deus, nada falta.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 283

HORIZONTAIS

1 Va. Catão. AC.
2 Atira. Brota.
3 Lave. Açor.
4 Aça. Sal. Oro.
5 Sa. Pecar. As.
6 Ruam. Siar.
7 Mó. Si.
8 Ela. Avá. Sal.
9 Dá. Acera. Ri.
10 Ivone. Calma.
11 Rasar. Orear.

VERTICAIS

1 Valas. Pedir.
2 Atacar. Lava
3 Ivã. Uma. Os.
4 Cré. Pão. Ana.
5 Aa. Sem. Ácer.
6 Mac. Ave.
7 Ab. Lãs. Arco.
8 Ora. Ris. Aar.
9 Oco. Ais. Le.
10 Atorar. Arma.
11 Caros. Aliar.

AOS QUATRO VENTOS

ZWEIG

Stefan Zweig, autor teatral e biógrafo austríaco, foi um dos escritores de maior valor na Europa, entre 1910 e 1940. Idealista, acreditava num mundo de paz e de fraternidade humana. A Segunda Guerra Mundial deixara-o aterrado. Fugiu da Europa e refugiou-se no Brasil. Espiritualmente destroçado com o que se passava no mundo nessa época, suicidou-se a 22 de Fevereiro de 1942. Tinha 60 anos. Deixou escritas as seguintes palavras:

«Saudo todos os meus amigos. Oxalá eles possam ver ainda o nascimento do sol, depois de tão longa noite. Eu, como demasiado impaciente, irei adiante...»

SEMELHANÇA

A grande actriz norte-americana Ethel Barrymore teve uma noite a honra de receber no seu camarin Albert Einstein, no final de uma representação teatral.

Einstein encontrava-se nessa ocasião num dos seus momentos de maior distracção, de tal modo que, ao entrar no camarim, disse:

— É curioso! A Senhora parece-se extraordinàriamente com Ethel Barrymore!

— Mas...mas — balbuciou a actriz — eu sou Ethel Barrymore...

— Ah! — exclamou Einstein — Por isso se parece tanto com ela!

O NECESSÁRIO

Cerca de dois anos antes de John F. Kennedy haver sido eleito presidente, a questão da riqueza de seu pai era tema de conversa corrente nos centros políticos.

Um dia, no clube, para maior satisfação de um grupo de amigos, JFK disse:

— Acabo de receber o seguinte telegrama de meu pai: **«Querido Jack, não compres nem um só voto a mais que o necessário. Arruinar-me-ias se tivesse que pagar uma maioria esmagadora».**

O TRUQUE

Kriss Maclay, a americana que inventou a almofadinha «pre-mamã» (para usar debaixo do vestido, a fim de dar a aparência de gravidez), disse:

«É uma coisa que me faz sentir como uma senhora. As portas abrem-se, as pessoas são amáveis, não é preciso tomar lugar nas «bichas» e encontra-se sempre lugar no metropolitano e no autocarro».

TERCETO

Em Londres, a actriz inglesa Charlotte Rampling, de 26 anos, decidiu passar a viver com dois homens na mesma casa: um de 34 anos e outro de 29.

O «terceto» afirma que é feliz. Os filhos só terão o apelido dela.

PECADO

À porta de uma igreja de Oregon, nos Estados Unidos, um pastor protestante colocou um cartaz com as seguintes palavras:

Irmãos lembrai-vos que o preço do pecado não diminuiu!»

REFRÃO

«Aquele que diz a verdade tem toda a conveniência em manter sempre um pé no estribo».

EPIGRAMA

«Os comediantes insistem em que apenas há três chistes básicos. Todavia, como a sogra não é um chiste, mas sim uma questão muito séria, a verdade é que não há mais que dois».

SERIEDADE

Do livro de R. Chandler, «Marlowe, o Investigador»: «A sua cara cinzenta era tão larga que, com ela teria podido dar duas voltas ao pescoço».

teatro MONUMENTAL tel. 55133

HOJE: 2 SESSÕES

20.45 e 23 HORAS

Amanhã: «matinée» 16 horas

GRUPO D M/ 18 anos

VASCO MORGADO APRESENTA

RAUL SOLNADO

P'RÁ FRENTE LISBOA!

FLORBELA QUEIRÓS

IRENE ISIDRO · JÓSE DE CASTRO

LINDA SILVA

BEATRIZ DA CONCEIÇÃO

JULIO CÉSAR VICTOR MANUEL

FERNANDA FRANCO · MARIA · VICTOR HUGO

E O INTERNACIONAL PICCADILLY STARS BALLET

UMA GRANDE REVISTA!

SURDOS

CASA SONOTONE

Vamos todos aproveitar esta quadra popular para irmos aos arraiais, comer farturas e ouvir as músicas a tocar. Mas são aqueles que as ouvem! .. E os que não ouvem? Como fazer? Procurem-nos o mais depressa possível. Para fazerem um audiograma e uma demonstração que é **Gratuita** sem compromisso algum. Apresentamos o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Aparelhos de bolso, atrás da orelha, brincos auditivos, óculos aéreos e ósseos. Pilhas de todas as voltagens de mercúrio e de carvão. Prestamos assistência em Lisboa e na Província a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós e de qualquer marca. Não deixem de nos visitar com a qual ficamos muito reconhecidos.

EM LISBOA, Poço do Borratém, 33, s/l. — Telef. 86 83 52
NO PORTO, Praça da Batalha, 92 - 1.º — Telef. 02 - 3 56 02
EM LUANDA, Rua António Enes, 42 - 2.º — Apart. 26

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20 — Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

PAGAMENTO DO JURO DE OBRIGAÇÕES RELATIVO AO 1.º SEMESTRE DE 1972

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao 1.º Semestre de 1972, será efectuado a partir de 1 de Julho de 1972, aos preços abaixo indicados:

EMISSÃO «C. P. — 4 1/2 % — 1959»
Esc. 22$50 — para os títulos ao portador e nominativos

EMISSÃO «C. P. — 5 1/2 % — 1968»
Esc. 27$50 — para os títulos ao portador e nominativos

EMISSÃO «C. P. — 5 1/2 % — 1969»
Esc. 27$50 — para os títulos ao portador e nominativos

EMISSÃO «C. P. — 6 3/4 % — 1970»
Esc. 32$06 — para os títulos ao portador e nominativos

EMISSÃO «C. P. — 6 3/4 % — 1971» — 1.ª e 2.ª Séries
Esc. 32$06 — para os títulos ao portador e nominativos

EMISSÃO «C. P. — 6 3/4 % — 1972» — 3.ª Série
Esc. 32$06 — para os títulos ao portador e nominativos

O pagamento efectuar-se-á:

para os títulos ao portador (cupão)

na Sede da Companhia
no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
no Banco Fonsecas & Burnay, em Lisboa e Porto
no Banco Totta & Açores, em Lisboa
no Banco Pinto & Sotto Mayor

para os títulos nominativos

na Sede da Companhia
no Banco Fonsecas & Burnay, em Lisboa e Porto

O pagamento na Sede da Companhia, **efectua-se todos os dias úteis, das 10 horas às 13 horas e aos sábados das 10 horas às 12 horas.**

Lisboa, 14 de Junho de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Cinema amador em Portimão

Organizado pelo Grupo Juvenil de Cinema decorrerá em Portimão, de 7 a 15 do próximo mês de Agosto, o II Festival de Cinema Amador. O certame, que é da responsabilidade do Grupo Juvenil, conta, ainda, com o patrocínio da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

Festival homenageia toureiros

SAN SEBASTIAN, — O vigésimo Festival Internacional de Cinema, vai realizar-se em San Sebastian de 10 a 19 de Julho, inclui, alem da projecção das películas, exibidas no Palácio do Festival e depois num dos cinemas da cidade para a maioria da população, as Primeiras Jornadas de Cinema Infantil, uma exposição fotográfica sobre o festival nos anos anteriores e outras dedicada aos actores de todo o mundo que têm participado no cinema interpretando figuras de toureiros. Titulo: «O Cinema e os Toiros».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José dos Anjos Tavares. Agente de jornais — PORTALEGRE

televisão

SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do senhor
13.30 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Série juvenil «Robin dos Bosques»
14.25 Joje pode ver
16.55 TV infantil
17.30 Notação II Torneio da cidade do Porto
16.40 TV infantil
17.45 Expedição
18.10 Voo teleguiado
18.40 Domingo desportivo — 1.ª EDIÇÃO
18.55 TV rural
18.30 Telejornal — 2.ª edição
19.50 TV Juvenil
20.00 Série de comédia «Os Companheiros»
20.30 TV 7
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Longstreet
23.00 Baladas por António dos Santos
23.15 Domingo Desportivo — 2.ª EDIÇÃO
23.35 Telejornal — Últimas notícias
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura
20.55 Dó Lá Si
20.55 Série filmada «O Regresso de Lucy»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «As Seis Mulheres de Henrique VIII»
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Periodo

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Uma mãe para Eddie»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.25 Logo á noite
14.35 Fecho.

2.º Periodo

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa
19.25 O Circo Kiri
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Porya aberta
20.30 Povo que canta
21.00 Série de aventuras «Na Terra do Arco Iris»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Concurso «O Jogo do Galo»
22.00 Civilização «Materialismo heropico»
23.50 Telejornal — últimas noticias
23.55 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Filme de série «Uma mãe para Eddie»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «A Lenda da Estátua Nua»
23.35 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6226

tempo

HOJE 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente limpo excepto nalgumas regiões da faixa costeira ocidental para norte do Cabo Carvoeiro onde o céu estava nublado e havia nevoeiro nalgumas regiões. O vento era geralmente bonançoso, soprando de várias direcções.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	13.º
P. DOURADAS	20.º
COIMBRA	14.º
COIMBRA	14.º
PORTALEGRE	24.º
LISBOA	16.º
FARO	26.º
FUNCHAL	18.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

F. DE CASTELO RODRIGO
Máxima 35.º

VISEU
Mínima: 8,5.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar:	15.º
Atmosfera:	10.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.12	3,3 m	8.40	1,2 m
15.30	3,6 m	21.07	1,1 m
Dia 26			
3.52	3,4 m	9.17	1,1 m
16.08	3,7 m	21.44	1,0 m
Dia 27			
4.31	3,4 m	9.54	1,0 m
16.45	3,7 m	22.21	0,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo podendo apresentar-se muito nublado na faixa costeira ocidental para norte do Cabo da Roca durante a madrugada e manhã. Vento fraco ou moderado predominando de noroeste soprando em regime de noitada a sul do Cabo Mondego durante a tarde.

AMANHÃ

Nascer às 6.13
Ocaso às 21.06

Dia 26 Dia 4 Dia 10 Dia 16

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Onda Musical
18.05 Musica e cadência
19.10 Musica da Europa
20.00 Diário Sonoro
20.30 Rádio Desporto
20.45 Futebol: Retransmissão do relato do jogo Portugal-Irlanda da fase preliminar da «Taça Independência do Brasil» efectuado pela Rádio Globo e transmitido, directamente, da cidade do Recife. Ao Microfone Jorge Curi.
22.50 Separador
23.05 Sol e Toiros
23.30 DE UM DIA PARA O OUTRO: Por Fernando Garcia.
00.00 De um dia para o outro (cont)
00.30 Diário Sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont)
02.00 Fecho.
15.05 Concerto em si menor, OP. 104 para Violoncelo e orquestra (Dvorak)
16.30 O Pianista Alexander Uninsky
17.00 Perspectivas da obra de Matthias Walzel
18.00 Concerto de Domingo — 1.ª Parte Intercâmbio Musical — Festival de Música de bratislava 1971,(Gravações cedidas pela Rádio Checa)
18.40 Intervalo — Seis «Lieder» de Schumann, pelo barítono Gerard Souzay
18.55 Concerto de Domingo — 2.ª Parte Intercambio Musical (cont.)
19.40 Quinteto em mi Bemol Maior, K. 407 (Mozart)
20.00 Diário Sonoro
20.20 A Orquestra « OS SOLISTAS DE VENEZA».
20.30 As grandes figuras do Mundo Português — pelo Dr. Caldeira Pais
21.00 Recital pelo Duo: Leonor Prado (Violino) Olga Prats (piano)
21.20 Musica de câmara — 8 Galhardas (Giovanni Maria Trabacci)
21.30 Que quer ouvir — Programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF 2

21.00 Música Ligeira Variada
22.00 Música Coral Sinfónica
22.00 Música Instrumental
23.20 Quartetos de Haydn e Martinu
00.00 O Bailado «Romeu e Julieta» (Prokofiev)
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

16.00 Projecção
16.35 Tarde Desportiva
19.03 Formula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador Desportivo
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A Estrela da Noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens Bíblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã.

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à GÔ-GÔ
00.02 Em órbita — dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

14.30 Estrada Musical
15.02 Auto-Rádio
15.45 Orquestras e canções
15.55 Tarde Desportiva
18.01 Musical e Desporto
18.30 Presença Coimbrã
19.03 Conjunto
19.15 Campeão Português
19.30 Boletim Desportivo
20.07 Norte dia a dia
21.04 Viagens na nossa Terra
21.30 A voz da Esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A Hora do Templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

03.00 Programa 3.6.
07.30 Despertar.
08.30 Junho
10.45 O 5.º programa
11.30 Missa
12.30 Música portuguesa
13.00 Onda
13.30 Peça que não maça
14.30 Boa viagem
14.45 Música ao volante
15.30 Onda desportiva
18.00 Terço e missa
20.00 Zona verde — espaço ocupado pela família
21.00 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23ª hora
24.00 Tempo Zip

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — **Lopes Ribeiro**, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288); **Boa Hora**, R. dos Quartéis, 25-27 (Tel. 637777).

ALFAMA — **Arnali**, R. das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940).

ALVALADE — **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682); **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070); **Paris**, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (Tel. 710131); **Gasparinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465); **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803).

AREEIRO — **Vera Cruz**, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (Tel. 724941); **Onilda**, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848).

ARROIOS — **Oriental de Lisboa**, R. de Arroios, 215 (Tel. 45079).

AVENIDAS NOVAS — **Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158).

BAIRRO ACTORES — **Nobel**, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842152).

BAIRRO ALTO — **Labor**, R. Diário de Notícias, 81 (Tel. 323428).

BAIRRO AMÉRICA — **Martins**, R. Fernão de Magalhães, 33 (Tel. 849448).

BAIRRO DAS COLÓNIAS — **Colonial**, R. Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172).

BAIXA — **Morão**, Rua da Assunção, 17 (Tel. 321289); **Estácio**, Rossio, 63 (Tel. 327067 - 324224).

BENFICA — **Benfica**, Estrada de Benfica, 678 (Tel. 702532); **Sousa**, Estrada de Benfica, 429 (Tel. 780027).

CAMPOLIDE — **Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304).

CAMPO DE OURIQUE — **Portírio**, Rua Francisco Metrass, 59-B (Tel. 663349); **Ivone**, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760).

CAMPO GRANDE — (Ver Alvalade e Lumiar).

CAMPO PEQUENO — **Miranda**, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776).

CARNIDE — **Leal de Matos**, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181).

CONDE REDONDO — **Dávi**, R. Conde Redondo, 68 (Tel. 54342).

ESTRELA — **Martins**, Calçada da Estrela, 167 (Tel. 660823); **Paivas e Parente**, Rua de Santo António, 98 (Tel. 665196).

GRAÇA — **Morão**, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700).

INTENDENTE — **Góis, Lda.**, Rua dos Anjos, 12 12-D (Tel. 840101).

LUMIAR — **S. Tomé**, Estrada do Desvio, 12-C (Tel. 790704); **Alameda**, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942).

MARVILA — **Marvila**, R. Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612).

PICHELEIRA — **Marluz**, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703 - 728395).

RATO — **Soares**, Av. Alvaro Cabral, 1 (Tel. 684282).

REGO — **Prates e Mota**, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728).

RESTELO — **Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (Tel. 610256); **Tanara**, Rua Rodrigues Reinel, 3-A (na encosta do Restelo) (Tel. 611814).

SALDANHA — (Ver Avenidas Novas).

SANTO AMARO — **Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020).

SANTOS-O-VELHO — **Fontoura de Carvalho**, Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075).

S. PAULO — **Central**, Rua de S. Paulo, 108 (Tel. 320389).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — **Sagres**, Av. Luis Bivar, 69 (Tel. 47213); **Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B (Tel. 47385).

XABREGAS — **Romana**, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel. 383800).

OLIVAIS
S. Paulo, Rua Jose Campos, lote 823 (à Estrada de Moscavide). Olivais Sul (tel. 310711); **Higiene**, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (tel. 310026).

PENHA DE FRANÇA — **Nova Luz**, R. Domingos Jordão, 28-A (à Av. D. Afonso III) (Tel. 843439).

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (elef. 834589)
Campos, R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072)
Clabel, R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)

DAMAIA:
Confiança, Est. Militar, lote D (Telef. 9710231)

VENDA NOVA:
Girassol

QUELUZ:
Gil Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117)
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)

CACÉM:
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS:

Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim (Telef. 980456)

SINTRA:
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Telef. 980058)

COLARES:

COLARES:
Abreja (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Telef. 213161)

CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS:
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)

PAREDE:
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204)

S. PEDRO DO ESTORIL:
S. Pedro, (Telef. 263052)

MONTE ESTORIL:
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008)

CASCAIS:
Marginal, Av. Marginal, (Telef. 280008)
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 Telef. 224020)

ALMADA:
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Telef. 270076)

BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)

BARREIRO:
Santa Maria, R. Dr. Pacheco Nobre, 44-B (Telef. 2272141)

COVA DA PIEDADE:
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Telef. 2764486)

MOITA:
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO:
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)

SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)

SETUBAL:
Rosado Pinto, P. do Bocage, (Telef. 22484)
Nova, R. General Gomes Freire (Telef. 22052)

SEIXAL:
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, Suc. R. de Costa Cabral, 240; **Central**, Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, Rua Cedofeita, 348; **Magalhães**, Rua Serralves, 566; **Nova de Monsanto**, Rua Monsanto, 148; **Ribeiro Júnior, Suca**, Rua Firmeza, 99-A

SUB-TURNO B

Correia, P. M. de Albuquerque, 50; **Corujeira (da)**, R. S. Roque Lameira, 1473; **Couto**, L. S. Domingos, 106; **Lapa (da)**, Rua Antero Quental, 211; **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

Silva Soares, R. M. de Albuquerque, 26 - 28 (tel. 26554); **Vilaça, I.d.ª**, R. Ferreira Borges, 132 (tel. 22043); **Cruz e Costa**, R. A. Vasconcelos, 71 - 71 - A (tel. 22715).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
«ALAMO»
com John Wayne e Richard Widmark

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D 18 anos)
9.ª Semana
«A REGRA DO JOGO»
Uma obra-prima de Jean Renoir.

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
19.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D (18 anos)
«A SOLUÇÃO FINAL»
História de uma vítima acertadamente escolhida com Tomas Milian e Kata Christina

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
«MELODY»
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde
CINEMA - SNACK BAR - PUB THE FLAG
(Faça 3 coisas num sítio só)

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 18 anos)
«AS CRUÉIS» com Capucine e Judy Matheson e «O SAMBA DA MORTE»
(Maiores de 10 anos)
EU JULGAVA O MORTO e O ELOGIO DA PERGUIÇA

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA» com Gene Hackman e Roy Scheider e «UM PERIGO CHAMADO CAPRICHO»

POLITEAMA (Tel. 316305)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D-18 anos
«DIREITO DE VINGANÇA». Nem paixões das mulheres nem ódio dos homens o desviaram do seu fim com Klaus Kinski e Alan Collins.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 21.45
(Grupo B- 10 anos)
22.ª Semana «TRINITÁ» (Cow-boy insolente) com Buel Spencer e Terence Hill

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo A - 6 anos)
«LE MANS» com Steve Mc-Queen a 300 km.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
O filme de Jean Luc Godard MADE IN U.S.A. com Anna Karina e Jean Pierre Leaud

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos
6.ª Semana. «O AMANTE» com Bibi Anderssen e Elliot Gould num filme de Ingmar Bergman.

IMPÉRIO (Tel. 595134/5
15.15 - 18.30 - 21.30
Grupo B - 10 anos
A receita francesa para ganhar concursos de TV. OS AZARES DE UM HOMEM DE SORTE com Pierre Richard. Metro-Alameda. Color.

ALVALADE (Tel. 717480
15.00 - 21.00
Adultos.
IX Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa. Filmes esquecidos. «A primeira vitória» de Preminger com John Wayne e Kirk Douglas. O MORTO ERA OUTRO de Jerry Lewis com Sammy Davis e Peter Lawford

ESTÚDIO 444 (Tel. 655134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«O PREÇO DA FOME» uma sátira humana.
00.30
(M. 18 anos)
A DOCE VIDA DA CASTA SUSANA.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos
Charles Bronson, Anthony Perkins e Jill Ireland «DÍVIDA DE ÓDIO»-90 minutos de constante angústia.

CASINO ESTORIL
17.00 1 21.30
(Grupo C. M. 14 anos)
NUMA ÁRVORE EMPOLEIRADO

CONDES (Tel. 322523)
(Grupo D - 18 anos)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
«A CONDESSA DRACULA»
Uma realização de Peter Sasdy com Ingrid Pitt, Niger Green e Sander Eles

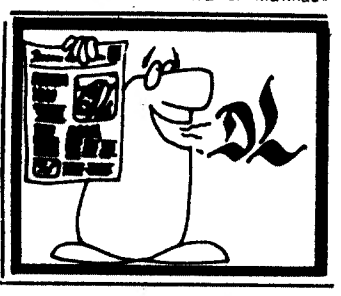
EDEN (Tel. 320768)
15.00 - 21.00
Adultos
IX Ciclo de cinema da Casa da Imprensa. Filmes esquecidos. O MORTO ERA OUTRO de Jerry Lewis com Sammy Davis e A PRIMEIRA VITÓRIA de Preminger com J. Wayne, K. Douglas.

S. JORGE (Tel. 54153/4
15 e 21.30
3.ª Semana
(Grupo C-14 anos)
«DA TERRA NASCEM OS HOMENS» com Gregory Peck e Charlton Heston
18.30
Grupo D 18 anos
«A MULHER E O AMOR»
Hoje, às 18.30 (M. 18 anos) UM HOMEM DE QUEM EU GOSTO. Amanhã, M. 18 anos) A CHAMADA

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D 18 anos) 2.ª Semana «Reg Verney, Daris Hare e Stephen Lewis «CURVAS NA ZONA» um filme permanente gargalhada uma comédia colorida onde a malandrice anda à solta

APOLO 70 (Tel. 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«PEDRO SÓ» um filme de Alfredo Tropa, premiado no Festival de Valladolid 1972
24 h. Grupo D-18 anos
«CHICAGO, CHICAGO»
amanhã, às 11.00 (M. 6 anos) CHARLIE E SNOOPY

ROMA (Tel. 727778)
15.15 e 21.15
(Grupo B-10 anos)
«HELLO DOLLY» com Barbara Streisando e Walter Matthau»



outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Deseja-se mulher»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«A outra morte de Inês».

LAURA ALVES
20.45 e 23.00
«Uma cama para toda a gente».

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Um inimigo do povo»

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.00 (14 anos)
«O Mercado Vermelho»

CINEARTE
«Encruzilhada de sentimentos»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Márcia em Nova York»

MAYER
21.00 (10 anos)
«Nem sempre se pode ganhar»

OLYMPIA
21.00 (10 anos)
«Strogoff» e «Acaba com eles e volta só.»

UNIVERSAL
21.00 (14 anos)
«Quando as pistolas decidem»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«Viagem para o Inferno»

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.45 (10 anos)
«Aventura na cidade»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Shaft»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (10 anos)
«Muito obrigado sr. Scrooge»

PAREDE
(10 anos)
Ursus na terra do fogo»

ESTORIL
Casino
18.30 - 21.30 (14 anos)
«Numa árvore empoleirado»
Palácio
21.30 (18 anos)
«O Malandro»
Esplanada
21.30 (14 anos)
«Arabesco»

CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«Os veteranos de Tobruk»

LINHA DE SINTRA

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.30 (10 anos)
«O Grande combate»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Tarzan e os piratas»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«O Golpe»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«Os Piratas do Arquipélago»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Viva a Pándega»

PORTO Cinemas

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Três homens em fuga»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Corações impacientes tocaram-se... e especaram o Mundo»

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«A grande aventura de Hanibol» e «O Perigo das mulheres»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Vidas inquietas»

OLÍMPIA
21.30 (10 anos)
«Tarzan em Nova York»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A Rapariga e o grego»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Caça do homem»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O último resgate»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«A Espada normanda»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Isto é espectáculo»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«A última granada»

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (18 anos)
«Os impostores»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«A Vingança de Spartacus»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Duelo à beira rio»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Tristana»

AVENIDA
21.30 (14 anos)
«Siga aquele camelo»

SOUSA BASTOS
21.30 (14 anos)
«Gungala a virgem da Selva»

LEIRIA/cinemas

LEIRIA
21.30 (18 anos)
«E Deus criou a mulher»

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Mauricio. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

FRAGATA REAL — Elenco: Deolinda Rodrigues e Arminda da Conceição em Fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra. Acompanhamentos à guitarra e viola por António Parreira e Francisco Gonçalves. **Trav. de S. Miguel, N.º 22, Alfama. Telef. 868552**

ADEGA MESQUITA
Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam António Luis Gomes e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 329307.**

FORCADO
Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins, Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa 221 - Telefone: 368579

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760

ARREDA Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.ªs feiras. Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/358197**

TAMILA Marão e s/conjunto. «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

HIPOPOTAMO Com Helder Reis. Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade, 9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luís Tomar; fado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sérgio. Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. **Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver). **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

DL/DOMINICAL

VII F.I.C.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º?,º E-4.º
TELEF: 654531/ 2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTE JÁ TEM PASSAPORTE

Paulo de Carvalho não deverá ser votado pelos leitores do «DL»: ele já está com lugar garantido no Festival Internacional da Canção no Rio, especialmente convidado. Este ano, porém, serão dois os nossos representantes e ao leitor cabe exactamente escolher o cantor ou cantora que acompanhará Paulo de Carvalho

O «Diário de Lisboa» começa hoje a publicar os cupões de voto para a escolha de um intérprete português que vai representar a nossa canção no VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro. A publicação dos cupões prolongar-se-á até ao dia 10 de Agosto, o que dará a possibilidade aos nossos leitores de votarem quantas vezes acharem necessárias no intérprete que, por isto ou por aquilo, lhes pareça mais digno de representar a canção portuguesa num festival de tão grande prestígio. O processo é simples: basta recortar o cupão que o nosso jornal publica, escrever com letra bem legível o nome do intérprete da sua preferência e enviá-lo para o «Diário de Lisboa» Rua Castilho, 185.

O JÚRI

Repare-se no parágrafo 21 do Regulamento do Festival Internacional da Canção, no Rio: «O Julgamento estará a cargo de 2 (dois) juris: a) **Júri Internacional** — integrado por 15 (quinze) elementos escolhidos pela Direcção do Festival entre personalidades de cada um dos países convidados, liderados por um presidente sem direito a voto; b) Júri Popular — integrado por elementos escolhidos entre o público brasileiro de acordo com critério a ser estabelecido pela Direcção do Festival, liderados, também por um presidente sem direito a voto.»

Mais adiante, precisamente no parágrafo 22, pode ler-se: «O Júri Popular funcionará apenas na fase internacional do dia 1 de Outubro.»

Estamos, portanto, «dentro da jogada», mas da «jogada» de lá.

Por cá, temos também, um júri popular do qual você, leitor, faz parte. E não se esqueça: Paulo de Carvalho não poderá ser votado, porque já está com lugar certo no Festival. Os leitores escolherão, portanto, o segundo representante da canção portuguesa.

Um «galo de ouro» galardoará a canção que obtiver maior número de votos em cada júri, ou seja, no popular e no internacional, podendo a mesma música obter os dois prémios. A cada vencedor corresponderá um prémio em dinheiro no valor de cem mil cruzeiros (cerca de quinhentos mil escudos), sendo vinte por cento dessa quantia destinada ao intérprete. Que tal?

PARA REPRESENTAR PORTUGAL

NO

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR

DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

.....

Envie por favor em postal ou carta para «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA

ESCOLHA UM CANTOR PORTUGUÊS PARA O RIO

TODOS SÃO CANDIDATOS

Paco bandeira

Carlos Mendes

Duarte Mendes

Tonicha

Irene Silva Carvalho

Carlos Alberto Moniz

Teresa Paula Brito

as suas férias 72
CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47-A Tel. 560171

VIAGENS INDIVIDUAIS

Avião e Autocarro:

Marrocos	8 dias	6.960$
Roma e Florença	9 »	7.870$
Circuito dos 5 Países	9 »	8.850$
Grécia e Roma	12 »	10.800$
Alemanha Romântica e Benelux	10 »	10.950$
Itália	14 »	12.500$
Jugoslávia	16 »	13.520$
Capitais Europa Central	16 »	15.990$
Grécia e Itália	19 »	16.060$
Turquia e Grécia	22 »	21.070$
Rússia e Escandinávia	23 »	25.400$

Avião:

Aprenda Inglês em Inglaterra	15 dias	6.750$
Marrocos	8 »	3.000$
Tour da Europa	23 »	10.950$
(*) Capitais Escandinavas	11 »	12.600$

Avião e Automóvel:

Suíça	8 dias	5.900$
Áustria	10 »	7.500$

(*) Descontos a familiares.

Também temos viagens acompanhadas

CONSULTE-NOS

CRISTO SUPER-STAR EM LONDRES

LONDRES, — Está prevista para o dia 9 de Agosto a estreia em Londres do espectáculo «Jesus Christ Superstar», segundo o texto de Tim Rice e Andrew Lloyd Webber. O mesmo espectáculo está, também, a ser apresentado na Austrália, na Dinamarca, na França e no Brasil.

NICHOLSON E BEATTY JUNTOS

NOVA YORK, — O escritor e cineasta James Clavell vai rodar uma película baseada no seu romance «Tai-Pan» e tenciona convidar para os principais papéis os actores Warren Beatty e Jack Nicholson.